

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

JEFFERSON CAVALCANTI LIMA

**VIVÊNCIAS E OLHARES: O COLONIALISMO E AS LUTAS DE
LIBERTAÇÃO DA ARGÉLIA NA CONSTRUÇÃO DE FRANTZ
FANON E PIERRE BOURDIEU**

Curitiba
2015

JEFFERSON CAVALCANTI LIMA

**VIVÊNCIAS E OLHARES: O COLONIALISMO E AS LUTAS DE
LIBERTAÇÃO DA ARGÉLIA NA CONSTRUÇÃO DE FRANTZ
FANON E PIERRE BOURDIEU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira

Curitiba
2015

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (PPGA) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **Jefferson Cavalcanti Lima**, intitulada: "*VIVÊNCIAS E OLHARES: O COLONIALISMO E AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO NA ARGÉLIA NA CONSTRUÇÃO DE FRANTZ FANON E PIERRE BOURDIEU*", após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em Antropologia Social**.

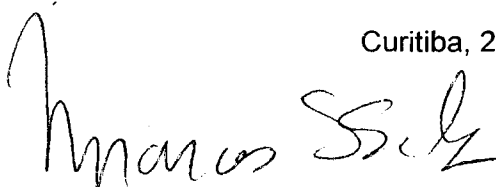
Considerações adicionais da Banca Examinadora:

.....

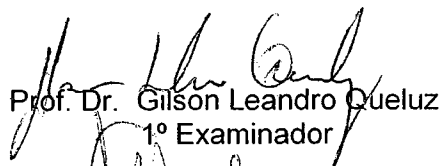
.....

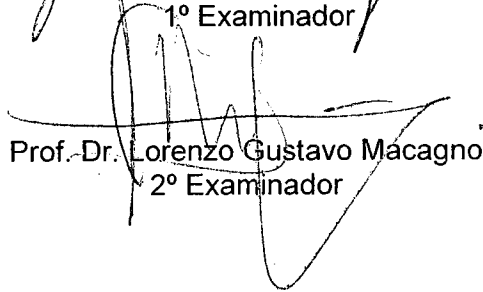
.....

Curitiba, 28 de setembro de 2015.



Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. Gilson Leandro Queluz
1º Examinador


Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno
2º Examinador

Aos Condenados da terra

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Senhor Nrsimhadeva pela companhia durante os mais de 15 mil quilômetros percorridos no trajeto Guarapuava-PR – Curitiba nos 28 meses de pesquisa.

Ao professor Marcos Silva da Silveira, que além de orientar esse trabalho, me orientou acerca de posturas outras, tanto de base profissional quanto existencial.

Ao professor Hector Guerra pela presença na banca de qualificação, assim como, aos professores Gilson Queluz e Lorenzo Macagno pela participação na banca de defesa.

Aos professores Miguel Carid e Paulo Guérios, e a professora Ciméa Bevilaqua, pela rigidez e pelas ótimas aulas ministradas.

Aos colegas de PPGA, pelas conversas, pelos desencantamentos, pelos encantamentos passageiros, e mais que isso, pelo amadurecimento oriundo desse convívio.

Aos amigos que moram em Curitiba, sem vocês este trabalho jamais teria sido concluído. Afinal, vocês me deram casa, comida e carinho em momentos cruciais.

Aos amigos de São Paulo, por terem se mantido firmes e por consequência, por terem me ajudado a não desistir – isto também inclui o pagamento de um mês do meu aluguel. Jamais esquecerei.

Aos meus pais e irmã que, de certo modo, colaboraram para a realização e para as reflexões deste trabalho.

À minha companheira Fernanda Yoçono Handa, que suportou as diversas crises existenciais dos últimos anos, e mesmo através de conflitos intensos, colaborou para a feitura do trabalho.

Aos atuais colegas de trabalho, pelas trocas sinceras de inspirações, e aos antigos colegas, em especial o amigo Felipe Yanez.

Ao professor José Alves da Silva, que na minha adolescência acabou por me dar esperanças para além do meu campo.

À minha vida em São Paulo, pois lá aprendi a valorizar o mínimo e conter certas ilusões. Aos dias na gélida Guarapuava-PR.

Debout les **damnés de la terre/**

Debout les forçats de la faim/La raison tonne em son cratère
C'est l'éruption de la fin.
Du passé faisons table rase
Foule, esclaves, debout, debout
La monde va changer de base
Nous ne sommes rien, soyons tout!

L'internationale
Ogéret Marc

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pleitear as experiências vividas e os olhares projetados por Pierre Bourdieu e Frantz Fanon durante as lutas de libertação da Argélia entre os anos de 1954-1962. Parte-se do pressuposto que tais vivências colaboraram de forma profícua para os processos de agenciamento de ambos os autores, mesmo que de forma díspare e pautada em certas idiossincrasias. No tocante dessas idiossincrasias, observadas tanto pelas trajetórias, bem como, pelos materiais bibliográficos produzidos durante e/ou sobre essa experiência argelina, visou-se elucubrar um panorama de estratégias fomentadas por ambos os autores através de suas mediações com os demais agentes envolvidos no campo das lutas de libertação da Argélia, bem como, com as instituições nas quais estes estavam em contato. Trata-se de uma pesquisa baseada em produções bibliográficas e para tal, abarcou todas as atividades vinculadas a este tipo de abordagem, como a localização e consulta das fontes, a coleta de dados gerais e específicos, bem como, o tratamento através de referenciais em específico. No que tange aos resultados da pesquisa, o autor considera ter colaborado de certa forma, para novas discussões acerca dos usos da literatura de Frantz Fanon e Pierre Bourdieu no contexto brasileiro, ademais, possibilitado a sugestão de novos estudos sobre o tema.

ABSTRACT

The present work has as objective plead the lived experiences and the projected views by Pierre Bourdieu and Frantz Fanon during the Liberation struggle of Algeria between the years of 1954-1962. Assuming the presumption that such lived experiences had collaborated in a profitable way to the agentive (intermediation) process of both authors, even if it were in unequeal and lined ways in some idiosyncrasies. Concerning such idiosyncrasies, observed by the trajectories, as well as by the bibliographic material produced during and/or about this Algerian experience, it was aimed to lucubrate a view of encouraged strategies by both authors through their mediation with the other agents wrapped in the fields of the liberation fights for Algeria, as well as with the institutions in which these were in touch. It is a research based in bibliographic productions, and for such, has spanned all the activities bounded to this type of approach, like the localization and consult of the sources, the general data collection and specific ones, as the treatment through selected referential. In what concerns the results of the research, the author consider that has collaborated in certain way, to new discussions about the uses of the literature of Frantz Fanon and Pierre Bourdieu in the Brazilian context, moreover, allowing the suggestion of new studies about the theme.

LISTA DE SIGLAS

CCE – Comitê de Coordenação e Execução

CNRA – Conselho Nacional da Revolução Argelina

CRUA – Comitê Revolucionário de Unidade e Ação

ELN – Exército de Libertação Nacional

ENA – Estrela Norte Africana

FLN – Frente de Libertação Nacional

GPRA – Governo Provisório da República Argelina

OES-Organização do Exército secreto

OS – Organização Especial

PCA – Partido Comunista Argelino

PPA – Partido do Povo Argelino

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Hipótese, objetivos e disposição do trabalho.....	10
1.2 Das minhas relações com o tema:.....	13
2. O COLONIALISMO E AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO DA ARGÉLIA A PARTIR DO DIÁLOGO EM PERSPECTIVA ENTRE PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON.....	19
2.1 O CONTROLE DA NATUREZA E DOS RECURSOS NATURAIS:.....	21
2.2 O CONTROLE DA ECONOMIA:.....	26
2.3 CONTROLE DA SUBJETIVIDADE E DO CONHECIMENTO.....	29
2.4 CONTROLE DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE.....	37
3. DOIS CAMPOS E DOIS INTÉRPRETES: OS ESPAÇOS DE ENUNCIAÇÃO DE PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON.....	43
3.1 PIERRE BOURDIEU E O CAMPO CIENTÍFICO.....	45
3.2 FRANTZ FANON E O CAMPO POLÍTICO:.....	57
3.2.1 Estratégias anteriores:.....	58
3.2.2 Da Revolta Popular ao Projeto Político.....	63
4. PREDILEÇÃO E DISTANCIAMENTO ENTRE OS CAMPOS DA CIÊNCIA E DA POLÍTICA EM PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON – NOTAS SOBRE DUAS TRAJETÓRIAS.....	77
4.1 A INSERÇÃO NO CAMPO CIENTÍFICO COMO FITO:.....	79
4.2 ESTRATÉGIAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: INÍCIO DA HETERODOXIA DE PIERRE BOURDIEU E DO DISTANCIAMENTO DE FRANTZ FANON.....	86
4.3 NA ARGÉLIA A REARTICULAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS CIENTÍFICAS: ELEMENTOS PARA A HETERODOXIA DE PIERRE BOURDIEU E PARA O DISTANCIAMENTO DE FRANTZ FANON.....	96
4.4 APÓS A ARGÉLIA: A MATERIALIZAÇÃO DA HETERODOXIA DE PIERRE BOURDIEU E A MORTE DE FRANTZ FANON.....	101
4.5 SOBRE AS RELAÇÕES HIERÁRQUICAS NAS TRAJETÓRIAS CIENTÍFICAS E POLÍTICAS DE PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON:.....	105
5. CONCLUSÃO:.....	109
5.1 DOS RESULTADOS OBTIDOS:.....	109
5.2 SOBRE ALGUMAS LEITURAS, INTERPRETAÇÕES E SENSACÕES ACERCA DA OBRA DE FRANTZ FANON NO CONTEXTO BRASILEIRO:.....	111
5.2 A ETNOLOGIA (AINDA ESQUECIDA) DE PIERRE BOURDIEU:.....	118
REFERÊNCIAS.....	121

1. INTRODUÇÃO

1.1 Hipótese, objetivos e disposição do trabalho

Este trabalho visa discutir as impressões de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon sobre os processos que permearam as ações coloniais e as lutas de libertação na Argélia. Assim como, o impacto destes eventos históricos nas construções analíticas, e nas estratégias pessoais de ambos. Os autores mencionados tiveram a oportunidade de vivenciar *in loco* os processos de independência do país e, a partir desta experiência, construíram observações sobre os acontecimentos nos quais estavam circunscritos. Ademais, mediatizados por espaços e agentes diferenciados, de certo modo, as construções acenam para temáticas relacionadas.

Em vista destes fatos, o objetivo deste trabalho é a proposição de uma dialogia em perspectiva entre os olhares de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon sobre a temática argelina, considerando as vivências de ambos, enquanto parte constitutiva das construções textuais. Com vistas a contemplar este objetivo, o trabalho se organiza em torno de três focos específicos. O primeiro, inserir e analisar as representações dos autores sobre o tema; o segundo, identificar os espaços de enunciação aos quais estes estavam situados; e em terceiro, indicar as vivências enquanto parte integrante no processo de elaboração intelectual.

A hipótese investigativa é a de que, embora Pierre Bourdieu e Frantz Fanon não partilhassem de alguma proximidade naquela circunstância, as projeções efetuadas sobre o tema estariam propícias para um diálogo em perspectiva, ainda que, em momentos pontuais seja perceptível o distanciamento. Em paralelo, consideramos que a existência destas situações de dialogia e afastamento são elementos também expressos nas trajetórias de ambos.

Para compreender este movimento dialógico entre as construções de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon e ao mesmo passo, o contexto das lutas de libertação da Argélia, o presente trabalho está dividido em três blocos.

Primeiramente, com vistas a abordar a primeira sentença presente na hipótese, o capítulo denominado: **O colonialismo e as lutas de libertação da Argélia vista a partir de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon** traz como objetivo central, apresentar as formas como ambos descreveram o contexto argelino nas lutas de libertação, situando-os através

do quadro analítico de dois pensadores pós-coloniais latino-americanos, respectivamente, Aníbal Quijano e Walter Mignolo.

Da posse desta fundamentação teórica, de Quijano, me aproprio de seu conceito de colonialidade, neste momento, compreendido como expressão da modernidade europeia em espaços coloniais, e em suas diversas formas de execução.¹

Através deste conceito, se faz possível reler Bourdieu enquanto crítico da modernidade e da experiência francesa na Argélia, embora ressalva seja feita aos vínculos de Bourdieu com a administração colonial e das limitações implícitas nessa relação. Em paralelo, através das lentes da colonialidade, aproximo-o de Frantz Fanon. Para além do conceito de Quijano, como forma de aproximação entre Bourdieu e Fanon, julgo pertinente, mapear as produções de ambos os autores, a partir de categorias fomentadas por outro teórico pós-colonial, o argentino, Walter Mignolo.²

As categorias a que me refiro, são parte do conceito denominado por Mignolo como **colonialidade e poder**. Em outros termos, a experiência colonial, segundo o autor, articula-se através de esferas de controle erigidas independentemente, no entanto, movidas por um diálogo constante. São respectivamente estas esferas de controle: **Controle da natureza e dos recursos naturais, Controle da economia, Controle da subjetividade e do conhecimento e Controle do gênero e da sexualidade**.

Deste modo, através destas categorias sugeridas por Mignolo, o exercício proposto para o diálogo em perspectiva entre Bourdieu e Fanon, é mapear as impressões de ambos, utilizando como instrumental, as esferas de colonialidade e controle.

Em linhas gerais, a opção por enquadrar as produções de ambos os autores, através destas categorias, permite não apenas fomentar um diálogo em perspectiva, mas também, compreender como que, estas escritas e as diferenciações presentes, se configuram dentro de um problema que não estava circunscrito apenas ao próprio contexto argelino, mas também, ao contexto acadêmico e político de ambos.

Para o capítulo subsequente, **Dois campos e dois intérpretes: Os espaços de enunciação de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon** situo em que campo os trabalhos de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon estavam dialogando, para que deste modo, seja possível mensurar a intencionalidade de cada projeção, assim como, os efeitos desta projeção nos olhares dispendidos sobre a Argélia.

1 QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/razionalidad. Perú Indígena, vol.13, n.29, Lima, Instituto Indigenista. 1992.

2 MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

Diferentemente do uso convencional do termo campo em antropologia, gostaria de frisar que os olhares de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon são oriundos de um campo específico, e neste caso, me refiro ao conceito de campo, articulado por Bourdieu durante sua trajetória intelectual.

O conceito de campo utilizado por Bourdieu, um dos elementos teóricos de sua perspectiva praxiológica, baseia-se na premissa de que, a partir da secularização das atividades humanas, estas estariam circunscritas em campos de atuação, uma espécie de microcosmo separado no interior do mundo social.³ Onde, mediadas pelas atividades dos agentes, em diálogo com as regras estabelecidas pela estrutura do campo, e neste sentido, cerceadas por um constante conflito, se dão relações de empoderamento específicos para cada campo.⁴

Tendo em vista o uso do termo *campo*, gostaria de pensar a existência de idiossincrasias entre Bourdieu e Fanon a partir das dinâmicas que cada campo exigiu para o agente, e compreendê-los, através do ideário que, Bourdieu projetaria seus olhares sobre a Argélia imerso no *campo científico*, enquanto que Fanon, através do *campo político*.

Em um terceiro momento, a fim de indicar as trajetórias como elemento importante para a construção da alteridade de Bourdieu e Fanon em relação aos nativos argelinos, foi elaborado o capítulo: **Notas sobre duas trajetórias: A experiência vivida de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon.**

Para este momento, utilizo como *corpus analítico*, obras centradas nas trajetórias de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon. Sobre a trajetória de Fanon, utilizo os trabalhos de pensadores latino-americanos, assim como, de comentadores de língua inglesa oriundos da Inglaterra e Estados Unidos da América, já em Bourdieu, o acesso se deu sob fontes de origem francófona, e em momentos específicos em comentadores de língua inglesa.

Considerando os cuidados necessários, a leitura desses materiais se dá a partir de certas discussões sobre trajetórias como as elaboradas por Clifford Geertz em *Obras e Vidas o antropólogo como autor*, Bourdieu em *A ilusão Biográfica*—Bertaux em *El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades*. A importância da compreensão crítica destes materiais é concernente à necessidade de mensurarmos as relações antropologia, escrita e alteridade. Tomando as trajetórias de Pierre Bourdieu e

3 BOURDIEU, Pierre. *Algumas propriedades dos campos*: In: Questões de Sociologia. Lisboa: Fim de século, 2003. pp. 119-126.

4 BOURDIEU, P. Le champ scientifique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976 In: ORTIZ, Renato (org.). 1983. Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p. 122-155.

Frantz Fanon como elemento relevante nas projeções sobre a temática argelina.

1.2 Das minhas relações com o tema:

Cabe acrescentar neste momento, mesmo que de forma sintética, os estímulos que me levaram a formulação deste trabalho.

Em primeiro plano, meu contato com a temática das lutas de libertação da Argélia, não se deu diretamente através do acesso à literatura de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon sobre o tema. Mas sim, pelo contato, com o texto de Sartre, apreciado na época da graduação, em uma disciplina sobre história contemporânea. O texto de Sartre ao qual me refiro é *O colonialismo é um sistema*, onde o autor anuncia seus posicionamentos sobre a ocupação francesa na Argélia e traz um mapeamento em esfera macro, acerca das especificidades da experiência colonial.

O engajamento de Sartre, expresso através dos textos que obtive contato posteriormente, todos reunidos na obra *Colonialismo e Neocolonialismo*⁵, me suscitaram o desejo de buscar novas referências, não apenas sobre a temática argelina, mas também sobre os processos de descolonização africana durante os anos de 1950/1960.

Deste desejo, acabei me matriculando no curso de difusão de estudos africanos, organizado pelo CEA-USP, onde no decorrer de seis meses, pude me debruçar sobre temáticas como racismo e descolonização. O curso era organizado através de palestras semanais, onde o propositor trazia consigo algum objeto de pesquisa e uma sugestão de exercício a ser contemplado no decorrer da semana⁶.

Sob este modelo de curso, tive contato com a Prof.^a Tânia Macedo, docente do CEA-USP, e sua aula-palestra que trazia como temática, dois intelectuais importantes no contexto da descolonização africana, Albert Memmi e Frantz Fanon. A leitura sugerida para a aula foi o capítulo da obra de Fanon, *Os condenados da Terra*, chamado Violência, e o prefácio elaborado por Sartre à Fanon, e de Albert Memmi, sugeriu-se a leitura da primeira parte da obra, denominada Retrato do colonizador, e também o prefácio de Sartre à Memmi. Em síntese, minha busca por compreender os processos descolonizadores, ao menos até este momento, implicava ter contato com Sartre, algo que seria problematizado em minhas buscas apenas a posteriori.

5 SARTRE, Jean Paul. *O colonialismo é um sistema*. In *Colonialismo e Neocolonialismo* (situações, V). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

6 CEA-USP (Centro de Estudos Africanos) fundado em 1965 está vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Oferece cursos para a formação continuada na área de africanidades e estudos africanos para professores da educação básica e interessados em geral. <http://cea.fflch.usp.br/>

Após a aula sobre Fanon e Memmi, efetuei buscas acerca das obras utilizadas na aula da Prof. Tânia Macedo, e acabei optando por estudá-las. A obra de Memmi, muito mais didática, e sucinta do que a de Fanon foi mais bem absorvida, no entanto, o posicionamento mais agressivo de Fanon, exerceu certo fascínio sobre a minha pessoa, fosse pelo meu contato anterior com o pensamento de Malcolm-X, fosse pela minha trajetória pessoal, de morador de uma das regiões, que nos anos de 1990, foi considerada pela ONU como uma das regiões mais inóspitas para se viver, o que de certo modo, me causava uma relação de estranhamento em relação às descrições de Fanon acerca dos espaços habitados pelas camadas pobres e argelinas em Argel.⁷

Ainda das relações de Fanon com Malcolm-X, embora tenha descoberto posteriormente que Malcolm-X não havia lido Fanon⁸, eu enxergava de certa forma, uma aproximação, fosse pela postura de um não colaboracionismo em relação às classes dirigentes, ou pela representatividade que ambos exercem sobre o movimento negro estadunidense, em específico no movimento hip hop.⁹

Sobre a minha trajetória pessoal, enxergava na caracterização de Fanon sobre a situação colonial, elementos aproximados ao contexto nos quais meus pais e eu estávamos alocados em uma região periférica de São Paulo naquele momento.

Ambos migraram para São Paulo na esperança de obter oportunidades melhores do que as que estavam acometidos em Pernambuco e Minas Gerais e ao chegarem à São Paulo, acabaram por vivenciar experiências de violência e de discriminação, tanto de ordem racial quanto de classe.

Minha mãe é o que se refere a alcinha de parda, e ao migrar de Pernambuco ainda aos 15 anos de idade, sem nenhuma qualificação profissional ou acadêmica, passou a exercer funções subalternas em fábricas e hoje trabalha como diarista em áreas centrais da cidade. Enquanto que meu pai, outrora operário em uma metalúrgica, passou por empregos informais durante 11 anos, e hoje trabalha no estoque de uma loja de variedades.

Esta situação de subalternidade dos meus pais, de certo modo, foi rearticulada em

7 Em 1996, o Jardim Ângela, em São Paulo, foi considerado pelas Nações Unidas como o núcleo urbano mais violento do mundo. As estatísticas apontavam 120 assassinatos/ano para cada 100 mil habitantes. <<https://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=740>>.

8 Lendo a obra do historiador americano Manning Marable, *Malcolm-X: uma vida de reinvenções*, descobri que há um equívoco em cogitar o contato de Malcolm-X com a literatura de Frantz Fanon. Ver páginas: 214, 226, 408, 444, 537.

9 Parte dessa aproximação se deu pelo meu contato com o filme do diretor estadunidense Mario Van Peebles *Phanther* – onde a construção do Partido dos Panteras Negras é relatada através do interesse dos integrantes tanto pela literatura de Frantz Fanon assim como, pelo posicionamento de Malcolm-X sobre a situação negra nos Estados Unidos da América.

meus pensamentos através do contato com a obra de Fanon, ao passo que, passei a analisar certas dinâmicas da minha localidade tomando como base certas argumentações presentes em Fanon. Da noção de subalternidade, em certo ponto, emprestada de Antônio Gramsci, onde as camadas pobres são conotadas enquanto periferia da classe dirigente, através da leitura de Fanon, consegui estabelecer de forma mais bem acentuada a minha situação perante o meu contexto.

Esta relação de alteridade pelo estranhamento à situação argelina expandiu-se com o transcurso de minhas buscas por novos materiais e do contato com os escritos de Bourdieu sobre a Argélia, primeiramente em seu livro *Argelia* e *Argelia 60: Estructuras económicas y Estructuras temporales*.

Ao lidar com a saída de argelinos de áreas afastadas de Argel para a capital, Bourdieu evidenciou as dificuldades para a adaptação de certos hábitos urbanos. Esta inabilidade descrita por Bourdieu suscitou-me ainda mais, a perspectiva de que a minha situação enquanto filho de “caipiras” e desqualificados para a reestruturação dos ambientes de trabalho em São Paulo, que passou de uma metrópole industrial para se tornar um local de prestação de serviços, dialogava mesmo que apenas na minha subjetividade com as situações coloniais argelinas.¹⁰

Ainda em Bourdieu, em período anterior a descoberta destes materiais, me recorro de jamais ter escutado ou lido sobre quaisquer relações entre ele e a Argélia. Minhas relações com o autor, em período anterior à pesquisa, se deram em seus escritos sobre educação, área na qual, eu já efetuava leituras com certa periodicidade.

Tomei conhecimento das relações entre Bourdieu e a Argélia através de buscas na internet. Nesta busca, encontrei um trabalho em específico, que de certa forma, daria às minhas inquietações um significado ainda mais complexo. Trata-se da obra de Michael Burawoy, *O marxismo encontra Bourdieu*, mais especificamente, o capítulo Colonialismo e Revolução: Fanon encontra Bourdieu.¹¹

O esforço de Burawoy no transcurso do capítulo é apresentar uma possível relação entre as análises de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon, estabelecendo como paralelo, um diálogo velado de Bourdieu com o marxismo, e a perspectiva possivelmente marxista em

10 Neste período de 'transição', meu pai ficou sem conseguir um trabalho formal entre os anos de 1998 até 2009. E minha mãe, anteriormente operária em uma fábrica de cerâmica, acabou se tornando diarista em casas das regiões nobres de São Paulo.

11 A obra foi publicada pela editora da Unicamp em 2011, e traz como panorama seis conferências ministradas pelo autor no Havens Center de Wisconsin. Nessas conferências, Burawoy traz como objetivo trazer à tona um diálogo velado entre Pierre Bourdieu e o marxismo, estabelecendo diálogos entre Bourdieu e Marx, Gramsci, Fanon, Simone de Beauvoir e Wright Mills.

Fanon.

Deste trabalho de Burawoy, encontrei elementos de meu interesse para pensar a descolonização argelina. Primeiramente, porque eu mesmo jamais tinha lido quaisquer produções de Bourdieu sobre a Argélia, e em segundo plano, pela simpatia que tinha por Bourdieu e seus estudos sobre escolarização.

No entanto, mais que isso, eu havia recém-conhecido Fanon, e no trabalho de Burawoy, uma passagem de Bourdieu em torno de Fanon acalentou ainda mais minha busca por informações sobre o tema.

Na passagem, extraída por Burawoy de uma entrevista com Pierre Bourdieu, elaborada pelo historiador James Le Sueur, lê-se:

Aquilo que Fanon diz não corresponde à realidade: É até perigoso fazer os argelinos acreditarem nas coisas que ele afirma. Isso só seria entretê-los com utopias e ilusões. Eu acho que esses homens [Sartre e Fanon] contribuíram para transformar a Argélia naquilo que ela se tornou, porque eles contam histórias para cidadãos argelinos que, muitas vezes, desconhecem seu próprio país mais do que o francês que fala sobre ele, e, com isso, os argelinos conservam ilusões utópicas e completamente irrealista acerca da Argélia. [...] Os textos de Fanon e de Sartre são assustadores por sua irresponsabilidade. É preciso ser megalomaniaco para pensar que se pode dizer tanta coisa sem sentido.¹²

Na proposta do autor, a visão de Bourdieu sobre Fanon deveria ser reconsiderada, e analisada sob a perspectiva de que, embora ambos tenham desfrutado de posicionamentos antagônicos durante o contexto das lutas de libertação, certas análises da conjuntura argelina, foram pensadas a partir de uma perspectiva semelhante.

Apesar do esforço de Burawoy em mapear estas análises, talvez pela condensação do argumento em um breve capítulo, ou pela tentativa de compreender Fanon e Bourdieu sob o mesmo referencial analítico, no caso o materialismo histórico de Marx, a interpretação fomentada acena para diversas lacunas. Como por exemplo, a tentativa de compreender a elaboração Bourdieusiana, tomando como premissa sua aproximação com o materialismo histórico, acabou por reduzir as contribuições de Bourdieu à sociologia contemporânea ao mero desdobramento do pensamento de Marx – além disso, implicaria silenciar os diálogos de Bourdieu com outros intelectuais em seu vasto leque de referências encontrados em sua bibliografia.

Mesmo sob esta perspectiva, tolher a experiência racionalizada por Fanon em seus textos, através de uma leitura marxista, seria desconsiderar os elementos relevantes da

¹² LE SUEUR, James. *Uncivil war: intellectuals and identity politics during the decolonization of Algeria*. Apud BURAWOY, Michael. *O marxismo encontra Bourdieu*. op.cit., p. 107.

escrita fanoniana para os estudos da diáspora africana, assim como dos estudos pós-coloniais. Pois mesmo que Fanon se utilize de certos conceitos do marxismo, suas elaborações transcendem esta tendência analítica—É tácita a influência do materialismo histórico no pensamento de Fanon, contudo, não devemos desconsiderar as críticas de Fanon a este ideário, e sua percepção crítica frente a unidimensionalidade do sujeito, construída apenas pelo conceito de classe, e suas considerações sobre a noção de raça e racismo. Em certa medida, as contribuições de Fanon sobre tal temática são substanciais, a julgar pelos desdobramentos contemporâneos de seus escritos.

De tal modo, embora Burawoy tenha inaugurado esta discussão entre Bourdieu e Fanon, o faz sob bases analíticas específicas e que ao meu olhar, acabaram por silenciar as idiossincrasias de ambos os autores. À vista disso, retomar esta discussão, em um espaço para além de um artigo, e para além de um determinismo analítico, torna a proposta deste trabalho relevante.

Através deste acesso via Burawoy, despendi pesquisas em torno de materiais construídos por Bourdieu em torno da temática argelina, e num primeiro momento me deparei com as obras: *Antropología de Argelia*¹³ e *Argelia 60: Estructuras económicas y Estructuras temporales*¹⁴, ambas em espanhol, e em um segundo momento, com os artigos eletrônicos, disponíveis em plataformas nacionais e latino-americanas.

No mesmo período, através de sebos eletrônicos, adquiri a obra de Frantz Fanon *Por la Revolución Africana*¹⁵, assim como o PDF do livro *Sociologia de una Revolución*.¹⁶

A partir destes materiais, elaborei o projeto de pesquisa a fim de formalizar a pesquisa no PPGA-UFPR, mais especificamente no ano de 2012 com vistas a ingressar em 2013.

A escolha pelo PPGA-UFPR se deu através de duas situações. Primeiramente, pelo motivo de ter saído de São Paulo e ter passado a residir em Guarapuava-PR, situação que se deu em paralelo ao processo seletivo do programa, e em segundo plano, o contato com alguns textos do professor Lorenzo Macagno, durante o curso do CEA-USP. Ao adentrar no PPGA-UFPR, obtive contato com o prof. Marcos Silva da Silveira, e a partir do 2º semestre do curso, foi decidido que ele atuaria como orientador.¹⁷ Através do

13 BOURDIEU, Pierre. *Antropología de Argelia*. Madrid: Ramón Areces, 2007.

14 BOURDIEU, Pierre. *Argelia 60: Estructuras económicas y estructuras temporales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006

15 FANON, Frantz. *Por la revolucion africana*. México: Fondo de cultura, 1975.

16 FANON, Frantz. *Sociologia de una Revolución*. Buenos Aires, Tolemia, 2012.

17 Em um primeiro momento estava acordado que o professor Lorenzo Macagno seria o orientador deste trabalho. No entanto, por motivos outros, não foi possível, e o próprio professor Lorenzo Macagno indicou-me ao professor Marcos Silva da Silveira.

contato com o prof. Marcos Silva da Silveira, me foi possível repensar certas discussões sobre o tema, tanto pela predileção do professor em apontar relações de estranhamento entre a realidade dos estudos afro-brasileiros quanto pelo contato do professor com estudos pós-coloniais.

A ideia inicial do projeto visava descrever o contexto argelino através da literatura produzida por Fanon e Bourdieu, no entanto, no transcurso das disciplinas e das orientações, acabei por elaborar uma perspectiva que não englobasse apenas a caracterização de um processo histórico específico, mas também, uma problematização das formas como este material veio a ser produzido, contemplando as sugestões de Clifford Geertz em torno da necessidade de um repensar sobre a escrita dos antropólogos e das opções/estratégias destas escritas.¹⁸ Neste sentido, questões pertinentes à intencionalidade dos autores e as circunstâncias nas quais as impressões sobre a Argélia foram elaboradas adentraram nas discussões do trabalho.

Entre a ideia inicial, complementada pelas discussões que sucederam a entrada no PPGA, houve, ademais, um momento importante, a etapa de qualificação. Onde estavam os professores Lorenzo Macagno do próprio PPGA-UFPR, e o professor Hector Guerra do PPGHIS-UFPR.

Durante a qualificação me foi sugerido que as fontes fossem reinterpretadas e que o caráter organizacional do trabalho tomasse outras dinâmicas, como por exemplo, uma melhor delimitação e a enunciação clara da problemática a ser perseguida. Este rearranjo da dissertação foi de fundamental importância, não apenas para a fluidez do trabalho, mas também, para uma melhor elaboração metodológica do que viria a ser o posicionamento analítico do mesmo.

No tocante destes meses de elaboração, espero que o esforço intelectual e as constantes conversas com o Prof. Marcos Silveira consigam mesmo que de forma modesta, contribuir para as discussões sugeridas no trabalho.

18 GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

2. O COLONIALISMO E AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO DA ARGÉLIA A PARTIR DO DIÁLOGO EM PERSPECTIVA ENTRE PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON

Pierre Bourdieu e Frantz Fanon vivenciaram a experiência das lutas de libertação da Argélia *in loco*. Durante praticamente o mesmo espaço de tempo, (Bourdieu 1955-1959 e Fanon 1953-1958) ambos estiveram inseridos no contexto de ascensão da FLN, nos sucessivos ataques desferidos contra a administração colonial francesa, assim como, nas contraofensivas do exército francês.

Além de vivenciarem o mesmo contexto temporal/espacial, esta passagem pela Argélia, significou para ambos, mudanças substanciais em suas trajetórias. Bourdieu por exemplo, após retornar à metrópole, conseguiu assumir postos como professor universitário e estabeleceu seu projeto intelectual com extrema coesão, construindo conceitos, inclusive, a partir de sua experiência na Argélia. Enquanto que Fanon, após sua passagem pelo país, se tornou político, teórico do pan-africanismo e ícone nas discussões sobre terceiro mundismo.

No entanto, para além desta coexistência no contexto das lutas de libertação, e da experiência argelina ter causado transformações significativas na vida de ambos, a Argélia em seu contexto de descolonização os trouxe o estímulo para a feitura de obras que visaram em certa medida, interpretar aquelas sucessões de eventos, fosse para finalidades acadêmicas (no caso de Bourdieu) fosse pelo militância (no caso de Fanon).

Dos estímulos e das respectivas produções, articuladas sob finalidades distintas, se alicerça a proposta deste capítulo. Em síntese, busco estipular um diálogo em perspectiva entre as produções de Frantz Fanon e Pierre Bourdieu acerca da temática argelina. Acredito que este diálogo traz como possibilidades evidenciar a importância da postura e do pertencimento do pesquisador em relação à pesquisa, bem como, da relevância de certos paradigmas para a produção intelectual e de militância em determinados contextos.

Ciente das distâncias entre Pierre Bourdieu e Frantz Fanon, a forma que considero relevante para supor este diálogo é mapeá-los através de um mesmo quadro analítico, neste caso, através da categoria de colonialidade.

A partir do conceito de **colonialidade** presente em Aníbal Quijano¹⁹, neste contexto, compreendido como expressão da modernidade europeia em espaços coloniais em suas diversas formas de execução, me foi possível reler Bourdieu enquanto crítico da

19 QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. Perú Indígena, vol.13, n.29, Lima, Instituto Indigenista. 1992.

modernidade e da experiência francesa na Argélia. Enquanto que em Fanon, nos cabe ressaltar que, suas contribuições para a própria noção de colonialidade são salutares. De outro modo, através desta categoria, me foi possível mensurar uma dialogia entre os autores.

Para além do conceito de Quijano, como forma de aproximação entre Bourdieu e Fanon, julguei pertinente, mapear as produções de ambos os autores, a partir de categorias fomentadas por outro teórico pós-colonial, o argentino, Walter Mignolo.²⁰

Através dessa abordagem analítica, pautada nas esferas de colonialidade e poder²¹, se faz possível uma compreensão das formas como o a experiência colonial exerce sobre os sujeitos, uma modificação nas formas de entender (epistemologia) de compreender (hermenêutica) e do perceber (estética) a própria existência.

Assim, através destas categorias sugeridas por Mignolo, penso ser possível mapear as impressões de ambos, utilizando como instrumental, as esferas de colonialidade e controle. Outro elemento importante para este diálogo em perspectiva é concernente aos usos dos materiais produzidos por Pierre Bourdieu e Frantz Fanon sobre a temática. Basicamente, utilizo-me das obras construídas pelos autores durante o transcurso das lutas de libertação, e em certos momentos, no caso específico de Bourdieu, de trabalhos posteriores, construídos após o retorno à França.

No caso de Fanon gostaria de acenar para uma advertência. Em certos trabalhos que encontrei no transcurso das pesquisas, a experiência das lutas de libertação da Argélia é compreendida através da obra *Os condenados da terra*, ainda assim, o exercício proposto nestes trabalhos visitados está aquém de uma historicidade. Afinal, a própria feitura da obra *Os condenados da terra*, é posterior ao engajamento do autor às lutas libertação no país, e para além desta situação, trata-se de uma obra que, em seu cerne, raramente menciona o contexto argelino. Em suma, alocar as produções de Fanon prioritariamente através desta obra, implicaria silenciar projeções mais específicas, assim como, incorrer em equívocos conceituais.

A fim de transcender esta situação, neste capítulo, utilizo-me com mais frequência de outros trabalhos do autor, como por exemplo, os artigos publicados em periódicos e editado na obra *Por la Revolución Africana* e em paralelo, a coletânea *L'an V De La Révolution Algérienne*, traduzido ao espanhol como *Sociologia de una Revolución*.

Em Bourdieu, minhas considerações preliminares sobre os materiais utilizados acenam para outras preocupações.

20 MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

21 Respectivamente: Controle da natureza e dos recursos naturais, Controle da economia, Controle da subjetividade e do conhecimento e Controle do gênero e da sexualidade.

Durante a coleta de materiais para a pesquisa e da busca por outros comentadores, identifiquei que raramente a experiência argelina é mencionada em seus comentadores. Para além desta questão já presente em Woortman²², me foi possível acessar que, até mesmo os comentadores que visitam esta trajetória argelina, se ocupam das obras produzidas por Bourdieu após a experiência argelina, em outros termos, utilizam-se de materiais produzidos por Bourdieu em seu retorno à França, e de certo modo, revisados, reeditados e com certos conceitos de um 'Bourdieu consagrado' já implícitos nos materiais.

Ciente deste panorama, trago para este capítulo, materiais pensados por Bourdieu *in loco*, alguns publicados durante o próprio período das lutas de libertação, e outros textos menores disponíveis em coletâneas publicadas na própria Argélia.

Situados de forma preliminar, a proposta, o referencial analítico e os materiais consultados, dou início ao capítulo lidando primeiramente com a categoria **controle da natureza e dos recursos naturais**.

2.1 O CONTROLE DA NATUREZA E DOS RECURSOS NATURAIS:

Fanon no primeiro capítulo de *Os Condenados da Terra* comenta: “Para o povo argelino, o valor mais essencial porque mais concreto, é primeiro a terra: a terra que deve garantir o pão e, é claro, a dignidade”.²³

Essa sentença de Fanon permite acessar o que foi sugerido por Mignolo, quando o mesmo considera que o processo colonial, em suas constantes aparições históricas, carrega consigo, a interpelação dos recursos naturais e dos espaços por parte do colonizador. Esta perspectiva é também objeto de reflexão de Pierre Bourdieu, e é considerada pelo mesmo, enquanto materialidade do choque de civilizações²⁴.

Situada de forma sintética, esta constatação é fundamental para que se possa elaborar o elo entre o controle da natureza e do recurso às demais formas de controle – essenciais para a prática colonial.

A fim de abarcar esta temática, efetuei a partir de uma breve digressão histórica, dada através de alguns dados coletados em outras literaturas e dos materiais de Bourdieu e Fanon, reconstruindo este processo de fragmentação do território nativo, e das formas de autopreservação que acabaram a posteriori na construção do colonizado, ou –

22 WOORTMANN, Klaas. A etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou o que fazer com heresias. RBCS Vol. 19 nº. 56 outubro/2004.

23 FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. op. cit., p.61

24 BOURDIEU, Pierre. *Le choc des civilisations* In: Le sous-développement em Algérie. Alger: Secrétariat Social.

daqueles inaptos, os condenados da terra.

Quando Bourdieu adentrou ao campo argelino, viu-se afetado por uma preocupação sumária, atrelada a sua percepção do que estaria se passando em seu contexto. Esta preocupação adveio do contato do autor frente aos assentamentos, construídos às vésperas da guerra civil. A prática do colonizador consistia em remover habitantes de áreas consideradas estratégicas para o governo colonial, sob a alegação de que os nativos deveriam evitar manter contato com as forças rebeldes que ali se organizavam.

Apesar da plausibilidade desta hipótese, Bourdieu acabou elaborando uma justificativa em paralelo, afirmando que, estes assentamentos estariam situados dentro de uma política agrária, iniciada no processo de colonização.²⁵

A partir desta ligação construída pelo autor, são situados dois eventos fundamentais no século XIX para o processo de tomada das terras. O primeiro foi a promulgação do *Sénatus Consulte* – enquanto que o segundo diz respeito à Lei Warnier.

Apesar de mencionar tais disposições, Bourdieu utilizou estes dois eventos, como se estes já fossem inteligíveis ao leitor, sem discutir as possíveis ligações entre eles e o momento no qual ele pretendia analisar, deixando aos seus leitores, um vácuo entre o início da tomada das terras e o período no qual ele busca descrever em suas experiências.

Mediante esta lacuna, empreendi buscas em torno de materiais que pudessem me dar um panorama mais aprofundado sobre tais disposições, e partir das buscas, me deparei com as suposições de Alain Saint-Marie, produzidas na década de 1970, e de Hamid Ait Amara, concernente ao ano de 1992. A utilização destes trabalhos deu-se através do acesso que obtive em acervos digitais, dificultando uma maior interação entre pesquisador e as fontes encontradas em suas formas para além do texto—ao passo que, dada a objetividade presente em ambos os materiais, senti dificuldades em elaborar uma relação mais problematizadora em torno das visões sobre os dois acontecimentos mencionados.

Apesar desta ressalva que, julgo ter relevância, ambos os documentos contribuíram para um olhar mais específico sobre o que viria a ser o *Senatus Consulte* e a *Lei Warnier*.

Segundo afirma Saint-Marie, o *Sénatus Consulte* quando aplicado à Argélia, em 1865, visava elaborar uma política de patriação em relação aos nativos, tornando-os cidadãos reconhecidos pela metrópole, contudo, através disso, seria possível reelaborar

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Ed. Di Minuit, 1964. p.15.

as formas de divisão territorial, bem como sobre o usufruto dos espaços.

A partir desta promulgação três acontecimentos ocorreram. (1) divisão dos *Douar*²⁶ das tribos nativas. (2) Divisão da terra de acordo com a natureza geográfica da região.²⁷ (3) Estabelecimento da propriedade individual em detrimento das propriedades coletivas.²⁸

No âmbito de uma contextualização histórica destes eventos, é importante ressaltarmos que, a aplicação destas medidas foram estritamente beneficiadas pelo momento que deu início à colonização francesa na região, afinal, parte destes *Douar* mostravam-se desestruturados, a julgar pelos anos de conflitos entre populações bérberes, ou já islamizadas e os invasores turcos, bem como a fragilidade das relações entre tribos na região.

Já a Lei Warnier, firmada em 1873, atuou de forma impactante sobre a constituição das disposições nativas, pois através da negação do direito muçulmano e bérbere, o colonizador conseguiu instituir a política imobiliária de acordo com as perspectivas almejadas, firmando a possibilidade de comércio e repasse das terras ocupadas. Esta organização proposta pela Lei Warnier, como afirma Aït Amara, fomentou a construção de duas novas categorias: a terra de uso estatal e a terra de uso pelas autoridades locais, rearticuladas através da singularização da propriedade na mão de uma minoria de nativos.²⁹

Quando me refiro ao uso estatal da terra, pressuponho a construção de um corpo administrativo, emigrado da metrópole para gerir tais espaços, e que de fato, estava provido de uma intencionalidade específica, motivada pela demanda metropolitana por novos territórios, cuja finalidade seria escoar parte da população, bem como fomentar novas áreas para produção de bens primários.

Esta população emigrada, já estava presente no país, antes da implementação das duas normatizações apresentadas. Como aponta Sartre, no ano de 1848, dezoito anos após a invasão francesa no país, estipulava-se a presença de vinte mil franceses na região. No entanto, é a partir da chegada do capitalismo internacional, através de companhias de crédito que este efetivo sofre uma maior intensificação - Chegaram na Argélia respectivamente, em 1863 (Sociedade de Crédito Predial Colonial e de Banco) – 1865 (Sociedade Marselha de Crédito/ Companhia dos Minerais de Ferro de Mokta/

26 Agrupamento ou vilarejos de habitantes ligados pelo parentesco e pela ancestralidade.

27 As primeiras regiões colonizadas eram providas de vegetação incompatíveis com a colonização e a prática de monocultura. Sendo assim, sua colonização foi repensada a partir do potencial agro mercantil implícito.

28 SAINTE-MARIE, Alain. La province d'Alger vers 1870 : l'établissement du douar- commune et la fixation de la nature de la propriété en territoire militaire dans le cadre du Sénatus Consulte du 22 Avril 1863. In: *Revue de l'Occident musulman et de la Méditerranée*, N°9, 1971. pp. 37-61. p.38.

29 AÏT AMARA, Hamid. La terre et ses enjeux en Algérie. In: *Revue du monde musulman et de la Méditerranée*, N°65, 1992. pp. 186- 196.

Sociedade Geral dos Transportes Marítimos a Vapor).³⁰

Esta efetivação do controle sobre a natureza e os recursos argelinos, pode ser quantificada a partir de duas projeções selecionadas. A primeira foi obtida através do censo na Argélia em 1911 – onde se consta que entre os anos de 1882-1911, a população de colonos cresceu de 410.000 para 752.000 totalizando um aumento percentual de 90%.³¹

A segunda quantificação foi construída por Bourdieu, e é referente à concentração dos espaços privados por parte dos colonos, pensados através da proporção a seguir; 11.500 hectares em (1850); 1.600.000 em (1900) e 2.703. 000 em (1950). No período entre (1950-1960) 11.000.000 de hectares estavam sob a jurisdição do Estado Francês e apenas 7.000.000 foram deixados para os nativos³². Os nativos que permaneceram com parte das terras, eram parte de uma camada social que mantinha diálogos com os colonizadores e que por certos fatores, beneficiaram-se dos redimensionamentos estipulados pela colonização.

Esta breve digressão proposta aqui, fornece um panorama interessante sobre aquilo que foi encontrado por Bourdieu, e sobre as possíveis reflexões do mesmo sobre a situação calamitosa na qual a situação agrária do país estava acometida.

Sobre a situação dos assentamentos, Bourdieu escreveu:

[...] Verdadeira vivisseção social não deve ser confundida com o contágio cultural simples, tendiam a transformar as terras não divididas em bens individuais, facilitando a concentração das melhores terras nas mãos dos europeus, pela ação de licitações e vendas impensadas ao mesmo tempo em que a desintegração das unidades sociais tradicionais, privadas de seu fundamento econômico, a desintegração da família, devido as rupturas do indivisível, e, finalmente, o surgimento de um proletariado rural, a porção de indivíduos despossuídos e miseráveis, reserva de mão de obra barata.³³

Para Bourdieu, os assentamentos representaram o maior problema para a população argelina em todo o transcurso do processo colonial.³⁴ Esta inferência se baseava no impacto que esta política promoveu aos espaços rurais e urbanos no país. Vale ressaltar que 2/3 da população foi afetada com este processo.

Ainda nesse contexto, as comunidades ou os *douar* ao serem desmantelados pela administração colonial não eram restabelecidos em outras regiões, e para, além disso, os meios de subsistência tampouco eram repensados e/ou adaptados para as novas áreas

30 SARTRE, Jean Paul. *O colonialismo é um sistema*. In Colonialismo e Neocolonialismo (situações, V). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

31 ZIMMERMANN, Maurice. Le recensement de 1911 en Algérie. In: Annales de Géographie. 1912, t. 21, n°116. pp. 184-185. doi : 10.3406/geo.1912. 7204.

32 BOURDIEU, Pierre. *Antropología de Argelia*.

33 BOURDIEU, Pierre. *Antropología de Argelia*. Madrid: Ramón Areces, 2007. p.142.

34 BOURDIEU, Pierre. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. op.cit., p.11.

construídas. Isso acabou promovendo um duplo problema—camponeses sem-terra, e o surgimento de uma massa urbana desempregada.

Sobre o primeiro problema mencionado, dos camponeses sem-terra, Bourdieu assinala que através da política dos assentamentos, diversos problemas se evidenciaram, formando uma cadeia de situações catastróficas.

A posse da terra viu-se transformada, primeiramente pela fragmentação das propriedades, que quando individualizadas, acabaram por desagregar certas disposições coletivas. Os nativos passaram a viver em propriedades inferiores a 10 hectares. Cerca de 50 mil famílias viviam nesta situação, agravada pelas circunstâncias naturais da região. Para além deste sintoma, o número de proprietários de terras acabou diminuindo 20%, embora o contingente para trabalho temporário tenha aumentado em torno de 29% - acenando para a constante adepção forçada dos nativos ao trabalho assalariado.³⁵

No espaço urbano, os nativos emigrados de regiões de assentamentos, acabavam por engrossar as massas sem ocupação e marginalizadas.³⁶

As áreas de assentamento eram monitoradas diariamente por aviões do exército francês, responsáveis por constatar qualquer manifestação tida como suspeita, ao mesmo passo que, soldados eram estabelecidos em pontos estratégicos, revistando e solicitando documentos aos transeuntes da região. Bourdieu aponta que, havia oficiais de perfis diversos, alguns com características mais liberais, e, que em até certo ponto, esboçavam um diálogo com as demandas nativas, enquanto que outros buscavam através da truculência, desestabilizar qualquer manifestação coletiva³⁷.

Esta truculência e a diferenciação dada pela força do Estado Colonial, também é apontada por Fanon, como podemos inquirir na passagem a seguir: “O mundo colonizado é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais. Nas colônias, o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o policial ou o soldado”.³⁸

Este mundo dicotômico, construído através da usurpação territorial é regido pela diferenciação, o diálogo que emerge entre estes dois espaços, advém apenas por parte das necessidades do colono para com o colonizado, como afirma Fanon:

A zona habitada pelos colonizados não é complementar à zona habitada pelos colonos. Essas duas zonas se opõem, mas não ao serviço de uma unidade superior³⁹

35 BOURDIEU, Pierre. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. op.cit., p.17.

36 Pretendo retornar a esta situação posteriormente.

37 BOURDIEU, Pierre. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. p.36.

38 FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. op. cit., p.54

39 Ibid., p.55

Neste caso, a zona do colonizador:

A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo transbordam sempre de restos desconhecidos, nunca vistos, nem mesmo sonhados. [...] A cidade do colono é uma cidade empanturrada, preguiçosa, seu ventre está sempre cheio de coisas boas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros.⁴⁰

Em contraponto, a cidade do colonizado:

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra, a *medina*, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade agachada, uma cidade de joelhos, uma cidade prostrada. É uma cidade de pretos, de 'turcos'.⁴¹

De fato, o impacto dos cercamentos iniciados no século XIX e aprofundados com o advento dos assentamentos, foi de fundamental importância para o estabelecimento do controle do colonizador sobre as relações do nativo com os recursos e com a natureza de seu espaço habitado. No entanto, como sugerido por Mignolo, tal relação precisa ser observada a partir de outras formas de controle que, embora possam ser tomadas de forma analítica sob uma configuração de pesquisa, estariam estreitamente interligadas.

Utilizando-me desta possibilidade analítica de dividir esta situação, gostaria de discutir outras consequências da espoliação da terra a partir de outro enfoque, no caso, através do uso econômico dos recursos naturais subtraídos pelo colonizador.

2.2 O CONTROLE DA ECONOMIA:

Apesar do controle espacial sobre a população, os assentamentos, também colaboraram de modo claro para a efetivação de outras práticas essenciais para o desenvolvimento do mundo colonial, dentre elas, primeiramente, gostaria de destacar o advento da economia agrária no país, onde antigas regiões ocupadas pela população nativa acabaram por se tornar áreas de cultivo intensivo.

Meu primeiro acesso ao repertório colonial sobre a exploração da terra, foi a partir da leitura de *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*, onde

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Ibid. p. 56.

Bourdieu apresenta uma visão interessante sobre as formas variadas de transformação do modelo agrícola nativo para um modelo agroexportador. A proposta de Bourdieu ao analisar a situação das massas ruralizadas, perpassa pela construção analítica dos campos de produção sistematizadas, em confrontação ao modelo anterior, assim como, a apresentação de um modelo de exploração que dialoga com os repertórios exigidos por região.

Estes repertórios variados podem ser visualizados através dos modelos de departamentos construídos pela administração colonial e o respectivo emprego de técnicas agrárias específicas. Para além deste olhar sobre macroáreas departamentais como: Chélif (Região Noroeste do país) a Cabília (Região próxima à Argel) e Collo (região ao leste do país) – Bourdieu também acena para diferenciações no próprio departamento. Em Collo, por exemplo, a região de Ain-Aghbel foi acometida por uma onda de assentamentos, intitulados por Bourdieu enquanto favelas rurais (*bidonville rural*) – Ao mesmo passo que empreendimentos organizados como a CAPER (Caisse pour l'Accession à la Propriété et à l'exploitation rurale) e a SCAPCO (Sections coopératives agricoles du Plan de Constantine) efetivam-se nas regiões de Constantine – região central da mesorregião de Collo.⁴² Estes órgãos coloniais nos sugerem uma ocupação organizada, pautada em um cooperativismo metropolitano, financiado por companhias de crédito francesas, bem como, pelo Estado, a partir de seus aparatos burocráticos.

Apesar da diferenciação, é inevitável a compreensão de que, a partir do usufruto da terra por parte da administração colonial, as relações econômicas foram transformadas, e para isso, a transformação das técnicas de cultivo, deve ser compreendida enquanto elemento concreto, e de fundamental importância para novas relações entre os sujeitos envolvidos no processo, e sua relação com o mundo – afinal, a técnica enquanto tradução intelectual humana, afeta as relações com o espaço e suas formas de interação.⁴³

Esta objetivação acabou por materializar novas formas de relação (sujeito espaço), novas expressões econômicas, onde todos os recursos naturais se tornam disponibilidade. Esta noção construída sobre os recursos naturais enquanto disponibilidade perpassa por repertórios de colonização com a capacidade de se sobreporem às disposições locais, e necessitam ser interpretados, de acordo com as demandas de cada região, ao passo que, os próprios agentes coloniais ali acometidos, mediatizados por sua dificuldade em compreender a natureza do local, viam-se na necessidade de modificar tais interações.

42 BOURDIEU, Pierre. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. p. 44.

43 WINNER, Langdon. "Do Artifacts have Politics?" in "The Whale and the Reactor – A Search for Limits in an Age of High Technology". Chicago: The University of Chicago Press. 1986. p. 19-39.

Um dos trabalhos que encontrei durante a pesquisa comprova tais adversidades enquanto parte de eventos para a transformação dos repertórios coloniais. Refiro-me ao trabalho do geógrafo Robert Tinthoin, e suas projeções sobre a geografia agrária que se desenvolvia na Argélia. Através de uma breve construção cronológica, o autor aponta que os colonos franceses em um primeiro momento, dada a diferença climática da região acabaram por testar diversas culturas agrícolas na região, e em paralelo necessitaram de subsídios constantes do governo metropolitano.

Este elo com o governo metropolitano é importante para ressaltarmos a incidência de uma dominação racional sobre as formas de colonizar a região, onde a agronomia, enquanto escopo de uma racionalidade científica dialogava com a racionalidade administrativa pleiteada pela administração colonial.

Se em um primeiro momento a região via-se ocupada por produtos nativos, após o mapeamento e a análise de agrônomos, os colonos conseguiram romper com o modo indígena de trabalhar sobre a terra, não apenas nas regiões sob domínio estatal, mas também, entre as áreas onde, os assentados buscavam estabelecer as relações de produção de alimentos, sempre através dos produtos e dos métodos rudimentares – esta situação colaborou inclusive, para a mudança na cultura agrícola nativa, e no hábito de consumir trigo duro e cevada, algo que durante a colonização, foi substituído por outras culturas como centeio, milho, sorgo e lentilha.⁴⁴

Em síntese, através da dominação racional proposta pela agronomia metropolitana, foi possível aos colonos exercer controle sobre os recursos e dar produtividade aos espaços já subtraídos, pleiteando a possibilidade de fomentação de riqueza a partir dos espaços ocupados. No âmbito econômico, esta agronomia, e seus sucessivos testes, fomentou aos colonos a inserção da uva na região, cultura agrícola extremamente rentável para a produção na viticultura.

Esta inserção, segundo Bourdieu foi de fundamental importância para o início da exploração sistematizada da mão de obra nativa. Trata-se da implementação de práticas de adequação dos nativos à proposta do colonizador. Esta transformação no *status* nativo, passando-se de agricultor Independente a empregado, pode ser observada através da constatação que o número de proprietários de terra entre 1954-1960, passou do número de 560 mil para 373 mil. Enquanto que estes que abandonaram suas terras viram-se subjugados ao emprego provisório.⁴⁵

De fato, há uma relação intrínseca entre o controle da natureza e dos recursos para

44 TINTHOIN, Robert. Algérie 1945. In: L'information géographique. Volume 10 n°4, 1946. pp. 133-143. p. 134.

45 BOURDIEU, Pierre. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. op.cit., p.21.

uma transformação nas relações econômicas. Pois, ao nativo sem-terra, surge como opção para a sua subsistência subjugar-se ao modo de trabalho imposto pelo colonizador.

Nesta transformação dos recursos em possibilidade de fomentação de riquezas, ao colonizado lhe é apresentado a possibilidade de pensar sua subsistência através de duas possibilidades. A primeira, permanecer no campo, e morar em assentamentos servindo como mão de obra para a produção agrícola do colonizador, ou, como segunda possibilidade, através da migração interna, buscar sua subsistência em cidades urbanizadas.

A construção desta nova lógica na produção de alimentos e de outros bens exerce sobre o nativo a necessidade de uma reelaboração subjetiva, dada às formas objetivas, construídas pelo colonizador. De fato, esta transformação impactante no *status* local (modo de produção nativo à força de trabalho) litigiou não apenas transformações sócio espaciais oriundas da migração interna, e da desfragmentação de áreas coletivas, mas também, mudanças no conjunto de crenças [valores] nativa [o] – o *doxa*.

Mediante esta necessidade de reelaboração, gostaria de supor algumas considerações sobre o impacto da transformação econômica, tendo como base outra configuração proposta por Mignolo – o controle da economia em diálogo com o controle da subjetividade e do conhecimento.

2.3 CONTROLE DA SUBJETIVIDADE E DO CONHECIMENTO

Através dos cercamentos iniciados ainda no século XIX e sua complexificação dada pela política de assentamentos, foi possível ao colonizador construir e aperfeiçoar as formas de exploração do espaço, tornando-as parte de um projeto econômico, subsidiado pela dominação racional de técnicas. Esta dominação racional, neste caso não deveria agir apenas sobre a paisagem objetivada pelo colonialismo, afinal, o nativo, enquanto indígena, também é visto como algo a ser objetivado e por consequência, a dominação racional exerce sobre o nativo certas padronizações essenciais para o desenvolvimento da economia colonial.

Este movimento de dominação sobre a subjetividade e o conhecimento nativo, foi interpretado, em certos pontos, de forma diferenciada por Fanon e Bourdieu e tais diferenças - julgo importante serem discutidas neste momento.

Para Fanon, o controle da subjetividade é perpassado pelo estigma da racialização. Como afirma:

A originalidade do contexto colonial é que as realidades econômicas, as desigualdades, a enorme diferença dos modos de vida não conseguem nunca mascarar as realidades humanas. Quando se percebe na sua imediatez o contexto colonial, é patente que aquilo que fragmenta o mundo é primeiro o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias, a infraestrutura econômica, é também superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico. É por isso que as análises marxistas devem ser sempre ligeiramente distendidas, a cada vez que se aborda o problema colonial.⁴⁶

O racismo é tomado enquanto ideologia, e neste caso, legitimada por uma historicidade dos princípios de segregação racial. Fanon em seu texto, *Racismo y Cultura*, proferido no primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, ocorrido em Paris, em 1956, articula uma reconstrução dos sentidos do racismo na atmosfera do colonialismo⁴⁷.

Segundo Fanon, há uma historicidade nos empreendimentos racistas, que em um primeiro momento são marcadas pela ênfase de um racismo singularizado, tendo como base, objetivar a inferioridade do sujeito colonizado. No entanto, através do projeto colonialista este racismo se torna coletivo e não tem como objeto o sujeito enquanto elemento único, mas sim, populações inteiras, através de uma hierarquização das culturas.

Como afirma, em passagem do texto: “Este racismo que se impõe racional, individual, determinado, genótipo e fenótipo, se transforma em racismo cultural. O objeto do racismo deixa de ser o homem particular, e sim certa maneira de existir”.⁴⁸

Esta oposição entre culturas, se expressa no âmbito econômico com muita solidez, através da inserção do nativo no mundo do trabalho. Dado o contato nativo com novas técnicas, o racismo acaba por ser transmitido no transcurso das atividades e das situações coletivas. Em suma, é através da opressão do nativo na esfera econômica, que o racismo se evidencia.

A racialização, tomada como premissa capaz de subjugar o nativo, age no plano econômico através das interdições colocadas pelo colonizador, e se materializam através da inferiorização dada ao conhecimento e à subjetividade nativa. Como expressão deste controle da subjetividade em diálogo com o controle econômico, Fanon sugere que, ao nativo, lhe é imposto a necessidade de assimilação, e que através deste processo, lhe seria possível uma associação com os colonizadores. Em suma, através da adoção de

46 FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. op. cit.,56.

47 FANON, Frantz. *Racismo y cultura*. In: *Por la revolucion africana*. México: Fondo de cultura, 1975. pp 38-52. **Tradução nossa**

48 *ibid.*, p.39. **Tradução nossa**

características do colonizador no uso de suas técnicas e do conhecimento seria possível o empoderamento do nativo.⁴⁹ No entanto, esta assimilação aos conhecimentos/técnicas do colonizador, é sempre mediada pelo próprio colonizador, por tanto, há uma interdição que se configura enquanto limite de empoderamento, bem como, limite de projeção econômica.

No tocante dessa discussão, é possível afirmarmos que, tal visão, dialoga mesmo que de forma indireta com o que foi sugerido pelo antropólogo Georges Balandier. Segundo o autor, as formas de assimilação por parte dos nativos em relação aos hábitos/técnicas do colonizador se dariam através de uma associação desigual⁵⁰ A propósito, através dessa circunstância, seria possível ao colonizador fazer uso da força de trabalho do colonizado, mas ao mesmo passo, cercear as formas de asensão nativa dentro da economia colonial, demarcada pelo privilégio do colonizador.

Na visão de Fanon, a real ambição do colonizador, é fazer com que a vida do nativo aconteça apenas para satisfazer as necessidades do colonizador e para o sistema colonial. Como afirma, “o colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial”.⁵¹

Em contraponto ao que sugere Fanon e seu olhar sobre a racialização enquanto pressuposto do controle da subjetividade e do conhecimento, Bourdieu acena para outra percepção.

Sob o ângulo de Bourdieu, há de fato, uma disputa entre duas formas distintas de compreensão do mundo, e que, através da prática de modernização promovida pelo colonizador, acabariam por gerar um choque de civilizações. Do ponto de vista analítico, para Bourdieu, esta situação poderia ser examinada através de uma série de relações esquematizadas, como na proposição a seguir: (1) inovação instigada pelos atores dominantes – (2) a entrada de novos atores (3) a mudança interna (endógena) dada pelas novas relações fronteiriças entre campos (4) lutas pelo poder do Estado (5) dessincronização entre campos e o habitus.⁵² As multiplicidades de oposições presentes nesta cadeia apresentam-se através de categorias dialógicas, e em congruência nas relações. No caso argelino, essa cadeia de relações pode ser evidenciada através da seguinte dinâmica. (1) Novas técnicas oriundas da ação colonial; (2) entrada da

49 Aníbal Quijano, em seu texto *Colonialidad y modernidad/racionalidad* (1992) afirma que a cultura do colonizador é sinônimo de poder, assim, esta cultura se converteu além do mais, em uma sedução, pois dava acesso ao poder.

50 BALANDIER, George. A noção de situação colonial. op.cit., p.113.

51 FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. op.cit., p. 52.

52 BOYER, Robert. L'anthropologie économique de Pierre Bourdieu, *Actes de la recherche en sciences sociales* 5/ 2003 (nº 150), p.65-78. Faz-se importante mensurarmos que esta organização da projeção de Bourdieu é concernente aos escritos posteriores à saída de Bourdieu da Argélia.

administração colonial e dos agentes responsáveis por dinamizar a região; (3) A partir dessas ações, os próprios nativos argelinos viram-se afetados e através disso suas dinâmicas sociais foram abruptamente modificadas; (4) Os diversos movimentos nacionalistas ativos desde o século XIX disputavam o poder não apenas entre si, mas também em relação ao colonizador; (5) Através das novas dinâmicas técnicas tornou-se perceptível as dificuldades dos nativos se inserirem em um novo campo de atuação, dada a ausência do *habitus* específico.

Baseando-se nesta multiplicidade de fenômenos, Bourdieu adverte que, a modernização (lida enquanto dominação) submete aos nativos a necessidade de reelaboração sobre situações cotidianas, e para além, exige uma construção da subjetividade de forma diferenciada, ou seja, mediatizada por outras circunstâncias. Neste caso, em diálogo com as inovações instigadas pelos atores dominantes – o colono e suas técnicas⁵³. Se o controle da subjetividade e do conhecimento, age como panorama para uma maior efetividade do controle da economia, faz-se necessário não apenas o redimensionamento da mão de obra construída pelos cercamentos, mas também, o redimensionamento dado pelas novas relações fronteiriças entre campos, estimulando assim, uma diferenciação entre as categorias do colonizado sobre suas construções de temporalidade, moralidade e singularização.

De tal forma, Bourdieu elabora suas considerações sobre a noção temporal nativa partindo de dois aspectos básicos.⁵⁴ Primeiramente, no que concerne ao ideário nativo, segundo o autor, este seria concebido a partir das relações mediadas por atividades coletivas, onde os nativos dialogavam com uma noção de tempo cíclico, em via de regra, simbolizada através da prática ritual, e, através da reprodução do cotidiano e das relações de dom e contra dom⁵⁵. Da mesma maneira, esta noção estaria formulada sob uma historicidade baseada em um fluxo ondulante (não cumulativo) que não permitiria que as inovações afetassem a estrutura, semelhantemente ao pensamento Lévi-Straussiano.⁵⁶ Sob esta ótica, a noção temporal estaria circunscrita ao modo de produção e reprodução

53 Acredito que as técnicas empreendidas pela administração colonial também devam ser valoradas enquanto atores que possuem agência. Sobre essa perspectiva, baseio-me nas leituras de Tim Ingold (2000) e (2012).

54 A temática temporal aparece de modo distinto em duas produções de Bourdieu. Em um primeiro momento, de modo mais estruturalista nos três estudos sobre a etnologia Cabila, e posteriormente, através da teoria da prática formulada por Bourdieu a partir da obra *Esquisse d'une theorie de la pratique* – e reproduzida em Argelia 60: Estrucuturas económicas y estrucuturas temporales.

55 Vale a pena ressaltar que, ao utilizar estas categorias, Bourdieu parece dialogar com Marcel Mauss. Essas categorias de Marcel Mauss utilizadas por Bourdieu acenam para a compreensão de que, as relações entre os nativos argelinos estaria perpassada não apenas pelas trocas de mercadorias. Tanto Bourdieu quanto Mauss, compreendem tais relações através de um espaço mais amplo onde as trocas carregariam elementos morais.

56 LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*. In: Lévi-Strauss (Os Pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.59.

simples, proporcionando ao grupo, a possibilidade de subsistir e se reproduzir através de atividades coletivas. Se de fato concordarmos com estas construções, é evidente que a composição deste *ethos* se apresenta como contrapartida à lógica sugerida pelas mediações firmadas pela presença do colonizador.

Ainda sobre a temporalidade, o posicionamento nativo, Para Bourdieu, este pode ser evidenciado na expressão: *Azka d azqa*, que significa “Amanhã é a tumba!”. Ou seja, a noção de futuro para os argelinos, em específico os Cabilas, era algo que só poderia ser controlada pelas divindades e não por outros homens – afinal, “Aquele que se preocupa muito com o porvir, esquecendo-se que este não se deixa ser pego, se diz que quer ser sócio de Deus”.⁵⁷

Em outra passagem, há uma boa ilustração sobre a temática:

[...] Não se deve contar os homens presentes em uma assembleia, não se deve medir o grão reservado para a semente, não se conta o número de ovos da ninhada, mas se conta o número de galinhas após o nascimento. Contas os ovos da ninhada e medir os grãos da semente seria presumir o porvir e, deste modo, comprometê-lo, fechá-lo, cortá-lo. O Fellah mede sua colheita com extrema precaução, a fim de não contar a generosidade de Deus.⁵⁸ (

Contrapondo-se a esta visão sobre o futuro, a leitura moderna, forjada sob uma racionalização e uma abstração diferenciada do porvir, impõem ao autóctone, a projeção de expectativas abstratas sobre a sua existência. Estas expectativas se materializam através da entrada no campo econômico, ou seja, através das relações de trabalho, mediatizadas pela monetarização e pela individualidade implícita ao trabalho, neste momento conotado sob os valores do colonizador.

Como já elucidado, os assentamentos impõe aos nativos a necessidade de se realocarem no plano coletivo e nas suas práticas de subsistência. De tal forma, através da venda da força de trabalho, surge a única forma de garantir a existência. E assim, aos argelinos, resta-lhes jogar com os valores modernos de trabalho assalariado, noções de produtividade e formas de individualização sugeridas pela dinâmica colonial.

O primeiro desafio, como já apontamos, é concernente a noção temporal que é imposta, e este desafio é galgado no rompimento de toda uma relação de honra estipulada entre o sujeito e suas concepções cosmológicas. A necessidade de produzir a partir da abstração temporal do colonizador, e através de relações de monetarização, geram conflitos ontológicos, tal situação pode ser ilustrada no caso dos Cabilas, onde, “[...] as relações reduzidas à sua dimensão puramente 'econômica' são concebidas como

57 BOURDIEU, Pierre. *Argelia 60: Estructuras económicas y estructuras temporales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006, p. 48. **Tradução nossa.**

58 Ibid., p.47.

relações de guerra, o que só se pode obter entre estranhos”.⁵⁹ Enquanto que, numa relação de produção proposta pelo colonizador, a dimensão econômica, a noção de disponibilidade de recursos para acumulação/obtenção de riquezas, estabelece uma diferenciação frente ao que pleiteava as noções nativas.

É perceptível o conflito de dois valores subjetivos sobre o trabalho, afinal, o trabalho na sociedade argelina pré-capitalista, não estava atrelado a sua rentabilidade, mas sim, ao seu papel social. Cumprir determinada atividade era estabelecer-se de maneira útil ao coletivo. Nestes termos, a relação econômica que emerge da experiência colonial, implica na necessidade de reelaboração das noções coletivas, bem como, da reelaboração da subjetividade construída sobre os valores. Como exemplo, para os argelinos, firmar alguma atividade laboral era um ato moral. Ao mesmo passo que, a ociosidade deveria ser compreendida enquanto falta moral.⁶⁰ No entanto, a situação conflituosa na qual os mesmos foram acometidos, implica na convivência desta falta moral. Afinal, graças aos cercamentos e aos assentamentos, a nova relação do nativo com o trabalho vê-se transformada.

Estas novas relações de trabalho, abarcam a possibilidade de uma falta moral – o desemprego, o ócio motivado pela inabilidade para exercer funções que exigem o conhecimento sob o controle do colonizador.

Em síntese, ao argelino, nega-se o seu modelo econômico pré-capitalista, não monetarizado, ao mesmo passo em que, não se garante sua entrada no escopo moderno – reafirmando aqui, os olhares de Balandier sobre a associação desigual. No entanto, como veremos, esta forma de associação desigual, perpassa situações diferenciadas. Dado que o processo de dominação racional estimulada pela técnica do colonizador exigia dos autóctones certas habilidades, dentre elas o poder de organização, mensuração da ordem produtiva e outras circunstâncias específicas, a existência de organizações anteriores à inserção desta nova ordem produtiva fomenta categorias de nativos mais aptos para o novo sistema, em detrimento de outros menos aptos.

Bourdieu, ao perceber tal situação, afirma que os nativos que advém de uma classe social mais bem favorecida, cuja relação com a administração colonial é agregadora, acabam por se consolidar enquanto camada que passa a jogar a modernidade através da racionalidade formal do capitalismo e de uma posição hierárquica privilegiada das condições econômicas. Em contraponto, a inabilidade de outros para com os preceitos modernos, como a escrita, a língua metropolitana, e outras qualidades

59 BOURDIEU, Pierre. Making the economic habitus: Algerian Workers revisited. *Ethnography*, vol. 1 (1) 17-41, 2000. p. 19. **Tradução Nossa.**

60 BOURDIEU, Pierre. *Argélia 60: Estructuras económicas y estructuras temporales*. op.cit.82.

apreciadas por este novo campo de ação, atua como fator importante para o seu insucesso na dinâmica da administração colonial. Em suma, para os nativos que dialogam com as técnicas da subjetividade e do conhecimento do colonizador, as formas de agregação mostram-se de forma diferenciada.

Ainda na obra de Bourdieu, há uma discussão interessante sobre os argelinos que conseguem desenvolver um *metiê*, um ofício específico, capaz de possibilitar a manutenção e a ascensão dentro da esfera colonial.

Sobre estas diferenciações, gostaria de utilizar trecho de um diálogo de Bourdieu com um morador do assentamento de Ain Aghboel (Região de Collo):

Até mesmo os açougueiros fazem piada com os agricultores, Basta ter uma loja, uma camisa especial para o trabalho, trocarem de roupa, terem empregados que abatem os animais, que limpam, que vendem nos mercados, para deixarem de ser açougueiros (ofício desprezado assim como os ferreiros) para se tornarem ricos, e terem um 'metiê'. Hoje é tudo metiê, o que se pergunta é, “qual o seu metiê”? E cada um trata de arranjar um metiê. E é quem mais, por ter armazenado três caixas de açúcar, e dois pacotes de café, numa prateleira, já se diz comerciante; e que por saber pregar quatro tábuas, já se acha marceneiro, e já nem se contam os motoristas, mesmo não havendo automóveis, basta terem a carteira no bolso. Dará isto para comer? Foi um pouco o exército francês que fez isso [...] Depois disto, basta que o tenente saiba que este ou aquele sabe fazer isso ou aquilo, para indicar como tendo um metiê, pouco a pouco, toda a gente acabou por esquecer que há o trabalho da terra, e que está deixado de lado.⁶¹

Os bem situados dentro do novo campo de disputas do trabalho assalariado, aqueles providos de um metiê, acabam por consolidar um distanciamento frente aos demais nativos inaptos ao novo modelo de produção. Ocorrendo um processo de individualização, marcado pela experiência com o *ethos* moderno do mundo do trabalho, sumariamente:

[...] Tendo triunfado em sua vida profissional, consideram que devem manter distâncias em sua vida profissional, consideram que devem manter distâncias em relação à massa de empregados, no qual se converte em encolhimento do campo das relações sociais e um indício de aburguesamento.⁶²

Estas separações oriundas das formas de relação de trabalho passam a invadir as relações domésticas – como se evidencia em relato de um inapto em Orán: “No trabalho, cada um na sua, depois do trabalho, cada um na sua casa”⁶³ – Este processo de individualização, quando lido sob um viés Dumontiano, nos torna possível tomarmos como preceito básico a noção de hierarquia extrassocial, confrontando a noção de igualitarismo, enquanto tipo ideal, introjetado pela monetarização.⁶⁴ Através do

61 BOURDIEU, Pierre. Making the economic habitus: Algerian Workers revisited. op.cit., p. 22. **Tradução nossa.**

62 BOURDIEU, Pierre. *Argelia 60: Estructuras económicas y estructuras temporales*. op.cit. p.78. **Tradução nossa.**

63 Ibid.,p.78.. **Tradução nossa.**

64 DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro:

estabelecimento de noções assimétricas materializadas no mundo do trabalho, torna-se evidente a singularização, um individualismo que incute de forma velada, uma série de outras disposições assimétricas, demarcadas pela racialidade (no olhar Fanoniano) e pelas condições de adaptabilidade dos agentes ao *ethos* moderno (no discurso de Bourdieu).

Por outras palavras, o processo de singularização dos nativos, deu-se em paralelo ao processo de modernização - das relações entre agentes, e com as técnicas empreendidas nos novos modelos de produção e trabalho. No entanto, o que se faz relevante é considerarmos que, dentro desta lógica, a singularização oriunda da modernização acabou por consolidar outras formas de *hierarquia demarcadas pelo prestígio* (termo emprestado de Dumont), mesmo que, dentro do discurso igualitário, este se mostre silenciado.⁶⁵

Já em Fanon, há um redimensionamento da lógica marxista sobre o proletário e seu valor revolucionário. Para o autor, há a constatação de que, o proletariado, aquele que estabelecido através de um *metiê*, não seria potencialmente revolucionário, e que, no entanto, aqueles inaptos, aqueles rejeitados inclusive pelos nativos adaptados, os condenados da terra, poderiam problematizar a colonização.

Para Fanon, o trabalhador adaptado às formas de produção do colonialismo, não esboçaria reação radical ao que estaria sendo proposto por frentes anticolonialistas, pois, através do parâmetro que, o sofrimento individual para a conquista do *metiê* ou de certo estabelecimento, não poderia ser suprimida por propostas não materializadas.

Em contraponto, ao nativo inapto, emigrado de regiões reassentadas, e marginalizado nas grandes cidades, ou aqueles, cuja situação nas áreas rurais era calamitosa, a possibilidade de agregar sua revolta ao projeto de descolonização seria mais viável.

Em suma, do ponto de vista tanto de Fanon, quanto de Bourdieu é perceptível a constituição de jogos múltiplos no campo da colonização. Os argelinos, afetados pela desfragmentação de seu *ethos* acabariam por competir na busca pela sobrevivência, materializando uma perspectiva individualista sobre as condições ali encontradas. Como afirma Fanon: “A burguesia colonialista martelara no espírito do colonizado a ideia de uma sociedade de indivíduos em que cada um se fecha na sua subjetividade, em que a riqueza é a do pensamento”.⁶⁶

Para Bourdieu, assim como, para Fanon, a inserção do modelo econômico do

Rocco. 1993.

65 DUMONT, Louis. Castas, racismo e estratificação. In: AGUIAR, Neuman (org) Hierarquias em classes: uma introdução ao estudo da estratificação social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

66 FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. op.cit., p. 64.

colonizador, dada a partir do controle dos recursos, acabou por transformar as relações pelas quais os nativos se relacionam entre si, bem como as disposições da subjetividade. Esta transformação receberá neste momento um aprofundamento específico, contemplando assim, mais uma esfera de controle, sugerida pela perspectiva de Mignolo, no caso, o controle do gênero e da sexualidade.

2.4 CONTROLE DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE

A temática gênero e colonialismo apresenta-se no pensamento de Frantz Fanon através de seu texto, *A Argélia que se desvela*. Este texto, é mencionado em certas obras sobre feminismo e colonialismo, seja como reconhecimento de uma temática inaugurada, ou, por críticas ao militantismo de Fanon e pelo constante silenciamento da real condição da mulher argelina nas lutas de libertação.⁶⁷

Os relatos construídos por Fanon partem da análise das imposições colocadas pelo colonizador, acerca do uso do véu em relação as mulheres argelinas. Neste contexto, o véu enquanto representação da dimensão privada, da formulação do (si) e do social, da puberdade e da compreensão do corpo, bem como de uma cosmogonia específica da mulher argelina, são compreendidos pelo colonizador francês, afirma Fanon, enquanto empecilho para a implementação de práticas focadas na marginalização de posturas e na adequação de certas formas de sociabilidade.

Segundo Fanon, o posicionamento da política colonial em tentar desfragmentar a 'tradição' do uso do véu foi um artifício constante:

Antes de 1954, mais precisamente desde os anos de 1930 a 1935, foi travado o combate decisivo. Os responsáveis pela administração francesa na Argélia, determinados a destruir a originalidade do povo, encarregados pelo poder de proceder, custasse o que custasse, à desagregação de formas de existência suscetíveis de evocar, de perto ou de longe, uma realidade nacional, concentrarão seus maiores esforços sobre o uso do véu, concebido no caso como símbolo do estatuto da mulher argelina. Tal posição não é consequência de uma intuição casual.⁶⁸

As intenções do colonizador, segundo a análise de Fanon, baseavam-se em discursos paralelos. *A priori*, argumentava-se que as mulheres viviam vitimadas por um patriarcado islâmico. E assim, os homens argelinos eram recriminados, sob a acusação

67 Obtive acesso às críticas e aos desdobramentos do texto de Fanon através dos textos de Marie-Aimée Helie Lucas (1999), Anne McClintock (1999), Diana Fuss (1999) T. Denean Sharpley-Whiting (1999) presentes na obra *Rethinking Fanon: The Continuing dialogue*, Organizada por N. Gibson. Assim como na obra *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Organizada por Liliana Suárez Navaz e Rosalva Aída Hernández Castillo.

68 FANON, Frantz. *A Argélia que se desvela*. In: CORRÊA, Mariza. (org) *Ensaio sobre a África do Norte*. Campinas: Unicamp, 2002. p.27.

de esconderem suas esposas. Este comportamento, era julgado pelo colonizador enquanto “sobrevivências medievais e bárbaras”.⁶⁹ E em paralelo, buscava-se romper com o matriarcado responsável por estruturar a vida privada das famílias. Pois, segundo o autor, a mulher argelina seria o centro da sociedade argelina. E a partir desta constatação, “todos os esforços são feitos no sentido de obter o seu *controle*”.⁷⁰

Este controle que busca se efetivar a partir da transmutação das indumentárias, tem como objetivo outras mudanças, baseadas primeiramente no controle do corpo. E como sugerido por Foucault, “O controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo”.⁷¹

Esta preocupação francesa para com as vestimentas argelinas, buscava em suma, conter o papel ordenador da mulher argelina, “[...] intermediária entre as forças obscuras e o grupo [...] pois por trás de um patriarcado visível, afirma-se a existência, mais capital de um matriarcado básico”.⁷² Cientes do peso da mulher argelina para a estruturação da família – Fanon sugere que para o colonialista: “Converter a mulher, ganhá-la para os valores estrangeiros, arrancá-la de seu estatuto, é ao mesmo tempo conquistar um poder real sobre o homem e adquirir os meios práticos, eficazes, de desestruturar a cultura argelina”.⁷³

Neste contexto, a utilização do discurso científico, foi importante não apenas para identificar tais papéis sociais nos agrupamentos nativos, mas também como estratégia de controle.⁷⁴ A administração colonial passou a utilizar certos discursos científicos e políticas assistencialistas para famílias necessitadas. Essa postura do governo colonial, de certo modo, dialoga com as projeções do antropólogo Paul Rabinow.⁷⁵ Para o autor, o discurso científico, deve ser compreendido como de fundamental importância para os processos de objetivação dos sujeitos. Dito por outra forma, a fomentação por meios oblíquos, de um discurso técnico/científico, visava universalizar a experiência da mulher argelina, a fim de agenciar para si, a posse (mesmo que parcial) de seu corpo e de seus hábitos.

A utilização destes discursos científicos, também são percebidos, e criticados por Fanon: “[...] é a partir da análise de sociólogos e de etnólogos que os especialistas dos negócios ditos indígenas e os responsáveis pela administração dos árabes coordenam seus trabalhos”.⁷⁶

69 Ibid.. p.27.

70 FANON, Frantz. A Argélia que se desvela. op.cit., p.28 **grifo nosso**.

71 FOUCAULT, Michel. *A microfísica do Poder*. op.cit., p. 47.

72 FANON, Frantz. A Argélia que se desvela. op.cit., p. 27.

73 Ibid. p.28.

74 Como veremos, as descrições de Bourdieu mantém vínculos com estas análises sobre a importância da mulher argelina enquanto força ordenadora da sociedade autóctone.

75 RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*. op.cit., p. 34.

76 FANON, Frantz. A Argélia que se desvela. op.cit., p. 27.

A percepção de Fanon sugere que tais ações desencadeariam em uma “doutrina política precisa”, onde a máxima deveria expressar o sentimento de:

[...] atingir a sociedade argelina em sua estrutura, em suas faculdades de resistência, precisando primeiro conquistar as mulheres; é preciso buscá-las através do véu com o qual elas se dissimulam e nas casas onde os homens as escondem. A situação da mulher será então tomada como plano de ação.⁷⁷

Na tentativa de realocar a mulher argelina, as práticas da administração colonial estigmatizavam a relação da mulher nativa através do prisma da privação de direitos. Utilizando-se do discurso moderno, argumentava-se que a argelina foi transformada pelo homem argelino em “objeto inerte, *desmonetarizado*, isto é desumanizado”.⁷⁸

Este discurso da mulher desumanizada pela tradição expõe novamente as categorias modernas implícitas no processo de colonização. Ao iniciarmos pela própria sentença grifada acima, é compreensível como que o elemento monetário compreende parte do processo colonial.

O colonizador, ao mensurar a mulher argelina enquanto ser desprovido de atividades para além do lar acena para a necessidade de sua monetarização, e como consequência, na possibilidade de mapear suas relações, e incutir em sua existência a individualização, objetivada pelas relações sujeito – bem móvel.⁷⁹

Como agregado, neste discurso de monetarização, a crença da mulher 'desumanizada' e 'coisificada' pelas imposições autóctones, reforça o ideário individualista.

Nestes termos, é perceptível o cisma entre o que é concebido pela ideologia moderna como indivíduo e as constantes intervenções para que o nativo opte por tais normatizações.

Estas intervenções estabelecem à mulher argelina, a possibilidade de se singularizar em relação ao seu meio social. Entretanto, tal prática, como evidenciamos, é revestida de uma intencionalidade proposta pelo colonizador e expressa na construção de Fanon como segue: “deixar a mulher aproveitar-se dos privilégios de uma vida mais digna e mais profunda”.⁸⁰

Mediante esta ofensiva, as possibilidades encontradas pela mulher argelina configuraram diversas formas de adequação ou negação aos valores colonialistas.

Segundo Fanon, foi rotineira neste momento, a retirada do véu por parte das

⁷⁷ Ibid., p.27.

⁷⁸ Ibid., p.28.

⁷⁹ DUMONT, Louis. *Homo Aequalis*: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: EDUSC, 2000.

⁸⁰ FANON, Frantz. *A Argélia que se desvela*. op.cit., p. 30.

mulheres argelinas. No entanto, as intenções para esta retirada do véu estão situadas para além de uma simples predileção ao que fora imposto pela administração colonial. Trata-se da intencionalidade da agência feminina, da argelina desvelada. Diferentemente das práticas de rotina, há uma *intencionalidade reflexiva* a fim de contrapor-se à [...] fúria do colonizador em querer desvelar a argelina, seu objetivo em ganhar, custe o que custar, a batalha do véu, é que vai provocar a reação do nativo”.⁸¹

A intencionalidade reflexiva da nativa, a partir das projeções de Fanon, relaciona-se à sua incorporação nas lutas de libertação. Primeiramente, as mulheres casadas com militantes da FLN, - secundariamente as viúvas de ex-combatentes e as mulheres divorciadas, formadoras de um perfil de meia idade, transeuntes dos espaços do colonizador, onde atuavam como empregadas domésticas passam a se impor em regiões estratégicas para a oposição colonial.

Assim, estas mulheres, inseridas no front da FLN, expressaram fundamental determinação para adentrar nos espaços não conquistados pela resistência anticolonial. Livre nestes espaços, a mulher desvelada, chega às ruas: [...] “sem aprendizagem, sem ensaio, sem história, ela sai pra rua, três granadas em sua sacola de mão ou o relatório de atividades de uma região em seu corpete”.⁸²

Esta mulher, incorporada à FLN e peça elementar para o contexto das lutas de libertação – fará uso da possibilidade de acessar o espaço do colonizador, enfrentando as hostilidades desta região, e através de certas situações necessitará jogar com as construções do colonizador. Vestindo-se à moda ocidental, e frequentando espaços tidos como inadequados para os nativos, como cafés e discotecas de Argel. Neste sentido, há um esforço da nativa, em ocultar sua intencionalidade, perpassando seus momentos no espaço do colonizador, como prática de rotina.

A ausência do véu altera o esquema corporal da argelina. Ela precisa inventar rapidamente novas dimensões para o seu corpo, novas formas de controle muscular. Ela precisa criar para si um passo de mulher-desvelada-fora. Ela precisa quebrar toda timidez, todo mau jeito (porque é preciso passar por europeia) [...] A argelina que entra completamente nua na cidade europeia reaprende seu corpo, se reinstala de maneira totalmente revolucionária.⁸³

Neste movimento de reconstrução, a mulher argelina elabora novas técnicas corporais, repensando assim, nos termos de Mauss sua eficácia (por corresponder a um efeito prático) e sua tradição (por ter sido construído a partir da educação). Enaltecendo tais técnicas, enquanto instrumentos primordiais da espécie humana, adaptável e provida de reconstrução simbólica.⁸⁴ Nessa perspectiva de Mauss, a técnica é compreendida

81 FANON, Frantz. A Argélia que se desvela. op.cit., p.35.

82 FANON, Frantz. A Argélia que se desvela. op.cit., p. 37.

83 Ibid. p.45.

84 MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU-EDUSP 1974.

para além da mediação de artefatos, pois, o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento humano.

Esta reconstrução simbólica, acena para o que Sherry Ortner denomina como “capacidade de transformação dos agentes”⁸⁵, ou seja, para a intencionalidade que o próprio agente pode exercer em relação às instituições.

Sobre esta capacidade de transformação, na escrita de Fanon nos é possível acessar:

“Ela não caminha mais junto aos muros, como tendia a fazer antes da revolução. Constantemente chamada a se apagar diante de um membro da sociedade dominante, a argelina evitava o centro da calçada que, em todos os países do mundo, pertence de direito aos que mandam”.⁸⁶

Tal forma de obter agência, articulada pela mulher argelina através de sua intencionalidade, bem como, das especificidades históricas e de sua relação com o poder, é em Fanon, um elemento notável durante os anos da luta anticolonial. Até mesmo em momentos de tensão, quando houve a descoberta do exército francês sobre as ações da argelina desvelada e atuante na FLN⁸⁷ em 1957, - muitas mulheres continuaram através da reconstrução de si e do social—colaborar com as atividades clandestinas deste período.

Diferentemente da agência concebida por Frantz Fanon à mulher argelina, as projeções de Pierre Bourdieu sobre a temática de gênero e sexualidade, traz consigo, elementos diferenciados.

Em seus estudos sobre as comunidades cabilas, como veremos no próximo capítulo, a visão Bourdieusiana sobre a situação da mulher argelina, é contemplada a partir do diálogo do autor em relação aos paradigmas da etnologia daquele período. Em síntese, através de análises de parentesco, e da submissão feminina à ordenação da comunidade. Demarcar este 'silenciamento' de Bourdieu implica em lembrarmos que, no espaço onde Bourdieu construiu suas interpretações, (campo da etnologia) as discussões sobre gênero e sexualidade, ainda se mostravam ausentes nos anos de 1950.⁸⁸ De certo modo, as suposições de Bourdieu sobre gênero e sexualidade, dialogavam com uma antropologia que até este período, silenciou a agência feminina, bem como, quaisquer

85 ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. op.cit., p.56.

86 FANON, Frantz. A Argélia que se desvela. op.cit., p. 44.

87 Frente de Libertação Nacional (Front de Libération Nationale), milícia organizada a partir das primeiras revoltas em prol da independência, ainda na década de 1950. Durante o período da guerra colonial (1954-1962) articulou a resistência armada aos opositores franceses, tornando-se partido único após a emancipação do país em 1962.

88 Meu acesso sobre as relações de gênero na antropologia, deram-se através das leituras de: FONSECA, Claudia. De afinidades e coalizações: uma reflexão sobre a transponilização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. Ilha – Florianópolis, v.5, n.2, dezembro 2003. p.05-31.

outras interpretações sobre a presença feminina no tocante das decisões coletivas.

Como apresentado neste capítulo, através das noções de colonialidade e controle, emprestadas de Mignolo e Quijano, nos foi possível perpassar as produções de Frantz Fanon e Pierre Bourdieu através de temáticas relacionais. Embora nos seja possível sugerir que, o enfoque de Bourdieu estivesse nas relações entre modernidade e tradição e de Fanon sob moldes mais flexíveis, penso ser relevante mensurarmos que, ambos acenam para as dinâmicas da colonização no contexto argelino, expresso nos materiais através das constantes linhas de oposição entre forças díspares.

Forçadas as relações entre os autores, para o próximo capítulo se faz necessário, construirmos os espaços de enunciação nos quais estes textos foram produzidos. A necessidade deste enfoque parte da concepção que, ambos os autores, ao racionalizarem sobre as suas experiências no contexto das lutas de libertação, acabaram por construir um imaginário sobre a conjuntura através das próprias possibilidades materiais nas quais estavam mediatizados. Assim, na qualidade de mensurar de uma forma mais específica, a construção desses pressupostos e das intencionalidades presentes nos textos, para o próximo capítulo, visto pensar as caracterizações de ambos os autores sobre a Argélia, tomando como base, os espaços de enunciação onde os textos foram construídos.

3. DOIS CAMPOS E DOIS INTÉRPRETES: OS ESPAÇOS DE ENUNCIÇÃO DE PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON

No capítulo anterior, visei apresentar as formas como Pierre Bourdieu e Frantz Fanon interpretaram o colonialismo e as lutas de libertação na Argélia, situando-os dentro de um quadro analítico específico, no caso, a partir das categorias sugeridas por Aníbal Quijano e Walter Mignolo em torno dos conceitos de colonialidade e de suas esferas de controle. No decorrer desta discussão, penso ter acenado para certas idiossincrasias encontradas nas interpretações construídas pelos dois intérpretes, mas, no entanto, não me prolonguei nas possíveis intencionalidades que levaram a estas diferenciações.

Deste modo, para este capítulo, penso ser proveitoso analisarmos as raízes gnosiológicas destas idiossincrasias. Ademais, a proposta para este momento, implica em apresentar e problematizar os lugares nos quais estes olhares foram construídos, assim como a intencionalidade destas propostas.

Antes mesmo de analisarmos estas propostas, gostaria de estabelecer um breve adendo.

Primeiramente, a chegada de Frantz Fanon e Pierre Bourdieu à Argélia se dá em um período espacial/temporal semelhante – a ofensiva anticolonial e os momentos que antecederam a guerra de libertação, no entanto, as motivações que os levaram até o país são demasiadamente diferentes. Fanon chega a Argélia a fim de se estabelecer enquanto médico, enquanto que Bourdieu chega ao país de forma não intencional, mas sim, enquanto soldado indisciplinado e realocado em regiões de conflito.

Apesar desta diferenciação, algumas situações, acerca destas chegadas podem ser consideradas unívocas. Ambos adentraram ao país através de uma mediação firmada pelo estado colonial. Em outros termos, ambos se estabeleceram através de suas habilidades, ou nos termos de Weber, a partir de qualificações previstas por um regulamento geral.⁸⁹

As qualificações de ambos foram indubitavelmente importantes para a administração colonial. Pierre Bourdieu, enquanto soldado, e um dos poucos com qualificação a nível superior entre os soldados rasos, desempenhou atividades importantes para a catalogação e mapeamento das populações tradicionais. Embora o mesmo fizesse uso de estudos anteriores desenvolvidos pela administração colonial, suas projeções podem ser consideradas enquanto atividades que privilegiaram o saber científico, e assim, embora haja a distinção entre a esfera científica e a política, creio que,

89 WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p. 229.

em certa medida, houve a contribuição do saber racional, enquanto elemento importante para uma administração burocrática colonial.

Apesar de uma possível contraposição de Bourdieu à experiência colonial (como discutiremos adiante), penso não ser possível supor uma moral de convicção⁹⁰ (nos termos weberianos) em seus questionamentos, durante seu período de estadia na Argélia. Afinal, precisamos ponderar que, aquele que exerce uma função burocratizada, necessita cumprir suas tarefas de modo técnico, através de um emaranhado de regras calculáveis.

O mesmo se aplica à Frantz Fanon, cuja função de médico, é aplicável ao corpo burocrático, enquanto função normativa e fundamental – cuja técnica foi imprescindível para estabelecimento da organização burocrática colonial. Ainda que ambos estivessem exercendo funções dentro da burocracia da administração colonial, é interessante constatar que, durante as trajetórias, o *status* de cada sujeito é alterado através de suas relações com a realidade local. Bourdieu acaba transmutando suas funções de militar e passa para o professorado – mantendo assim um diálogo com o Estado, enquanto que, Fanon, ao romper com a burocracia colonial, acaba por se situar enquanto sujeito à margem do Estado, tornando-se clandestino, e militante da luta anticolonial.

Esta alteração no *status* é de fundamental importância para situarmos os espaços de enunciação nos quais estes sujeitos estavam alocados e também, para situarmos as condições de feitura dos respectivos materiais. Assim, Bourdieu precisa ser tomado enquanto ex-militar e professor em Argel, e Fanon como ex-médico e militante da FLN.

Tomada esta diferenciação, conseguiremos inquirir que, embora exista um partilhar temporal/espacial entre Fanon e Bourdieu, isto não implica necessariamente em uma proximidade gnosiológica.

Em segundo plano, dada esta premissa de diferenciação espacial e gnosiológica – gostaria de especificar de forma mais acentuada como que a interpretação destes vincula-se com o espaço que ambos estavam circunscritos, e para além, situar que cada intérprete acabou por caracterizar sua experiência na Argélia a partir do *campo* no qual estavam inseridos.

Utilizei o grifo no termo *campo* com uma intenção. Diferentemente do uso cotidiano do termo campo em antropologia, gostaria de frisar que os olhares de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon são oriundos de um campo específico, e neste caso, me refiro ao conceito de campo, articulado por Bourdieu durante sua trajetória intelectual.

90 O conceito Moral de convicção em Max Weber diz respeito à ação do sujeito a partir de seus sentimentos, sem referências às consequências, e as possíveis sanções de tais atos. WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

O conceito de campo em Bourdieu, pode ser compreendido enquanto espaços de atuação, estruturados através das relações de força entre dominantes, dominados e pretendentes.⁹¹ Para o autor, a dinâmica dos campos sociais, em sua pluralidade, acena para a necessidade de manutenção de poder por parte dos dominantes, enquanto que, para os dominados e pretendentes, a lógica do campo impõe a imprescindibilidade de obter determinados postos ou títulos.

Na teoria de Bourdieu, os campos sociais possuem características particulares, existindo deste modo, diversas formas de manutenção ou obtenção de poder dentro da lógica intrínseca ao próprio campo.⁹² Esta lógica intrínseca, baseia-se nas próprias regras exigidas pelo campo, como por exemplo, no campo científico, os espaços de manutenção independem da opinião pública, enquanto que, no campo político, as formas de empoderamento, independem de forma invariável da opinião dos agentes presentes para além do campo. Isto posto, este espaço de atuação, conceituado como campo, se apresenta enquanto espaço estruturado por posições dos agentes.⁹³ Posições estas, não viabilizadas por uma possível simetria, mas sim, pela busca de projetos de agenciamento/empoderamento.

Tendo em vista o uso do referencial analítico do conceito de *campo*, gostaria de pensar a existência de idiossincrasias entre Bourdieu e Fanon a partir das dinâmicas que cada campo exigiu para o agente, e compreendê-los, através do ideário que, Bourdieu projetaria seus olhares sobre a Argélia imerso no *campo científico*, enquanto que Fanon, através do *campo político*. Para além deste referencial, em momentos específicos estipulo um diálogo com certas perspectivas de Thomas Kuhn, em *A estrutura das Revoluções Científicas* a fim de pensar as especificidades da produção do saber científico, e com Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas* visando pensar as projeções de Fanon através do fenômeno do nacionalismo.

Situados de forma preliminar, a proposta, o referencial analítico e os materiais consultados, dou início ao capítulo projetando as relações entre Pierre Bourdieu e o campo científico.

3.1 PIERRE BOURDIEU E O CAMPO CIENTÍFICO

Após a chegada à Argélia, Bourdieu passa a dialogar com uma nova área de

91 BOURDIEU, Pierre. *Algumas propriedades dos campos*: In: Questões de Sociologia. Lisboa: Fim de século, 2003. pp. 119-126.

92 BOURDIEU, P. Le champ scientifique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976 In: ORTIZ, Renato (org.). 1983. Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p. 122-155.

93 BOURDIEU, Pierre. *Algumas propriedades dos campos*: Op.cit, p. 121.

conhecimento, a etnologia. E para tal, necessitava compreender a lógica intrínseca ao campo, ou seja, precisava se situar nas formas de estruturação, permeadas pelas regras que o jogo lhe colocaria, para que conseqüentemente, pudesse acumular estratégias e obter empoderamento nesta área. Neste sentido, a etnologia enquanto área do campo científico, exigia de Bourdieu, a compreensão das técnicas e das referências estabelecidas.

A busca de Bourdieu em compreender o campo da etnologia, lhe promoveu o contato com autores da antropologia estadunidense, bem como, uma aproximação à Lévi-Strauss e a Émile Durkheim. E é neste contato, perceptível em seus primeiros escritos, onde certos paradigmas, daquele período, foram utilizados em suas pesquisas. Refiro-me, neste sentido, ao uso do termo paradigma, partindo do pressuposto que tais referências, apresentavam-se enquanto teorias abertas para interpretações vindouras, e ao mesmo passo, enquanto realizações que se tornaram consenso entre os agentes deste espaço.⁹⁴

De fato, os primeiros escritos de Bourdieu sobre a Argélia, estabelecem ao leitor, a ideia que, havia em Bourdieu, a propensão em dialogar com os estabelecidos do campo etnológico daquele período. Afinal, para que conseguisse forçar sua entrada nas ciências sociais, foi necessária sua familiarização com os estabelecidos do campo.

Assim, fomentada as primeiras formas de acumulação primitiva de um capital específico, foi possível para Bourdieu, apresentar seus primeiros trabalhos, no caso, sua primeira obra, *Sociologie de l'Algérie*, obra importante para a obtenção de um capital suplementar no percurso de sua trajetória, e por consequência, fundamental para que almejassem alguma relação de sucessão dentro do campo da etnologia.

Tratando-se especificamente da sua primeira obra, *Sociologie de l'Algérie*, suas constantes edições, renderam ao material, uma semelhança aos materiais etnográficos dos anos de 1950. É perceptível neste trabalho, um cuidado em construir o que o autor julga ser a estrutura social das diversas sociedades bérberes, evidenciada através da divisão temática de diversas etnias que habitavam a região, bem como, através das disposições sociais de cada agrupamento.

Tais discussões renderam ao trabalho a possibilidade de diálogo com as demais produções do campo antropológico, estipulando de tal modo, uma relação de conservação e sucessão entre os agentes no campo da etnologia, apontando para o que Kuhn, considera uma transição sucessiva, onde certas ideias seriam tomadas como alicerce para a constituição de novos trabalhos.⁹⁵

Por exemplo, a família é retratada como elemento central para todas as atividades

94 KUHN, Thomas. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. p. 28.

95 Ibid. p.32.

grupais, e imaginada enquanto modelo patrilinear onde apenas o primogênito ascenderia ao poder político. O papel da mulher é compreendido enquanto espaço onde os afazeres domésticos ou as atividades circunscritas à aldeia são estipuladas como referência, creditando à mulher argelina bérbere o papel social de regular os recursos disponíveis. Pois a partir das relações intertribais, em suma, marcadas pelo parentesco, e evidenciadas através da disponibilidade das mulheres - Tornando perceptível em Bourdieu, a crença de que o clã surge a partir da família, reforçando assim, uma visão já presente na antropologia deste período, sobre os elos de parentesco enquanto estruturação política, bem como da possibilidade do antropólogo em objetivar as construções e as relações de gênero.

Em síntese, o exercício de Bourdieu, estaria circunscrito ao desejo de descrever as culturas autóctones dos povos bérberes a partir de uma perspectiva que as englobasse em totalidades alicerçadas por uma integração sistêmica, fazendo com que sua homogeneidade fosse colocada enquanto objeto de pesquisa – ou seja, a função analisada tendo como escopo as permanências. Esta análise etnológica despendida por Bourdieu, em muito, nos recorda as articulações clássicas de uma antropologia que possuía como escopo temático a visão europeia (modernista) sobre as culturas periféricas, pensadas a partir de uma coesão, em detrimento da sociedade moderna, analisada por suas transformações.

Dois exemplos de diálogo, estipulados por Bourdieu e que julgo importantes ser mencionados no momento, dizem respeito aos pensamentos de Émile Durkheim e Claude Lévi-Strauss.

No que concerne à influência Durkheimiana, a dualidade nas formas de solidariedade, e o viés funcionalista sobre as instituições são vívidas nesta inserção de Bourdieu na etnologia.

Estas relações de Bourdieu com Durkheim já foram evidenciadas em outros trabalhos, como por exemplo, Burawoy, que reserva para o pensamento de Bourdieu o *status* de maniqueísta, dada a sua primazia ao antagonismo, solidariedade orgânica e a solidariedade mecânica.⁹⁶ Percepção semelhante foi problematizada por Goldman e Silverstein, onde os mesmos afirmam que no maniqueísmo de Bourdieu há uma dicotomia entre sociedades supostamente rígidas e diferenciadas.⁹⁷ Essa posição, também já foi apontada no trabalho de Criado, e sua análise acerca dos conceitos elaborados por Bourdieu a partir do campo argelino:

96 BURAWOY, Michael. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011. 117.

97 GOLDMAN, Jane. SILVERSTEIN, Paul. *Bourdieu in Algeria: Colonial politics, ethnographic practices, theoretical developments*. Nebraska: University of Nebraska Press, 2009. p. 03.

A Durkheim ele deve seus principais esquemas explicativos. Destacarei dois. Em primeiro lugar, o funcionalismo: os distintos âmbitos da sociedade – a estrutura social, práticas religiosas, culturais e econômicas – estariam unidas organicamente para se adaptar ao meio e para manter a solidariedade, o equilíbrio e a coesão social. Em segundo lugar, a problemática da solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica. Na divisão do trabalho social, Durkheim caracteriza as sociedades primitivas por solidariedade mecânica, a coesão do conjunto se assegura pela comunidade de crenças – fundamentalmente religiosas – entre os sujeitos e indivíduos se está completamente absorvido pelo grupo.⁹⁸

Em linhas gerais, a utilização dos conceitos funcionalistas de Durkheim privaram em certa medida, as sociedades bárbaras analisadas por Bourdieu de qualquer ação histórica para além da intervenção colonial. Neste sentido, reforçando a crítica de Goldman e Silverstein acerca do "congelamento" dos povos bárbaros no tempo/espço nas produções bourdieusianas.

Em outra via, os trabalhos de Lévi-Strauss também foram de fundamental importância para a constituição de Bourdieu enquanto etnólogo. Se compreendermos Lévi-Strauss enquanto pensador influenciado por Durkheim e seu método estrutural, podemos de certa forma, imaginar as heranças de Lévi-Strauss nas articulações iniciais de Bourdieu. Como comentado por Sayad, Bourdieu utilizava a obra *Antropologia Estrutural* de Lévi-Strauss como um manual de pesquisa. E partir disto, articulou em um primeiro momento seu campo tomando a perspectiva estrutural como premissa.⁹⁹

A utilização de Lévi-Strauss por Bourdieu tem uma motivação para além da técnica de pesquisa, afinal, Lévi-Strauss foi o responsável por estabelecer um diálogo profícuo entre filosofia e antropologia (termo em substituição à etnologia), e para Bourdieu, este diálogo, acabou por enobrecer a disciplina, fomentando um olhar mais interessante sobre os seus usos.¹⁰⁰

A primeira suposição lévi-straussiana utilizada, corresponde aos conceitos de sociedades frias – sociedades quentes. Para Bourdieu, as sociedades bárbaras construíam uma imagem subjetiva sobre a sua própria história. Esta subjetividade, em certa medida, compreendida por Bourdieu enquanto uma espécie de história estacionária onde não haveria desenvolvimentos 'visíveis' para o etnólogo implicando em uma leitura reduzida e organicista sobre os processos históricos da população local. Assim, estas disposições históricas que dariam movimento às relações eram acortinadas pela rigidez das regras do casamento, do parentesco e das relações de dívida e contra dívida.

A segunda suposição importante é correspondente ao ideário de estruturas erigidas

98 CRIADO, Enrique. Cabilia: la problemática génesis del concepto de habitus. Revista mexicana de Sociología, 75 (enero-marzo), 2013.Ibid., p.127. **Tradução Nossa.**

99 SAYAD, Abdelmalek. Colonialismo e migrações. *Mana*, 2 (1) p.155-170, 1996. p.161.

100 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*.op.cit., p. 71.

através de dados com significação oposta. Bourdieu em *La casa o el mundo invertido*¹⁰¹, expõe a estruturação da vida Cabila através de dados etnográficos, valorados simbolicamente em uma significação oposta, através de uma perspectiva de gênero. Esta oposição, construída por Bourdieu é o escopo central para elencar outras díades subsequentes.

A partir destas díades, Bourdieu articulou as relações entre o gênero e a disposição dos espaços habitados. Estes espaços seriam dados através de uma cadeia de expansões organizadas através de sucessivos englobamentos. Tais expansões são descritas a partir da linha que segue: interior/inferior da casa; a casa, a aldeia, o cosmos. E as relações de englobamento, no âmbito doméstico, tanto nos espaços representados pela inferioridade/superioridade o marido é englobado pela esposa, enquanto que, em detrimento, na esfera da aldeia e do cosmos há um englobamento dado pelo gênero masculino sobre o feminino.

Como comentei a pouco, esta oposição diádica construída pelo gênero, recebe de Bourdieu outras ramificações. Pois através da experiência de englobamento, tornaria-se perceptível as formas de organização social nativa. Em síntese, a oposição masculino/feminino é a relação mais aparente na análise de Bourdieu – e todas as outras oposições, partem do modelo estrutural básico de Lévi-Strauss – A:b::b1:b2.

Em linhas gerais, a influência de Émile Durkheim – Claude Lévi-Strauss no pensamento de Bourdieu, como vimos, é marcada pela discussão em torno da antinomia modernidade e tradição. Esta antinomia será agregada na constituição de Bourdieu enquanto etnólogo a partir de outras perspectivas teóricas, como por exemplo, a antropologia estadunidense.

Se em *Sociologie de l'Algérie*, não pude ter acesso à citações diretas, que tinha como menção, antropólogos estadunidenses, devido as remoções elaboradas por Bourdieu. Em outro texto, este produzido para o *Secrétariat Social Alger* – denominado (*le choc des civilisations*) – pude perceber de forma direta estas ligações. Nomes como: Redfield, Linton e Herskovits são uma constante. Os conceitos de aculturação, discutidos de modo exaustivo por tais pensadores, são retomados por Bourdieu em seus escritos.

Bourdieu, a partir deste diálogo com a antropologia estadunidense, parte da premissa que, os fenômenos do contato entre a cultura moderna, e a cultura tradicional poderiam ser mapeados através de uma impulsão universal. Onde através de certos estágios de aculturação, perceptíveis ao etnólogo, seria possível a objetivação dos processos de transformação cultural.

101 BOURDIEU, Pierre. *Bosquejo de una teoría de la práctica*. Buenos Aires: Paidós, 2012. p. 43-60.

Um terceiro paradigma, presente no campo da antropologia deste período, e que também se tornou *habitus* incorporado por Bourdieu, é concernente ao ideário de fim das culturas tradicionais através do choque de civilizações. Segundo o antropólogo argelino e estudioso das lutas de libertação no país, Lahouari Addi, em seu texto, *Pierre Bourdieu, l'Algérie et le pessimisme anthropologique*¹⁰² a visão de Bourdieu, sobre o possível fim dos povos bérberes, em um primeiro momento, carregava consigo, uma leitura da modernidade enquanto processo opressivo, capaz de estabelecer aos nativos, uma relação de forças desiguais, ocasionando no rompimento de disposições fundamentais para a coesão nativa.

Ainda em Addi, há a discussão que, Bourdieu, influenciado pelos trabalhos de Lévi-Strauss, Evans-Pritchard e Ruth Benedict, buscava na compreensão do outro, encontrar uma sociedade não afetada pelos valores do mundo *hodierno*.

Em certa medida, até mesmo este pessimismo, enquanto repertório de época, deve ser compreendido enquanto elemento importante para a inserção de Bourdieu no campo científico de uma etnologia dos anos de 1950, regida por uma visão possivelmente 'a-histórica' dos povos selvagens, e por uma perspectiva organicista frente ao outro.

Situadas as propensões dialógicas de Bourdieu em relação aos dominantes no campo da etnologia deste período, penso ser necessário, antes mesmo da suposição de um empoderamento de Bourdieu neste campo, retomarmos quais elementos técnicos permeavam este campo, e quais competências deveriam ser obtidas para a entrada no jogo.

Primeiramente, precisamos situar a etnologia, dentro de um campo específico, neste caso, o *campo científico*: Campo este, demarcado pelas seguintes suposições:

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço do jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada e um agente determinado.¹⁰³

Como é sabido, “o campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse”¹⁰⁴ - e neste caso, o interesse de Bourdieu, era de fato, sua inserção no campo da etnologia e para tal, havia a necessidade da propensão do diálogo com as autoridades

102 ADDI, Lahouri. *Pierre Bourdieu, l'Algérie et le pessimisme anthropologique*. Petit-déjeuners de la MOM, 2007.

103BOURDIEU, P. Le champ scientifique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976, p. 88-104. Tradução de Paula Montero. p. 94.

104Ibid., p.85.

do campo, bem como, da formulação de estratégias de subversão.

Se nas páginas anteriores, estipulei o diálogo de Bourdieu com as autoridades do campo da etnologia, para este momento, julgo ser proveitoso, mesmo que de forma sumária, retomarmos algumas características da autoridade específica deste campo, no período ao qual estamos nos remetendo – em outros termos, faz-se preciso entender as regras do jogo, ao qual Bourdieu estava se submetendo em sua busca pela autoridade.

Neste período, o campo da etnologia, pautava-se na busca incessante por sua legitimação enquanto ciência. Diferentemente de outras áreas do conhecimento, a etnologia/antropologia, nos anos de 1950, via-se recém-construída enquanto área provida de uma padronização conceitual, ou de certa forma, como área provida de “canais de comunicação regular”¹⁰⁵, e com consenso mínimo a fim de ser tomada como método científico.

Estes canais de comunicação regular podem ser estipulados a partir de três aspectos específicos, considerados vitais para a construção da antropologia neste momento, como sugere Jeans Copans. Respectivamente, a técnica empreendida para a feitura das pesquisas, as teorias como forma de justificar o empreendimento, e em terceiro plano, a finalidade do processo, ou seja, para quê, fazê-la?¹⁰⁶

No que concerne ao primeiro aspecto, a técnica – Bourdieu, deparou-se com a legitimação da observação participante enquanto forma de representação de uma cultura que poderia ser descrita, e traduzida em elemento textual. Em paralelo, a legitimação de teoria(s), advinha de um conjunto de normatizações e perspectivas visando amparar através de suposições universais, o relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado. Para tal, terminologias técnicas como aculturação, relativismo cultural, função e estrutura social, condicionavam a produção de discursos neste campo.

No que tange aos dois elementos citados (técnica e teoria), ambos apresentavam-se na etnologia de Bourdieu, de modo a contemplar as disposições no campo da etnologia neste período, por exemplo, nos três ensaios cabilas que antecedem a obra *Bosquejo de una teoria da pratica*,¹⁰⁷ o diálogo técnica/teoria etnológica é testemunhado enquanto segmento, de uma lógica própria deste momento de validação da etnologia enquanto campo científico.

No tocante da técnica empregada, ou seja, à observação participante, a construção de Bourdieu, em muito nos recorda outros trabalhos, o ideário do 'eu estive lá'¹⁰⁸, e o

105CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 25.

106COPANS, Jeans. Críticas e Políticas da Antropologia. Lisboa: Edições 70, 1974. p.24-25.

107 BOURDIEU, Pierre. *Bosquejo de una teoría de la práctica*. Buenos Aires, Prometeo, 2012.

108 GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

posicionamento do etnógrafo enquanto elemento imerso no campo, e ausentado na relação, é parte integrante deste trabalho.

A própria ausência do autor, no âmbito das descrições, o posicionamento silenciador, a ideia de descrição, enquanto projeção textual fiel ao acontecimento, articulada por Bourdieu, necessita ser compreendida enquanto elemento do período no qual estes trabalhos foram organizados. Diferentemente do empirismo da antropologia britânica, em Bourdieu, a simpatia pela cientificidade de Lévi-Strauss, lhe conferia o silenciamento da técnica de pesquisa, ou seja, a sua observação participante, estava amparada em esquematizações, e na omissão ao contexto da produção.

Acerca do contexto de feitura, o posicionamento de Bourdieu, viria apenas décadas após a feitura dos seus trabalhos, na região dos Cabilas.

Em breves anedotas, me foi possível, mesmo que de forma sucinta, acessar o contexto na qual essas etnografias foram produzidas. Em passagem do seu *esboço de autoanálise*, Bourdieu escreveu:

A libido sciendi um pouco exaltada que me entusiasmava e se enraizava numa espécie de paixão por tudo o que dizia respeito a esse país, a essa gente, suas paisagens, bem como na entalada e constante sensação de culpabilidade e de revolta diante de tanto sofrimento e injustiça, não dava sossego nem tinha limite. Lembro certo dia de outono, bastante sinistro, ao subir em direção a Ait Hicheim, povoado da Grande Cabília, local de minhas primeiras pesquisas sobre estrutura social e ritual. Em Tizi Ouzou, ouve-se o estrondo surdo das metralhadoras; a gente tenta avançar pelo vale, por uma estrada entupida, trajeto inteiro, por carcaças de carros carbonizados; na subida para o desfiladeiro, acima de uma curva, no topo de uma espécie de cone de evacuação, situado no alinhamento da estrada, um sujeito vestindo djelaba (túnica comprida e folgada, com mangas largas e capuz) com um fuzil entre os joelhos. Sangue frio de Sayad, que age como se não tivesse visto nada: argelino, ele se arrisca talvez mais que eu. Continuamos sem falar, e só fico pensando que será preciso passar pelo caminho de noite. Mas o desejo de reencontrar meu local de pesquisa e de averiguar certo número de hipóteses sobre o ritual é tão intenso que não consigo pensar noutra coisa.¹⁰⁹

Ainda, sobre as suas relações com a técnica de observação participante, Bourdieu escreveu:

Não é fácil relatar sem mais, como os vivenciei, situações e acontecimentos – quicâ, aventuras – que mexeram comigo tão profundamente, a ponto de voltarem em sonhos – e não apenas os mais extremados, como o relato que um sujeito me fazia, pedindo desculpar por me afligir, numa célula todinha branca de um monastério dos Frades, ou, então, outro em Argel, no final do calçadão da praia para que ninguém pudesse ouvir, sobre as torturas que o exército francês lhes infligira. Em Djemaa Saharidji, aonde eu ia para recolher dados sobre a distribuição da propriedade – era o que não havia conseguido fazer em Ait Hichem, onde tive de me contentar em estabelecer a distribuição de diferentes linhagens no espaço do vilarejo – no dia de minha chegada os frades não estavam

109 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. Op.cit., p.77.

lá (tinha esquecido que era domingo: estavam na missa). Vou então, ao longo de um caminho acima do monastério, até um pequeno bosque onde encontro um velho cabila, rosto magro, nariz aquilino, magnífico bigode branco – ele me lembra meu avô materno -, ocupado em secar os figos em treliças de vime; começo a falar sobre o ritual *lakhrif*, a estação dos figos frescos e dos combates... De repente, ele me parece estranhamente nervoso. Um tiro ressoa, bem perto, e, ainda mantendo-se amável, ele desaparece depressa.¹¹⁰

De fato, assim como os demais autores do período mencionado, houve por parte de Bourdieu um silenciamento frente aos contextos de feitura da pesquisa, e por consequência, sobre as técnicas que envolviam a produção de conhecimento. Penso que há uma pertinência em mencionarmos, tanto este silenciamento, quanto uma posterior descrição trazida pelo próprio autor, como estratégias conceituais de cada período.

No âmbito da teoria, a proposta de fragmentação da realidade nativa, como forma de cientifização da análise despendida, como nos sugere James Clifford, foi uma das propostas de Bourdieu.¹¹¹ Se os etnólogos deste período, despenderam suas análises a fim de contemplar uma totalidade através de temas como coesão social, construções temporais cíclicas e relações de parentesco, em Bourdieu, a formulação teórica estabelece vínculos profícuos com as discussões presentes neste campo.

Em suas produções sobre os cabilas, por exemplo, a discussão sobre honra, é tomada como parâmetro analítico para a sociedade cabila como um todo. Desde Marcel Mauss, a ideia de reciprocidade, como uma espécie de contrato social primitivo, pairava sobre a etnologia francesa. E a honra, enquanto atributo desta reciprocidade, tomada como parte constitutiva de uma estrutura social e regulamentada pela prática ritual.

É clara a perspectiva Maussiana em Bourdieu, de que, “a transmissão cria um vínculo jurídico, moral, político, econômico, religioso e espiritual, um vínculo de almas”.¹¹²

Em diálogo a este contexto, a descrição de Bourdieu, enaltece as relações de honra, expressas através da formulação de desafios, exprimidos através de elementos ritualizados que de certa forma, demonstrariam a estrutura social, através do drama social, da sucessão de eventos regulados por condicionamentos – e de jogos sérios.

Bourdieu, de fato, concede à noção de honra, o *status* de elemento central da estrutura social cabila, pleiteando assim, um único aspecto como elemento fragmentado de um todo social.

Esta noção de honra, construída por Bourdieu, é levada à prática social através dos desafios travados pelos nativos. Cabendo a aceitação deste como forma de

¹¹⁰Ibid., p.78.

¹¹¹ CLIFFORD, James: *A Experiência Etnográfica* – Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

¹¹²MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo : Edusp, 1974, p. 56.

agregação, e a negação enquanto impossibilidade de expressão da honra. Em passagem de sua análise, Bourdieu comenta:

Do princípio do reconhecimento mútuo de igualdade na honra, segue-se um primeiro corolário: o desafio honra. O homem que não tem inimigos, dizem os cabila, é um burrico, a ênfase estando posta não na estupidez do burrico, mas em sua passividade. O que há de pior é passar despercebido: assim, não cumprimentar alguém é tratá-lo como coisa, um animal ou uma mulher. O desafio é o contrário, é “o máximo na vida para quem o recebe”.¹¹³

Os desafios, embora proferidos por um indivíduo ao outro, não representavam algum entrave entre tais sujeitos. A honra não é uma construção apenas individual, pois a mesma se aplica sob o âmbito da coletividade, motivando assim, uma movimentação tribal/local em torno das rixas e dos enfrentamentos. Embora, esta situação possa conotar alguma forma de desagregação intratribal e/ou intertribal – na verdade, acaba por legitimar o sentimento de pertencimento ao coletivo, fortalecendo a esfera do social, ou seja, Bourdieu credita aos desafios, a oportunidade de obtenção da honra, que por sua vez, seria capaz de reforçar à estrutura social nativa.

Assim, o próprio sentido de honra expresso pelos jogos, reafirma a agregação coletiva, pois mesmo dentro destes desafios, ambos os desafiantes estariam em posição de incorporados à ordenação. Afinal, o “código de honra e a opinião encarregada de fazê-lo respeitar somente exigem que o ofendido aceite jogar o jogo: subtrair-se ao desafio é a única atitude condenável”.¹¹⁴

Este posicionamento teórico de Bourdieu, neste diálogo com as demais autoridades que lhe antecederam ao campo, de fato, devem ser compreendidos, enquanto forma de empoderamento dentro do campo da etnologia. Pois como já reafirmamos, o capital acumulado anteriormente por agentes anteriores, acabam por motivar as estratégias dos que se apresentam neste campo de disputas. Assim, os atributos da técnica e da teoria necessários para a entrada no campo etnológico cumpridos por Bourdieu, passaram a lhe conferir certo espaço neste cenário.

Dos três aspectos sugeridos por Jeans Copans (técnica/teoria e finalidade), penso ter estabelecido os vínculos entre Bourdieu e o campo da etnologia acerca dos dois primeiros, ficando em aberto a questão da finalidade.

Diferentemente dos dois primeiros aspectos para a acumulação, técnica e teoria, o sentido de finalidade me proporcionou reflexões opostas. A primeira, na qual poderia interpretar a etnologia enquanto campo científico, munida de configuração específica, e

113 BOURDIEU, Pierre. *O sentido de honra*. In: CORRÊA, Mariza. (org) *Ensaio sobre a África do Norte*. Campinas: Unicamp, 2002. p. 56.

114Ibid. p.64.

compreendida a partir de seu próprio funcionamento, ou seja, desvinculada de qualquer relação com a administração colonial. E a segunda, na qual poderia contextualizar a experiência colonial como espaço e contexto decisivo de definição da necessidade de uma etnologia, bem como de seu objeto – e como consequência, finalidade no processo de pesquisas etnológicas.

Mediante estas possibilidades, pensei ser proveitosa, a intersecção entre as duas possibilidades. Afinal, Bourdieu utilizou-se dos atributos de suas vivências como agente colonial, e posteriormente como professor, como forma de empoderamento e para acumulação do capital específico no campo da etnologia, ou seja, apesar de buscar seu espaço em um campo específico, Bourdieu, estabeleceu diálogos a partir do cargo de agente colonial. Neste sentido, a inserção de Bourdieu na etnologia pode ser compreendida enquanto busca por empoderamento em um campo específico – *o campo científico*, embora, suas mediações fossem oriundas do campo da política colonial.

Em uma breve discussão elaborada pelo próprio Bourdieu, em seu texto, *Para uma sociologia dos sociólogos*, o mesmo defende duas posições relevantes acerca deste tema.¹¹⁵

Primeiramente, partindo da premissa que os etnólogos teriam interesse por assuntos que desinteressavam a administração colonial, e desta forma, valiosos apenas para o campo científico, reafirmando assim, sua posição sobre a autonomia deste campo. Em determinada passagem do texto, ele afirma que: “Não se pode fazer uma análise das condições sociais de produção da “ciência colonial” sem se estudar primeiro o aparecimento de um campo científico relativamente autônomo e as condições sociais da autonomização desse campo”.¹¹⁶ – A segunda relaciona-se com a primeira, e baseia-se na afirmação que, há uma necessidade de situarmos o campo científico produzido em contextos coloniais, com as discussões proeminentes do campo científico metropolitano, e não de forma direta com o poder colonial.

Estas suposições de Bourdieu reforçam as convicções expostas em seu texto *O campo científico*, onde este acena para a dificuldade de conversão do capital científico para outro campo, assim como, a perspectiva de que, o nicho no qual o capital específico da ciência está inserido, só poderia ser apreciado pelos próprios agentes do campo.¹¹⁷

Benoît De L'estoile, em seu texto, *Entrar no jogo: a ciência como crença*, reafirma a hipótese que, a experiência colonial, e o diálogo com os estabelecidos no campo da

115 BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia dos sociólogos*. In: Questões de Sociologia. Lisboa: Fim de século, 2003.

116 BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia dos sociólogos*. In: Questões de Sociologia.op.cit., p. 86.

117 BOURDIEU, P. Le champ scientifique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976, p. 88-104. Tradução de Paula Montero.

etnologia, ocorridos na Argélia, foram de fundamental importância para a constituição de Bourdieu.¹¹⁸

E em seguida, nos traz um contraponto interessante sobre as relações etnologia e colonialismo. Diferentemente de Bourdieu onde ambição analítica e postura normativa estariam dissociadas,¹¹⁹ - para De L'estoile, a etnologia, enquanto ciência social, desvinculada dos amadorismos de outrora, conseguiu sua legitimação através de forças exteriores ao próprio campo científico, e neste caso, ao investimento da administração colonial. Como afirma, assim, a etnologia (antropologia) deve ser conotada enquanto área com monopólio do discurso verdadeiro sobre as sociedades indígenas, *submetidas a colonização*.¹²⁰

Estas duas suposições de De L'estoile, nos sugerem uma reflexão extremamente relevante para este momento. Primeiramente, percebemos que o espaço onde Bourdieu força sua entrada no campo da etnologia é o espaço da colônia, assim como, há que se considerar que, o capital suplementar adquirido por Bourdieu vem da relação com os afetados pela colonização. Até então, esta sentença não seria estranha caso Bourdieu, considerasse este contexto, como algo que se constrói da relação entre o campo científico e forças desiguais fomentadas pela administração colonial. Em outros termos, a inserção de Bourdieu no campo da etnologia, deve ser compreendida como processo que emerge das relações coloniais, e da assimetria inerente nestas relações.

Por consequência, em segundo plano, nos é possível supor que, o silenciamento de Bourdieu diante da luta de libertação em seus textos, emerge não apenas da sua constituição enquanto intelectual (como discutido no capítulo anterior). Mas sim, para além de uma contraposição ao intelectual público do existencialismo sartriano, a construção do intelectual Bourdieu, neste contexto, deve ser considerada, tendo como parâmetro, sua estratégia de empoderamento, advinda do silenciamento dos processos coloniais.

Assim, repensando o próprio posicionamento de Bourdieu sobre as relações – colonialismo e campo científico gostaria de pôr em questão: seria a ambição analítica de Bourdieu, demasiadamente importante, ao passo que, poderíamos esquecer as posições normativas de sua presença na Argélia?

118 DE L'ESTOILE, Benoît. *Entrar no jogo: a ciência como crença*. In: ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rose-Marie. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

119 DE L'ESTOILE, Benoît. *Entrar no jogo: a ciência como crença*. *op.cit.*, p.139.

120Ibid., p.140.

3.2 FRANTZ FANON E O CAMPO POLÍTICO:

Se a entrada de Pierre Bourdieu no campo da etnologia francesa se deu através de suas relações com os autores clássicos, e por consequência, da adepção destes paradigmas em território argelino, a construção de Frantz Fanon, enquanto militante da causa anticolonial também é oriunda da mediatização de sua experiência com o campo político, e o nacionalismo em construção na Argélia.

Como observado anteriormente, Fanon passa por uma alteração em seu *status*, migrando de funcionário da administração colonial para membro da FLN (Frente de Libertação Nacional). E a partir deste diálogo, passa a se posicionar e a interpretar a situação das lutas de libertação de modo particular.

Não se tem registros de produções de Fanon acerca da temática argelina, que antecedeam seu rompimento com a administração colonial, e logo, seria possível supormos que, as produções acerca da temática das lutas de libertação, estejam totalmente vinculadas às tramas, e aos acontecimentos vividos por Fanon após sua efetividade enquanto militante da FLN.

De tal modo, compreender o posicionamento no qual as obras de Fanon foram constituídas, implica em situá-lo, no campo político e no nacionalismo em construção durante as lutas de libertação.

O campo político argelino e os movimentos nacionalistas preexistem à efetivação de Fanon na FLN, assim como, à própria construção da FLN enquanto organização política. Deste modo, supor a entrada de Fanon no campo da política, consiste em não simplesmente analisar a recém-fundação da FLN, mas também, apresentar, mesmo que de forma sucinta, alguns elementos anteriores na constituição do campo político e do nacionalismo no país.

Neste sentido, gostaria de tecer comentários sobre a trajetória da formação do campo político na Argélia, para que assim, o surgimento da FLN e a construção de Fanon como militante anticolonial, possam ser compreendidos a partir de articulações internas que já estavam em movimento, bem como, de dinâmicas externas em voga no período das lutas de libertação. A feitura deste quadro - julgo ser importante para que possamos situar o pensamento anticolonial de Frantz Fanon a partir de um conjunto de acontecimentos, e não como uma motivação subjetivada que independeu das relações com o contexto argelino.

3.2.1 Estratégias anteriores:

Em período anterior à chegada de Fanon, a Argélia encontrava-se em um momento de sua história onde, o contato dos nativos para com os ideais políticos metropolitanos, acenavam para transformações nas relações políticas entre os países.

Desde o início do século XX, havia-se uma pressão por parte dos colonos ali instalados para a implementação de uma maior autonomia na região, ao mesmo passo que, por parte dos nativos, firmavam-se alianças com o objetivo de proporcionar aos mesmos, sua inserção no campo político do país. E neste contexto, surgiram os primeiros movimentos políticos, oriundos de associações construídas pelos Ulemás (teólogos) islâmicos, que enxergavam no islã uma oposição ao modelo colonial.

Desta forma, a autonomia política, dialogava com a busca, por certa autonomia religiosa, considerando-se, as interdições estipuladas pela administração pública no cotidiano das práticas religiosas, e também de representação política.

As interdições mencionadas eram concernentes não apenas a liberdade de culto, mas também, o acesso ao sufrágio universal – pois, a restrição elaborada, através de um viés étnico-religioso, possibilitava o exercício do voto, apenas aos portadores de cidadania francesa, concedida apenas aos que rompiam com o islã. Como evidencia Achi esta necessidade de controlar as atividades individuais e coletivas interferiu diretamente nas relações entre o nativo e o islã.¹²¹

As relações entre a administração colonial e o islã, devem ser pensadas não apenas como subpressão da religião, mas sim, como mediatização estatal frente ao islã e a inserção nativa na política. Faz-se importante recordarmos, inclusive, que o Estado passou a financiar a formação de *Imams*¹²², e a proibir cultos religiosos em áreas não cadastradas pela administração colonial – pois, de fato, buscava-se administrar tais atividades.

Do ponto de vista histórico, esta mediatização estatal, aparece como resposta aos primeiros movimentos nacionalistas no país, dado que, durante as primeiras décadas da colonização, Louis Bourmont - (ministro da Guerra), Charles X (chefe da expedição militar em Argel) e Dey Hussein (governador de província) estabeleceram normas para que os franceses não interferissem nas disposições religiosas. Estas normas, como comenta Achi, implicavam a percepção de que o culto muçulmano permaneceria livre; liberdades

¹²¹ACHI, Raberh. The French Colonial State and the Creation of a New Religion: "l'islam algérien". XVII th Council for European Studies Conference (15-17th April 2010, Montreal).

¹²²Autoridade religiosa do Islã responsável por ministrar cerimônias e detentor de vasto conhecimento teológico. Acredita-se que esta função religiosa teve início no mesmo período da constituição dos califados.

de todos os habitantes, sua religião, suas posses, seu comércio, e as industriais não seriam ameaçadas.

No entanto, tais relações mostraram-se alteradas com o advento do pensamento nacionalista, e por consequência, na construção embrionária de um campo político, que neste contexto, acabou emanando do campo religioso. No âmbito de uma política externa, os movimentos Pan-arabistas/ Pan-islamitas, organizados na região do Egito, também causavam aos colonizadores, certa desconfiança acerca de uma possível ação política na prática religiosa nativa.

Ainda no que concerne aos laços embrionários do campo político e do nacionalismo em relação ao campo religioso, gostaria de lembrar inclusive, o *slogan* da União dos Ulemás Argelinos. “O islã é a religião, o árabe é a língua e a Argélia é a pátria”.¹²³ De fato, neste período, uma dissociação entre religião e política, implicaria uma arbitrariedade.

Situada a importância da religiosidade para uma gênese do campo político e do nacionalismo, gostaria de continuar a construção das formas políticas que antecederam a FLN, lidando neste momento, com organizações que nasceram da relação de argelinos que residiam no país, em diálogo com certos movimentos metropolitanos.

Refiro-me à Estrela Norte Africana – ENA (*Étoile nord-africaine*) – organizada enquanto agrupamento de estudantes emigrados da Argélia e residentes na França. Como afirma Ageron, trata-se de um dos movimentos nacionalistas primordiais em oposição ao colonialismo, e possui suas raízes, no diálogo do PCF (Partido Comunista Francês) com estudantes de origem norte-africana, possuindo vínculos com os ideais socialistas, embora, ainda estipulasse em seu programa, o diálogo com o islã.¹²⁴

Nesta organização, destacou-se a figura de Messali Hadj, estudante argelino, e responsável por um diálogo entre os estudantes emigrados, e camadas de trabalhadores urbanos, tanto na metrópole quanto na própria colônia. A importância da ENA para a formulação dos primeiros passos do nacionalismo argelino é salutar, afinal, pela primeira vez, através de uma organização formalizada, foram formulados planos de subpressão ao colonialismo, detalhadamente expostos.¹²⁵

Os planos ao qual me remeto podem ser analisados, através da perspectiva de

123 YAZBEK, Mustafa. *A revolução Argelina*. São Paulo: UNESP, 2010. p.32.

124AGERON Charles-Robert. L'Association des étudiants musulmans nord-africains en France durant l'entre-deux-guerres. Contribution à l'étude des nationalismes maghrébins. In: Revue française d'histoire d'outre-mer, tome 70, n°258-259, 1er et 2e . trimestres 1983. Le Maghreb et la France de la fin du XIXe siècle au milieu du XXe siècle (1re Partie) pp. 25-56.

125 Para uma apresentação pormenorizada do programa deste movimento, consultar: <http://www.marxists.org/archive/messali-hadj/1933/program.htm> <acessado em 19/11/2014>

Bourdieu acerca da construção de um campo político.¹²⁶ No qual, os produtos políticos, materializados através de problemas, programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos circunscritos ao espaço e tempo de sua própria elaboração, possibilitaram aos agentes, exercerem influências sobre a representação de determinada população, acerca de suas demandas.

Assim, os planos da ENA, para a constituição do nacionalismo argelino, devem ser compreendidos como, instrumentos de percepção e de expressão do mundo social, na qual os seus membros estavam envolvidos, e como momento embrionário para a fomentação de um campo político, para além do religioso no país – e de fato, estabelecendo a construção de uma organização política permanente naquele período.¹²⁷

A ENA, enquanto organização permanente mostrou-se ativa, durante meados da década de 1920 até o ano de 1935, data na qual, passou a ser considerada organização clandestina por parte da administração colonial. Perseguida, acabou se fragmentando, e possibilitando estratégias para outra organização posterior, no caso, *A Union des musulmans d'Afrique du Nord* organização embrionária do *Parti du Peuple Algérien* (PPA) Primeira organização, formalmente partidária no país.

Articulado um programa anticolonial durante o período da ENA, coube aos movimentos subsequentes, ampliarem a organização contra a administração colonial, e neste cenário, as duas organizações sucessoras, mantiveram as reivindicações articuladas pelo ENA, enquanto estratégia, e buscavam sua realização.

Em linhas gerais, o programa herdado da ENA, exigia autonomia em diversas esferas, desde a liberdade de imprensa, até mesmo, a existência do sufrágio universal para as eleições locais, perpassando por temáticas como, a utilização do árabe enquanto língua vernácula, e o reestabelecimento de certas comunidades tradicionais os *Douar*.

Entre o início do ENA, transpassado pelo estabelecimento do PPA, duas situações mostram-se unívocas, e guardam diálogos com muitos movimentos anticoloniais argelinos, antecessores da FLN.

A primeira diz respeito aos vínculos deste pensamento e o islã, enquanto que a segunda o diálogo com o pensamento político metropolitano. Reafirmando a hipótese de que seria uma arbitrariedade, conceber o campo político argelino sem um diálogo com o âmbito religioso, e neste caso, o campo político, enquanto estruturação que dialogava com demandas anteriores, e como elemento delimitador de discursos, permitiu ao islã se

126 BOURDIEU, Pierre. *A representação política. Elementos para uma teoria do campo político*. In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: 13ª Ed., Bertrand Brasil, 2010. pp. 163-202.

127 Vale recordar que, Bourdieu parte da premissa de que, o surgimento de organizações permanentes, são de fundamental importância para a construção de programas estruturados, e por consequência, de articulações que possibilitam a elaboração de um campo político.

tornar um elemento importante nesta construção.

A breve análise processual sobre a relevância da ENA para as duas organizações sucessoras, nos apontam a construção de um tecido político, no qual o movimento que erige do diálogo entre um pensamento metropolitano, e os trabalhadores/estudantes da colônia, acabou por consolidar um programa de propostas em torno da situação colonial.¹²⁸

Como resultado do aprofundamento de movimentos nacionalistas, semelhantemente ao ocorrido com a ENA, o PPA foi colocado na ilegalidade no início da década de 1940, graças ao seu forte apelo nacionalista e as incessantes manifestações que entoavam o lema “Parlamento argelino, liberdade e respeito ao islã”.

Também nos anos de 1940, a Argélia passa a experienciar a efervescência de movimentos nacionalistas, assim como, as imposições de uma metrópole, afetada pela 2ª Guerra Mundial, a invasão alemã, e as dificuldades para o restabelecimento de uma nova república – de fato, as tensões políticas neste contexto, acenavam para uma metrópole temerosa pela perda da hegemonia na região.¹²⁹

Em 1943, a construção de um manifesto com 55 pontos essenciais para a assimilação argelina à França, com supostas propostas nacionalistas reconfigurou o cenário político-partidário no país. O PPA, colocado na ilegalidade, aliou-se ao grupo dos intelectuais responsáveis por construir este manifesto, o AML - Amigos do Manifesto e da Liberdade, articulando uma afronta à metrópole em dificuldades por conta da 2ª guerra mundial.

A aliança destes dois movimentos, é interessante para pensarmos a especificidade argelina, pois, diferentemente do PPA, cuja proposta acenava para um não colaboracionismo em relação à metrópole, o AML, possuía propostas que, supunham a possibilidade da coexistência entre administradores metropolitanos e administradores nativos.

Aparentemente contraditória esta aliança acabou por fomentar um maior alcance das questões partidárias no país, implicando inclusive, na necessidade de que, a metrópole negociasse com os nativos, elementos para a reforma política – é datado deste período o acesso aos postos de trabalho civil e militar aos nativos, assim como, uma autonomização político comercial da própria colônia.

O cenário que forçava a metrópole a negociar com a colônia não estava restrito apenas à efervescência do nacionalismo, mas também, a necessidade de combater o

¹²⁸ Optei por não aprofundar o texto sobre o programa do ENA, tendo em vista, o enfoque principal da seção, no caso, a inserção de Fanon no campo político argelino.

¹²⁹ Para um aprofundamento destas questões, sugiro a leitura de MAZRUI, Ali. & WONDJI, Christophe. História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília : UNESCO, 2010.

nazi fascismo, e a articulação de uma resistência francesa, organizada pelo General de Gaulle, insistente na ideia de que, a colaboração das colônias nas tropas antifascistas, seria de fundamental importância para o fim do colaboracionismo de Vichi, bem como, o reestabelecimento da república. Um evento importante, para mapearmos esta situação, foi a Conferência de Brazzaville, onde de Gaulle, buscou alianças com as colônias africanas.

Embora a Conferência de Brazzaville, tenha sido um evento militar, é importante situarmos que, de Gaulle, sugeria aos administradores coloniais, a implementação de uma política de descolonização, no entanto, antinacionalista, até porque, suas intenções acenavam para a incorporação das colônias em um império francês unificado.¹³⁰

A década de 1940, e o advento da 2ª guerra, de fato, colaboraram para uma transmutação nas relações entre metrópole e colônia, e como sugere Mazrui e Wondji, deve ser compreendido enquanto momento de elaboração do(s) nacionalismo(s) africanos de forma mais organizada.¹³¹

Chamei a atenção para este cenário, pois, após o final da 2ª guerra, o progressismo prometido por de Gaulle, não proporcionou aos argelinos, a autonomia desejada.

Embora, pela primeira vez, os nativos pudessem participar de forma mais ativa no campo da burocracia colonial, as formas de liberdade política, concedidas, foram demasiadamente modestas, ao passo que, as organizações nacionalistas, viam-se engessadas em um modelo que englobava dois colégios eleitorais, um de nativos e outro de colonos. Em síntese, as reformas propostas por de Gaulle, e sua tentativa de enfraquecer o nacionalismo em construção, apenas retardaram o processo, que seria acentuado a partir dos anos de 1950, e a articulação de outras frentes nacionais.

Se nos anos de 1930-1940, as organizações partidárias argelinas, buscavam através do sufrágio universal, e no diálogo com a metrópole, superar as assimetrias da relação colonial, a partir dos anos de 1950, esta situação se vê transmutada.

¹³⁰Ibid.,p.86.

¹³¹Ibid., p.88.

3.2.2 Da Revolta Popular ao Projeto Político

Em resposta aos modelos político-partidários, articulados em diálogo com o cenário político metropolitano, no início dos anos de 1950, surge a FLN (Frente de Libertação Nacional), organização articulada no cenário político do Cairo e formulada por ex-combatentes argelinos durante a 2ª Guerra, e outros dissidentes do PPA.

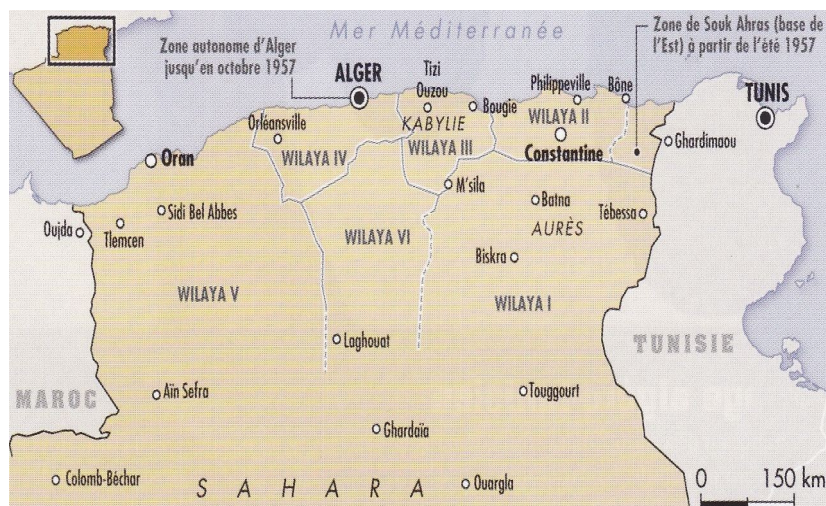
Em contraste ao cenário político nacional até este período, a FLN, pode ser caracterizada enquanto organização política, capaz de se sobrepor a expectativa de coexistência entre metrópole e colônia. Diferentemente de outros momentos, onde a busca pela independência se deu pela tentativa de acesso aos espaços políticos da organização colonial, através do surgimento da FLN, a busca por uma maior autonomia política, passou a ser vislumbrada pela implementação da luta armada, e pela negação de determinadas alianças.

A opção pela força armada pode ser considerada como elemento intrínseco à própria constituição da FLN. Pois, em seu primeiro ano de ação - 1954, suas atividades estavam circunscritas ao combate armado, e, a não existência de um projeto político e propagandístico devidamente compreensível à população.

No plano da luta armada, uma das alternativas articuladas pela FLN, a fim de intensificar a oposição, foi a construção de *wilayas*, regiões autônomas sob o domínio de lideranças da própria FLN. No transcurso das lutas de libertação foram construídas 6 *wilayas*, espalhadas em zonas estratégicas, cujo objetivo era possibilitar a tomada do país através de guerrilhas descentralizadas e da utilização de recursos naturais e humanos disponíveis em cada região. As *wilayas* eram numeradas de acordo com a ordem de sua construção.¹³²

O mapa abaixo, nos remete a presença das *wilayas*. A primeira fundada está na área ao sul do país, região com pouca incidência de colonizadores, dado o clima desértico da região, enquanto que as subsequentes apresentam um modelo de tomada que apresentava um cerco a capital Argel, área central para a administração colonial.

132 TURNER, Lou. *Fanon and the FLN: Dialectics of organization and the Algerian Revolution*. n. GIBSON, Nigel. (ed) *Rethinking Fanon: The continuing Dialogue*. New York: Humanity Press, 1999. 378.



Fonte: Trabalho de uso público e produzido com software de mapeamento¹³³

Como aponta o antropólogo argelino Gilbert Meynier, este momento de organização da FLN, e sua passagem da revolta popular à organização política, necessita ser compreendido enquanto, movimento complexo, e que dialoga com outros elementos exteriores, como por exemplo, a Conferência de Bandung, fundamental para a articulação de um projeto político mais bem elaborado.¹³⁴

Mustafa Yazbek, ao pensar sobre a relevância da Conferência de Bandung, traz a declaração de um militante importante da FLN, e após a independência, Ministro da Comunicação, Mohammed Yazid – na visão de Yazid, “Bandung fez nascer um movimento irreversível de onde saíram um espírito, uma solidariedade, e uma vontade de ação que desordenaram as posições imperialistas e colonialistas”.¹³⁵

De forma cronológica, a FLN declarava-se oposição ao colonialismo francês em 1954, em 1955 data-se a Conferência de Bandung, e logo em 1956, projeta-se na FLN, ações para esta transição, descrita por Meynier, como da revolta popular à revolução.¹³⁶

Assim, em 1956, surge o Congresso de Soumann, idealizado por Randane Abane, e com a presença do médico martinicano Frantz Fanon. A realização deste evento se deu na fronteira da Argélia com a Tunísia no Vale Soumann, local onde, uma das wilayas mais estruturadas do país, conseguiria evitar a ação da polícia colonial no transcurso das discussões.

O idealizador deste congresso, como mencionei, foi Ramdane Abane, militante argelino, e conotado por Turner como uma das maiores influências de Frantz Fanon e

133 Disponível em: <[www.http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carte_Révolutionnaire_d'Algérie](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carte_Révolutionnaire_d'Algérie)>
Acessado em 02/01/2015

134 MEYNIER, Gilbert. « La « Révolution » du FLN (1954-1962) », Insaniyat /

135 YAZBEK, Mustafa. *A revolução Argelina*. São Paulo: UNESP, 2010. p.55.

136 MEYNIER, Gilbert. « La « Révolution » du FLN (1954-1962). op.cit., p. 11.

responsável direto por sua radicalização política.¹³⁷ Abane, era um dos responsáveis pelas Wilayas, mais especificamente a wilaya número IV, onde Fanon iniciou sua trajetória como clandestino, e por consequência, local onde estreitou seus laços com tal liderança.

Como elementos que dificultavam esta transição política da FLN, poderíamos destacar na política externa, entre 1954 e 1956, o acordo bilateral entre Inglaterra e França, contra a nacionalização do Canal de Suez, promovendo um bloqueio do apoio egípcio à FLN – Este bloqueio foi tão importante que, de certa forma, as Wilayas, extremamente dependentes do apoio bélico e monetário do governo egípcio, passaram a perder sua autonomia.

Por conseguinte, o Congresso de Soumann, aparece como evento importante para o que viria a ser produzido no campo político argelino. Onde, a desestruturação da luta armada, ocasionada pelo bloqueio ao Egito, deveria impulsionar a FLN a possibilidade de se reconstruir enquanto organização política, dotada de um programa específico.

A proposta de Ramdane Abane para esta conferência tinha como foco central, elevar o *status* da FLN para além da luta armada, a fim de legitimar a organização enquanto opção de governo, tanto para os cidadãos argelinos, quanto para os mecanismos internacionais. Deste congresso dois órgãos específicos da FLN foram criados, o primeiro o CNRA (*Conseil National de la Révolution Algérienne*), articulado enquanto corpo legislativo para deliberar decisões da organização, enquanto que o segundo, o CCE (*Comité de Coordination et d'exécution*) ficou responsável por organizar as atividades diárias das lutas de libertação, bem como a logística das ações armadas.¹³⁸

Além destes órgãos, um projeto de cunho propagandístico, também foi discutido, e é neste projeto, que a presença de Frantz Fanon na organização, pode ser mais bem observada. O primeiro posto formalizado de Frantz Fanon na FLN foi escrever para o periódico *El Moudjahid*.

O *El Moudjahid* antes da entrada de Fanon, era um panfleto, com grandes tiragens em árabe e francês, e responsável por informar a população acerca das ações efetuadas pela FLN, assim como, da necessidade de uma incorporação da população na luta anticolonial.

No entanto, após a Conferência de Soumann, após sugestão de Ramdane Abane, fora estabelecido que este panfleto tomaria outras proporções, tornando-se assim, um jornal de periodicidade mensal.

A preocupação com este periódico se tornou carro chefe na construção identitária

137 TURNER, Lou. *Fanon and the FLN: Dialectics of organization and the Algerian Revolution*. n. GIBSON, Nigel. (ed) *Rethinking Fanon: The continuing Dialogue*. New York: Humanity Press, 1999. 372.

138 TURNER, Lou. *Fanon and the FLN: Dialectics of organization and the Algerian Revolution*. n. GIBSON, Nigel. (ed) *Rethinking Fanon: The continuing Dialogue*. New York: Humanity Press, 1999. 378.

da FLN enquanto alternativa ao campo político. Como consta no editorial do primeiro jornal, publicado em Janeiro de 1956, havia uma preocupação constante em legitimar este periódico enquanto instrumento de combate ao colonialismo. Como é afirmado no editorial, buscava-se com o jornal transcender o ceticismo que adveio das baixas da FLN, assim como, desmistificar a proposta da luta armada, conotada pela mídia colonial, como violência gratuita, destituída de alguma objetividade política.¹³⁹

Com esta organização do *El Moudjahid*, uma tiragem em francês passou a ser organizada, e enviada de forma clandestina para a Europa. Ainda nesta tiragem internacionalizada, havia a preocupação em construir de forma mais bem elaborada, a legitimação da etimologia da palavra Moudjahid – tentando desvinculá-la do termo *jihadismo*. Para os editores do primeiro número, era necessário que seus leitores compreendessem o *El Moudjahid* como aquele que luta pela fé, e não aquele que luta tendo como motivação a injúria racial ou a intolerância religiosa.

As tiragens do *El Moudjahid* continuaram na Argélia até o ano de 1957, quando militares franceses invadiram a gráfica do jornal e desmantelaram toda a organização, que acabou tendo que passar por um período de esmo, até que a decisão tomada por membros do corpo editorial foi a de levar o jornal para ser prensado na região da Tunísia.

Então, em 1957, quase três anos após o início da guerra civil, Fanon passou a publicar de forma constante para o *El Moudjahid*, consolidando deste modo, sua inserção pública na organização.

Diferentemente de outros períodos, onde uma comensalidade era percebida entre Fanon e a FLN, neste momento, passa a ser público o engajamento de Fanon na luta anticolonial argelina.

A primeira publicação de Fanon para o *El Moudjahid* foi o texto: *Sobre as “Decepciones e ilusiones del colonialismo francês” (El Moudjahid Nº 10 – 10/09/1957)* – onde Fanon, buscava situar o campo político argelino e seus sucessivos movimentos em prol da emancipação.

Alguns aspectos deste material, produzido por Fanon devem ser compreendidos como sendo importantes para a busca da FLN em se legitimar como opção política. Primeiramente, a advertência que, a política colonial visava cooptar parte da organização dos partidos nativos e buscar um diálogo, é devidamente discutida por Fanon. Proposta esta, vista pelo autor, enquanto ato desesperado de uma metrópole incapaz de gerir a colônia, e que através de determinados subsídios, como abonos salariais e participação em certos atributos políticos, visava apaziguar o processo de independência.

139 Editorial disponível em: <https://www.marxists.org/history/algeria/1956/elmoudjahid-01.htm>

Fanon evocava, em contraponto ao mencionado, a presença de um pensamento nacionalista no país, e acenava que, a FLN, enquanto órgão de oposição à coexistência, e provido de uma solidez ideológica, jamais visto em qualquer outro partido nacional, não concordaria em dialogar com a administração colonial.

Em certa passagem, Fanon enaltece a FLN, bem como, o órgão construído por Ramdane Abane e já mencionado aqui, o CNRA, vejamos: “A FLN não é um movimento de reivindicações profissionais, e qualquer possibilidade de negociação é inconcebível. [...] O CNRA não representa um grupo de interesses, se não, um estado-maior político-militar, de uma nação em luta pela independência”.¹⁴⁰

Esta passagem nos fornece a reflexão de que, a busca Fanoniana neste momento, bem como, a proposta da FLN, estava pautada não apenas na legitimação da FLN enquanto organização política, mas também, com a necessidade de construção de uma imaginação nacional.

Em outros dois materiais de Fanon para o *El Moudjahid* datados do mesmo ano, um debate que permearia as produções de Fanon, e neste contexto, útil à legitimação da FLN, mostram-se presentes. Refiro-me à oposição, aos movimentos de esquerda metropolitana. Tema vívido no pensamento de Fanon, e importante neste contexto para as estratégias da FLN.

Em dois textos, respectivamente: *A Argélia se enfrenta a los torturadores franceses* (*El Moudjahid* Nº 10 – 10/09/1957) *Los intelectuales y los demócratas franceses ante la Revolución Argelina* (*El Moudjahid* Nº 13 – 30/12/1957). Observamos a afronta do pensamento Fanoniano, em relação ao que os intelectuais metropolitanos projetavam sobre a Argélia. Embora Fanon gozasse de uma formação intelectual basicamente francesa, neste momento, a incorporação de outras expressões deve ser considerada.

A primeira reflexão importante sobre esta postura, não diz respeito às suposições do ponto de vista de uma episteme, mas sim, no campo da prática e da capacidade interpretativa de Fanon em compreender o contexto das lutas de libertação.

Fanon observara que, o esquerdismo metropolitano, mostrava-se incapaz de conceber o movimento de libertação articulado pela FLN, como proposta de uma política nacional. E de tal modo, acabava por conceber as estratégias da FLN, enquanto ato de terrorismo, desmotivado e apolítico.

Através desta percepção, Fanon passou a questionar o posicionamento de diversos intelectuais franceses, acerca das práticas de tortura, assim como, da heteronomia na qual, a esquerda tolhia a emancipação argelina.

¹⁴⁰ FANON, Frantz. *Sobre as “Decepciones e ilusiones del colonialismo francês”* In: *Por la revolución Africana*. México: Fondo de cultura, 1975. p. 68. **Tradução Nossa.**

Sobre as práticas de tortura, Fanon comenta que, a maior preocupação de uma esquerda metropolitana, estaria apenas nos efeitos que estas práticas poderiam ocasionar aos próprios torturadores.

Uma das discussões pertinentes sobre esta temática, diz respeito à G. M. Mattei, colaborador do periódico *Temps Modernes*. Para Fanon, as maiores preocupações de Mattei, bem como, de outros intelectuais franceses, não englobava os efeitos da tortura aos argelinos, mas sim, os efeitos destas práticas à juventude francesa. Como se percebe na passagem de Mattei: “Atualmente há na Argélia um vasto empreendimento de desumanização da juventude francesa”. Esta postura foi mencionada por Fanon enquanto “forma de pensamento egocêntrico, sociocêntrico, que se tornou característico dos franceses”.¹⁴¹

Ainda sobre esta visão sociocêntrica, outros elementos podem ser mapeados nas produções do autor para o *El Moudjahid*. No texto já mencionado, *Los intelectuales y los demócratas franceses ante la Revolución Argelina*, Fanon articula críticas ao ideário francês sobre os problemas argelinos.

A primeira constatação diz respeito, a incapacidade da intelectualidade metropolitana em conceber que a FLN, de fato, poderia gerir a nação em formação. As origens desta desconfiança, segundo Fanon, relacionavam-se ao período de insurreições e de luta armada organizada pela FLN ainda no ano de 1954. As constantes emboscadas, assassinatos e outras formas de combate, eram vistas pela intelectualidade francesa, não como gênese de um nacionalismo, mas sim, enquanto deflagração da barbárie.

Este posicionamento da esquerda metropolitana acortinava uma heteronomia aos movimentos nacionais, estabelecendo assim, do ponto de vista francês, a necessidade da perpetuação das relações franco argelinas, em outros termos, a perpetuação da crença de uma Argélia francesa.

Em síntese, O discurso democrático empregado pela esquerda francesa e o diálogo sugerido por estes, em torno da necessidade do estabelecimento de uma Argélia nacional, não condiziam com as reais demandas da região. Desta diferenciação, práticas de ação direta foram consideradas como barbárie e, os mesmos que em outrora, se compactuavam com a causa das lutas de libertação, atestam para o fato que o projeto argelino necessitava da mão de outras pessoas capazes de estabelecer a ordem local.

Essa visão metropolitana, frente ao cenário das lutas de libertação, é analisada por Fanon como parte da lógica colonial presente, e de uma posição doutrinal, imbuída de

141 FANON, Frantz. *A Argélia se enfrenta a los torturadores franceses*. In: *Por la revolución Africana*. México: Fondo de cultura, 1975. p. 77. **Tradução Nossa.**

“uma totalidade de forças que se opõe a existência da nação argelina, e para o argelino”.¹⁴²

Situadas as três primeiras produções de Frantz Fanon, é possível mensurarmos algumas suposições sobre a construção do campo político argelino.

Primeiramente, diferente de outros períodos, onde a influência do pensamento metropolitano era perceptível nas construções conceituais e nos imaginários da independência, a partir da reinvenção da FLN, datada no pós-conferência de Soumann, em 1956, há um processo de radicalização das posturas políticas, e um afastamento proposital das determinações do PCF, bem como, de quaisquer outras movimentações que acreditassem na coexistência entre colonos e nativos.

Em segundo plano, nos deparamos com uma organização que, mesmo possuindo membros islâmicos, buscou na configuração do programa político, ao menos neste período, a configuração de um nacionalismo baseado no diálogo com suposições separadas do campo religioso. Até porque, a FLN, contava inclusive com certas camadas judias e cristãs.¹⁴³

Acerca destas duas primeiras suposições, em síntese, penso ser relevante demarcarmos que, de fato, o rompimento com pensamento metropolitano, bem como, o caráter extrínseco da relação religião/política, conotam a FLN, bem como, ao pensamento de Frantz Fanon, uma originalidade ao campo político argelino, e uma subversão em relação aos produtos políticos presentes neste campo.¹⁴⁴

Em 1958, Fanon intensificou suas produções para o *El Moudjahid*, bem como, expandiu suas discussões em uma multiplicidade de contextos coloniais, tratando de temas caribenhos, argelinos e sobre outras regiões africanas. De fato, completado o primeiro ano de militância, Fanon mostrava-se engajado em expor-se enquanto porta-voz da causa anticolonial, fosse ao espaço do campo argelino, ou no âmbito de um pan-africanismo. Esta situação pode ser compreendida através de outros elementos da sua própria vida, pois como já apresentamos, a partir de 1958, Fanon passa a viajar para diversas regiões a fim de militar em prol da independência da Argélia. Apesar desta multiplicidade, julgo importante, nos atermos neste momento apenas às produções que suscitam interação com o campo político argelino.

O avanço da FLN no ano de 1958 provocou mudanças interessantes no campo

142 FANON, Frantz. *Los intelectuales y los demócratas franceses ante la Revolución Argelina*. In: *Por la revolución Africana*. México: Fondo de cultura, 1975. p. 89. **Tradução Nossa.**

143 Aos interessados sobre a participação de minorias religiosas na FLN, sugiro a leitura do texto de Frantz Fanon: *La minoria europea de Argelia*, presente na obra *Sociología de una Revolución*.

144 Entendo por produtos políticos: problemas, programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos – em síntese, instrumentos de percepção e de compreensão do mundo social.

político não apenas do país, mas também da própria metrópole. Insatisfeitos com a dificuldade francesa em conter os avanços do movimento nacionalista argelino, militares franceses incitaram um golpe de Estado, a fim de reconquistar a hegemonia na região, fazendo retornar assim, o General de Gaulle, afastado de cargos políticos desde 1948, e responsável apenas por outras negociações de cunho militar. Este retorno de De Gaulle, acenou não apenas para uma reorganização da política francesa, através da V República, mas também, para um embrutecimento das relações com as reivindicações argelinas.¹⁴⁵

A primeira publicação de Fanon no ano de 1958 foi a produção do texto, *Descolonización e independencia - El Moudjahid* Nº 22- (16/04/1958). Em diálogo ao que evidenciamos das produções do ano de 1957, Fanon continuava em suas produções, a busca por diferenciar a FLN, de quaisquer outros movimentos nacionalistas já existentes na Argélia. Como se observa nos trechos destacados abaixo:

[...] Em nenhum momento a FLN tem apelado para a generosidade, a magnanimidade, e a gentileza do colonizador. [...] A ação dos democratas está desprovida de todo valor revolucionário e doutrinal, porque se alimenta de fontes ambivalentes de bondade para o oprimido ou da sede de fazer algo, de ser útil. [...] o que a FLN reclama é a Independência da Argélia. Uma independência que permita ao povo argelino tomar seu destino em suas mãos, em uma forma total.¹⁴⁶

Como principal diferencial, em relação aos textos de 1957, pela primeira vez, é perceptível na proposta de Fanon, a menção acerca de um caráter nacional, atribuído ao povo argelino, neste caso, imaginado enquanto, povo revolucionário, que age através da intransigência das normas do colonizador, e como aquele que constrói, planifica e organiza a sua própria emancipação.

Acho importante esta diferenciação, tendo em vista, a necessidade estabelecida neste contexto no país. Pois, a partir de 1958, dada a organização da V República francesa¹⁴⁷, as relações entre metrópole e colônia viam-se embrutecidas de tal modo que, milhares de soldados franceses foram remanejados para o país, e assim, para que o processo iniciado pela FLN em 1954 continuasse em tramitação, fazia-se necessária uma maior aceitação por parte da população civil – deste modo, a imaginação nacional construída pelo *El Moudjahid*, representado por Fanon, acenava para esta participação.

A fim de corroborar com tal legitimação, Fanon encerra esta publicação com a

145 Como afirma os historiadores Mazrui e Wondji “A história posterior da França teria sido totalmente diferente se a guerra da Argélia não tivesse solapado a IV a República e catapultado novamente o general De Gaulle à cabeça do poder político”. Ver: MAZRUI, Ali. & WONDJI, Christophe. História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília : UNESCO, 2010. p. 25.

146 FANON, Frantz. *Descolonización e independencia*. In: *Por la revolución Africana*. México: Fondo de cultura, 1975. p. 118. **Tradução Nossa.**

147 Para uma compreensão mais aprofundada da visão de Fanon sobre a crise metropolitana, sugiro a leitura de: FANON, Frantz. *Una Crisis Continua*. In: *Por la revolución Africana*. México: Fondo de cultura, 1975. pp. 125-132.

seguinte chamada:

O *El Moudjahid* que expõe essa posição, a defende até triunfar, introduz um novo dado no clássico diálogo de dominado e opressor. A libertação do indivíduo não segue a libertação nacional. Uma autêntica libertação nacional não existe se não estiver expressa no indivíduo, que se faz, agarrando irreversivelmente sua libertação.¹⁴⁸

Esta breve reconfiguração no discurso de Fanon para o *El Moudjahid* nos sugere que, a própria FLN, estava ciente da necessidade de uma maior participação popular. Se, em um primeiro momento, o discurso nacionalista estava permeado por uma tentativa de legitimar a organização, neste período, já é perceptível outro estágio de elaboração, onde o apelo à participação já se fazia presente.

Em outro texto, também datado de 1958, Fanon, continuava a incitar a participação popular na FLN e a imaginar o caráter argelino, como caráter combativo. Por exemplo, em seu texto: *La guerra de la Argelia y la liberación de los hombres*, a Argélia e também o argelino, são compreendidos enquanto nação e população guia, no processo descolonial.

Vejamos nestes trechos:

A Argélia ocupa um lugar seletivo no processo de demolição do imperialismo. [...] O heroísmo do povo argelino, tem despertado e enaltecido a consciência dos homens e mulheres em África. [...] A Argélia ponte do colonialismo ocidental em África, se converteu rapidamente em um vespeiro onde se afundou o imperialismo francês e desmoronado as esperanças insensatas dos opressores ocidentais.¹⁴⁹

Na citação acima, assim como em outros trechos presentes na produção Fanoniana para o *El Moudjahid* neste período, o que se percebe, é a tentativa de construção de um novo imaginário coletivo, ou nos termos de Anderson, a construção de uma comunidade imaginada – advinda de um campo político, campo este, subvertido pelas estratégias da FLN em sua oposição aos programas assimilacionistas de outrora.

Não estou sugerindo que, a FLN teria inaugurado o imaginário nacional argelino, mas sim, que a ideia de soberania, e a ideia de dimensão limitada,¹⁵⁰ partiram dos produtos políticos articulados pela FLN, através de seus programas e dos demais diálogos com setores da população argelina, anteriormente não mobilizados para uma Argélia soberana. De tal modo, através desse diálogo, consolidou-se um novo ideário de comunidade, baseado na constituição de um tecido social imaginado dentro de uma fraternidade horizontalizada.¹⁵¹

A FLN, através de seu discurso, como observamos nos fragmentos de Frantz

148 FANON, Frantz. *Descolonización e independencia*. op.cit., p. 121. **Tradução Nossa.**

149 FANON, Frantz. *La guerra de Argelia y la liberación de los hombres*. In: *Por la revolución Africana*. México: Fondo de cultura, 1975. p. 170-171. **Tradução Nossa.**

150 ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.32.33.

151Ibid., p.34.

Fanon para o *El Moudjahid*, possibilitou uma comunidade imaginada, onde a coexistência com a metrópole não permitiria a sua plenitude.

Diante de tal consideração, qual seria o peso do *El Moudjahid* para este novo ideário nacional?

Em primeiro plano, como sugere Anderson, “Podemos resumir que a convergência do capitalismo e da tecnologia da imprensa sobre a fatal diversidade da linguagem humana criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada, a qual, em sua morfologia básica, montou o cenário para a nação moderna”.¹⁵²

No caso argelino, esta afirmação é sugestiva, afinal, como já mencionamos, após o Congresso de Soumann, o *status* do próprio *El Moudjahid* viu-se transmutado. Em suma, deixando de ser um panfleto, para se tornar uma expressão de uma temporalidade pensada coletivamente, ou nos termos de Anderson, o tempo da nação, vinculado ao tempo individual – fluindo de forma interseccional para alguma direção.

Ainda sobre esta temporalidade compartilhada, penso ser importante situarmos que, o *El Moudjahid*, após sua reestruturação, passou a ser organizado sob o formato de fascículos, possibilitando dentre outras coisas, a imaginação de uma sequência, e da constituição de uma história da nação.¹⁵³

Situada as tramas deste novo campo político em formação, assim como, o papel do *El Moudjahid* para este processo, gostaria de avançar na participação de Fanon a partir de 1959, ano em que Fanon publicou *L'an V De La Révolution Algérienne*, traduzido ao espanhol como *Sociologia de una Revolución*.

Quando Fanon publica este material, o cenário argelino das lutas de libertação apontava para uma euforia do próprio autor. Os textos, em sua totalidade apontam para um instante onde famílias, minorias étnicas, mulheres e materiais não humanos, estariam mobilizados pela descolonização do país.

Deste livro, gostaria de situar uma trama em específico, relacionada diretamente com o campo político argelino, nas quais a configuração do nacionalismo emergente das relações entre FLN e os nativos estariam demarcadas.

A situação que gostaria de apresentar, neste material de 1959, diz respeito a visão de Frantz Fanon sobre os usos do Rádio durante as lutas de libertação. Trata-se do capítulo *Aquí la voz de Argelia*, cujo panorama central é a utilização do rádio por parte dos nativos argelinos no decorrer das lutas de libertação.

Do ponto de vista de Fanon, o rádio em período anterior à ofensiva da FLN, deveria

¹⁵² ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. op.cit., 82.

¹⁵³ Para um aprofundamento das modificações no Layout do *El Moudjahid* sugiro a leitura de; STANTON, Andrea. : The changing face of El Moudjahid during the Algerian War of Independence, *The Journal of North African Studies*, 16:1, 59-76, 2011.

ser compreendido enquanto tecnologia de uso do colonizador. Esta afirmação baseia-se em duas suposições. A primeira de que, o rádio como produto eletrônico metropolitano, era de difícil acesso para as camadas argelinas, inseridas em uma estratificação econômica que não deve ser menosprezada. Enquanto que a segunda, acenava para a dimensão social da tecnologia radiofônica, ao passo que, a programação estava restrita apenas em programas em francês, e com conteúdo burlesco e com certos tons de erotismo – antagônicos aos preceitos das camadas islamizadas, população que gozava de certo acesso aos conteúdos. Nos termos de Fanon: “A possibilidade de rir frente ao chefe de família ou ao irmão maior e de escutar em conjunto palavras amorosas e expressões tendenciosas, freou sem dúvidas a difusão dos radio receptores na sociedade autóctone argelina”¹⁵⁴

Esta situação de inadequação para com a programação argelina, dialoga o que Fanon sugerira dois anos antes do lançamento do texto *Aquí la voz de Argélia*, em artigo: *Decepciones e ilusiones del colonialismo francés* publicado no jornal *El Moudjahid* em setembro de 1957. Neste pequeno texto, é demonstrado como que certas ofensivas midiáticas do colonizador francês acabavam fracassando, devido à ética particular da sociedade argelina¹⁵⁵. Estas disposições de defesa, como aponta Fanon, nem sempre estavam em um nível de racionalização verbalizada, o que acaba por dialogar com o que Ortnier aponta sobre posturas supostamente inconscientes na intencionalidade da agência.¹⁵⁶

Este posicionamento de negação ao rádio começou a ser transmutado a partir do contato da população argelina com estações de rádio de outros países islamizados, no caso, Síria, Egito e Líbano. Através desta proximidade, tanto linguística, mas também cultural/religiosa, simbolizada pela cultura árabe, passa a emergir na Argélia uma nova relação dos nativos para com o rádio.

Na perspectiva Fanoniana, esta integração do rádio no imaginário argelino, passava a receber outras dimensões, a partir da inserção da Argélia em 1954, na Frente Anticolonialista do Magrebe. Para o autor, este evento, marcou de certa forma, a inserção do rádio, enquanto tecnologia com uma dimensão social apropriada para os usos da revolução.

Ao mencionar este processo de adepção do rádio, assim como em textos anteriores produzidos para o *El Moudjahid*, Fanon busca produzir um imaginário nacional,

154 FANON, Frantz. *Sociología de una Revolución*. op.cit., p. 51. **Tradução nossa**

155 FANON, Frantz. *Decepciones e ilusiones del colonialismo francés* In: Por la revolucion africana. op.cit. p.62-67.

156 Para um aprofundamento das relações entre agência e inconsciência, ver: ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In 25a reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006.

acerca das relações tecnologia (rádio) e os seus usos aplicados ao contexto de descolonização. Nos termos do autor:

[...] o argelino sente a necessidade de elevar sua vida ao nível da vida da revolução. Tem a necessidade de entrar na rede de informações e de penetrar no mundo em que ocorrem as coisas, em que há lugar para os acontecimentos, em que se operam as forças. Através da guerra que estão empreendidos os seus, o argelino afirma sua comunidade. O argelino deve opor suas informações às informações do inimigo.¹⁵⁷

Como mencionado a pouco, assim como nos textos jornalísticos produzidos para o *El Moudjahid*, o texto *Aqui la voz de Argelia*, projeta sobre o argelino, o papel de ator no processo revolucionário, sem no entanto, discutir as devidas idiossincrasias deste processo. Em outros termos, há uma projeção de militância dos sujeitos argelinos, no entanto, pensada através das aspirações de Frantz Fanon e da FLN. Impossibilitando até certo modo, a leitura destes processos enquanto imaginário coletivo, ou apenas enquanto imaginário de determinada organização política permanente, e de seus respectivos produtos políticos.

Apesar desta ressalva, dois aspectos precisam ser considerados. Primeiramente, o rádio possibilitou à FLN, expandir seu projeto político, em outrora, veiculado pelo *El Moudjahid*. A presença do rádio enquanto tecnologia difusora dos produtos políticos da FLN, deve ser considerada, afinal, através do rádio, outros departamentos, afastados dos grandes centros e das próprias *wilayas*, passariam a se relacionar com o contexto das lutas de libertação.

O segundo aspecto, vincula-se ao primeiro, e é concernente ao impacto que essa incorporação ocasionou ao governo do colonizador, fomentando o que Fanon denominou como “guerra das ondas sonoras”.

Segundo acena Fanon, a difusão de programas de rádio como *A voz da Argélia combatente*, *A voz da Argélia* e *Vozes combatentes*, proporcionou ao colonizador a necessidade de refrear o acesso à tecnologia, pois, diferentemente de outros períodos, onde a dimensão social do rádio proporcionava ao colonizador a propaganda de suas conquistas, no contexto das lutas de libertação, estes sentidos teriam sido apropriados, e redimensionados para o interesse autóctone.

Esta posição em refrear a difusão do rádio, fez com que, a venda de rádios fossem proibidas no país, e ao mesmo tempo, o acesso à pilhas e rádios portáteis passou a ser possível apenas através do contrabando, como intensificação deste cenário, quedas rotineiras ao sinal das rádios se evidenciaram.

157 FANON, Frantz. *Sociología de una Revolución*. op.cit., p. 56. **Tradução nossa**

Do lado autóctone, a utilização do rádio no contexto das lutas de libertação, proporcionou em certa medida, uma maior integração nacional, seja no âmbito de uma espacialidade, afinal, certos departamentos passaram a ser mais bem atendidos por notícias do conflito, seja no âmbito da sugestão de uma integração linguística, no caso, a língua árabe, carro-chefe nos radiotransmissões.

Sobre este aspecto, vejamos a passagem de Fanon:

Agrupados por dezenas e cercados por centenas em torno de um rádio receptor, os **camponeses** escutam religiosamente “a voz combatente”. Muito poucos são os que compreendem o árabe litetário utilizado nas transmissões. Mas o rosto é grave e a expressão endurece quando a palavra Istiqlal (Independência) surge. Uma voz árabe que, quatro vezes por hora, martela Istiqlal, é suficiente neste nível de **apasionamento** da consciência para cultivar a fé na vitória.¹⁵⁸

A passagem acima, nos confirma a intencionalidade da produção de Fanon – **Imaginar a Nação**. Projeto este, mediado por sua militância na FLN, organização que como observamos, aparece no campo político argelino, enquanto primeira organização com produtos políticos específicos e com a intencionalidade de fomentar uma oposição ao governo metropolitano.

Ainda sobre o mesmo trecho, demarquei de forma proposital o termo **camponês**. Esta demarcação dialoga com a minha vontade em mencionar que, pela primeira vez no campo político argelino, tem-se uma organização com a consciência de englobar os não proletários, os não urbanizados, nos termos de Fanon – **Os condenados da terra**.

Diferentemente de outros projetos nacionalistas, demarcados por um assimilacionismo e por um diálogo profícuo com o islã, temos no projeto político da FLN, esta guinada, onde, a oposição foi radicalizada, assim como, o repertório de agentes envolvidos. Em síntese, o que a FLN aparentou tentar construir, foi uma comunidade imaginada, provida de uma simultaneidade, uma horizontalidade, secularizada e trans temporal.¹⁵⁹

Através destas projeções de Frantz Fanon sobre a temática argelina, nos é possível mensurar uma situação. De fato, as preocupações de Fanon não partiam do mesmo ideário de Pierre Bourdieu.

Em certa medida, Bourdieu em sua elaboração acenava para uma preocupação, pertinente a própria etnologia daquele período, ou seja, descrever determinadas situações, pautando-se na relevância dada à observação participante enquanto construção de conhecimento inquestionável, enquanto que em Fanon, suas preocupações eram concernentes à necessidade de imaginar uma Argélia descolonizada.

158 FANON, Frantz. *Sociología de una Revolución*. op.cit., p.67. **Tradução nossa**.

159 ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.71.

Em síntese, o que observamos é um Bourdieu preocupado com a caracterização expressa pela etnologia, enquanto que em Fanon, o militante envolto na causa anticolonialista.

Situadas as diferenciações entre as produções de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon através da noção de campo, para o próximo capítulo, o exercício se constitui na digressão história em relação as trajetórias de ambos os autores, a fim de problematizarmos a adepção destes em relação aos campos analisados, assim como, apresentar certas situações circunscrita à estadia destes no contexto argelino.

4. PREDILEÇÃO E DISTANCIAMENTO ENTRE OS CAMPOS DA CIÊNCIA E DA POLÍTICA EM PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON – NOTAS SOBRE DUAS TRAJETÓRIAS

No capítulo anterior, apresentei as caracterizações de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon sobre a temática argelina, a partir da atuação destes, em campos específicos, respectivamente, nos campos da ciência e da política.

Retomando este quadro, para este momento, penso ser relevante aprofundarmos esta análise processual das caracterizações de Bourdieu e Fanon sobre a Argélia, tomando não apenas os campos de enunciação, mas também, os processos biográficos que proporcionaram o diálogo destes, em relação aos espaços nos quais as narrativas sobre a Argélia foram articuladas, assim como da posição frente ao contexto das lutas de libertação.

Deste modo, a proposta para este capítulo traz como objetivo, evidenciar certos elementos biográficos que de certa forma, colaboraram para a adesão de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon em relação aos campos da ciência e da política e, por conseguinte, da relevância destes eventos na interpretação construída sobre a guerra da Argélia.

Em suma, esta proposição se dá através de duas considerações teóricas.

A primeira é concernente ao próprio uso das biografias como forma de compreender determinada suposição/posição do agente em meio ao campo ao qual ele está inserido. Isto posto, o trabalho de Pierre Bourdieu, *L'illusion biographique*, pode ser compreendido como parte do escopo analítico para um melhor direcionamento deste capítulo.¹⁶⁰

Neste trabalho, Bourdieu acena para as fragilidades dos trabalhos biográficos que visam de certo modo, reconstruir a trajetória do agente, de forma individual, sem valorizar, ou até mesmo dimensionar, a importância do campo de atuação do agente, e suas relações neste contexto. Ainda neste material, há em Bourdieu a crença de que, os estudos biográficos, a guisa de uma cientificidade, necessitam de uma rearticulação capaz de transcender a observação de determinada trajetória, enquanto coerente e totalitária, ou, dito de outra forma, como se a vida, pudesse ser mapeada em sua totalidade.

A partir deste incômodo metodológico de Bourdieu, ao qual compartilho, decidi discutir estas trajetórias tomando como base, as relações das trajetórias dos intérpretes

160 BOURDIEU, Pierre. "L'illusion biographique". In: Actes de la recherche en sciences sociales, Vol. 62-63, 1986, pp. 69-72.

com os campos da ciência e da política, priorizando em certa medida a construção dessas ligações.

Partindo deste recorte nas trajetórias, viso pensar as produções de Bourdieu e Fanon sobre a Argélia, tomando também o diálogo com a suposição elaborada por Clifford Geertz, onde para o mesmo, a análise das produções textuais deve ser tecida partindo de um duplo corolário, onde produção intelectual e experiências biográficas se entrelaçam.¹⁶¹ A fim de reaver este entrelaçamento – trazendo os “bastidores” das construções de Bourdieu e Fanon, de certo modo, este capítulo implica a realocação das experiências de ambos no contexto da guerra civil argelina, assim como, sobre o que adveio anteriormente ao evento e sobre as estratégias construídas posteriormente. Em certo tom, trata-se da possibilidade de situar o “estar lá” de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon.¹⁶²

Assim, no sentido de delimitar a perspectiva deste capítulo, objetivarei mensurar as relações entre escrita e alteridade, assim como, outras questões referentes à biografia como parte constitutiva da produção intelectual de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon, evitando incorrer em problemas conceituais como a “ilusão biográfica”

Do ponto de vista dos materiais utilizados, grosso modo, utilizo-me de dois tipos de materiais – os materiais elaborados por comentadores e os materiais com as impressões construídas pelos próprios autores.

No caso de Fanon, os materiais de seus comentadores encontrados para análise são em quase sua totalidade, construídos por autores estrangeiros. Em especial em autores de língua inglesa e espanhola e em certos casos de origem francófona. Raros foram os trabalhos encontrados em língua portuguesa sobre o autor, e quando encontrados, em suma maioria, são pesquisas recentes – com datação a partir dos anos 2000. Para além dos materiais de comentadores, no caso de Fanon, decidi considerar certas passagens da obra *Pele negra máscaras brancas* enquanto documento de acesso ao contexto da vida de Fanon e também materialização de uma etapa de sua trajetória.

Ao lidar com a trajetória de Bourdieu, os comentadores apresentaram elementos biográficos mais escassos. Acredito que esta especificidade se deu devido às próprias advertências de Bourdieu em torno do uso dos estudos biográficos nas ciências sociais. Deste modo, consegui acessar certas situações tomando como referência, obras de alguns comentadores e de alguns ex-alunos do próprio Bourdieu.

Com exceção destas fontes, utilizei a obra *Esboço de autoanálise* construída por Bourdieu como parte desta documentação.¹⁶³

161 GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

162 Sobre o termo “estar lá”, Geertz considera esta expressão dentro da antropologia enquanto forma de legitimação dos discursos e das produções etnográficas.

163 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

A obra *Esboço de Autoanálise* foi publicada seis meses antes da aposentadoria de Bourdieu, e um ano antes da sua morte. A obra, traduzida e publicada no Brasil, três anos após a publicação original, nos traz um panorama de suposições não apenas sobre a figura de Bourdieu, mas também, acerca das motivações que levaram Bourdieu produzi-la e do caráter estilístico do material.

Diferentemente de uma biografia, esta obra, não traz uma teleologia da vida de Bourdieu, e suas análises mostram-se desvinculadas de uma historicidade diacrônica.¹⁶⁴ Em contraponto, os sucessivos retornos desordenados (cronologicamente), nos sugerem a busca de Bourdieu por uma significação científica, ou, uma forma intelectual capaz de ordenar elementos que ele mesmo teria vivenciado e não analisado. Nas palavras de Miceli, em prefácio à versão brasileira da obra, “Bourdieu intentou a façanha de refletir sobre o passado por meio do inquérito que ele mesmo fora refinando como método de trabalho”.¹⁶⁵ Ou seja, Bourdieu buscou aplicar seu referencial analítico sobre a sua própria trajetória.

Para o próprio Bourdieu, a construção desta autoanálise, deveria de certo modo, desencorajar a feitura de biografias sobre a sua vida¹⁶⁶ – e ao mesmo tempo não deveria ser tomada como uma autobiografia, mas, enquanto construção da história social de um autor, algo sugerido por Bourdieu em suas aferições sobre o campo literário, o campo científico, o campo das artes e outros campos cujo intercâmbio, não alteraria o sentido da proposta.

Situados de forma preliminar, a proposta, o referencial analítico e os materiais consultados, dou início ao capítulo projetando as buscas de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon em torno do campo científico.

4.1 A INSERÇÃO NO CAMPO CIENTÍFICO COMO FITO:

As trajetórias de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon nos demonstram que, ambos tinham predileção pela prática científica e depositavam expectativas sobre a própria inserção neste campo – No entanto, estas expectativas seriam perpassadas por elementos contextuais que de certo modo, acabariam por promover a efetivação de Bourdieu nesta modalidade, e em detrimento, a egressão de Fanon.

Se pensarmos o caso de Bourdieu, sua inserção no campo científico foi o resultado

164A não existência de uma sequência cronológica em sua autoanálise, reafirma as suposições do autor em “L’illusion biographique”.op.cit., 69-70.

165 MICELI, Sérgio. *A emoção raciocinada*. In: BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.p. 08.

166 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.133.

de estratégias que remontam sua origem em uma região rural ao Oeste da França, mais especificamente, no departamento de Denguim – região do Béarn.

Na primeira infância, Bourdieu, filho de Albert Bourdieu, um modesto funcionário público, que trabalhava para os serviços de correio da região – mais especificamente na PTT (French Post Office) e de Noémi Duhau, uma dona de casa, membro de uma família de agricultores de médio escalão¹⁶⁷, via-se mediatizado por um ambiente rural onde a escolarização era observada como única forma de sublevação diante da adversidade econômica dos trabalhos rurais.

No cerne de sua família, em certa medida, diferente das demais famílias locais, marcadas pela empregabilidade provisória e pela religiosidade, Bourdieu encontrou subsídios para a prossecução de seus estudos.

Na figura paterna, além da seguridade do serviço público, o conhecimento de seu pai sobre questões sociais, e sua participação em organizações sindicais, e o ceticismo religioso lhe trazia a possibilidade de romper em certa medida com as disposições conservadoras daquela região. Destas percepções sobre o pai, Bourdieu escreveu:

Ele me ensinava sem conversa, pela sua atitude por inteiro, a respeitar os pequenos, entre os quais se enxergava [...] Votava cravado na esquerda, estava inscrito no sindicato, o que suscitava alguns problemas, naquele mundo rural bastante conservador, em especial por ocasião das greves”.¹⁶⁸

No âmbito materno, Bourdieu relatou sobre sua mãe como figura central para que, ele próprio incorporasse certas noções de respeitabilidade para com convenções sociais, fosse no ambiente doméstico, ou em áreas públicas como a igreja (algo que lhe causava incômodo), e na escola, por exemplo.

Desta rigidez materna e da diferenciação do seu pai em relação à maioria de homens daquela região, Bourdieu percebeu-se enquanto sujeito que gozava de uma distinção em relação aos colegas, embora partilhasse de uma situação de classe semelhante.

Em uma passagem do esboço, é possível acessar esta situação:

[...] Muito próximo dos meus colegas de escola primária, filhos de pequenos agricultores, de artesãos ou de comerciantes, com os quais tinha quase tudo em comum, exceto o êxito escolar, que me fazia sobressair um tanto, estava apartado deles por uma espécie de barreira invisível, a qual se exprimia de vez em quando por meio de insultos rituais contra os empregados de “mãos brancas”.

Esta distinção, deflagrada pela posição paterna no âmbito profissional, pelo

167 GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: Agent Provocateur. London, Continuum, 2004, p.07.

168 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.111.

sobressalto nos processos de escolarização, assim como pelos cuidados maternos, proporcionaram à Bourdieu, uma clivagem em relação aos demais residentes da região.¹⁶⁹

Estes fragmentos, relacionados às figuras paterna e materna, respectivamente, nos concebem uma consideração interessante. Já que, Bourdieu atribuiu aos eventos mencionados, um peso substancial sobre a sua trajetória, devemos compreendê-los como elementos pertinentes para a incorporação de certos condicionamentos.

Condicionamentos estes, fundamentais para a sua distinção frente aos demais estudantes/adolescentes no Béarn, fato inclusive, valorado por Bourdieu como fundamental para o seu êxito no ambiente escolar.¹⁷⁰

Em síntese, diferentemente da maioria das famílias do Béarn, Bourdieu surgiu de uma família onde, o pai, mesmo que com remuneração modesta, desfrutava de um posto público, e de uma mãe, cuja origem provinciana tradicional, lhe impunha a incorporação de gestos e práticas diferenciadas. Fomentando em Bourdieu, a possibilidade de se sobressair em relação aos valores exigidos pela escolarização.

Este sobressalto, inclusive possui motivações técnicas. Por exemplo, o pai de Bourdieu, enquanto funcionário do governo francês possuía domínio do idioma francês, elemento não comum na região, onde em suma maioria, se utilizava o Gascão como dialeto. Destarte, o francês, enquanto língua vernácula no processo de escolarização acabou contribuindo enquanto acumulação primária para a ascensão de Bourdieu no âmbito escolar.

Esta situação de distinção perduraria até o ano de 1941, ano em que Bourdieu, abandonou a casa de seus pais, passando a habitar e estudar como interno no Liceu de Pau, vilarejo cerca de 20 quilômetros de distância da casa de seus pais.

Através desta mudança, Bourdieu foi cerceado por outra autorrepresentação, baseada em outra forma de diferenciação.

Desta vez, devido à sua origem em uma região pequena, e desconhecida por parte dos outros alunos. Esta diferenciação de camponês será acrescida da diferenciação de classe, pois parte dos alunos da instituição advinham de uma situação de classe superior.

As projeções do próprio Bourdieu sobre este período são em suma maioria,

169 Em certa passagem do esboço esta situação é plausível: “Ela entrava em conflito com meu pai, de humor mais aguerrido e um tanto anarquista, quando queria impor, sem acreditar muito, um mínimo de conformidade de fachada aos costumes locais, sobretudo religiosos, a que eu me recusava (ainda mais porque sentia verdadeiros arrepios de pânico à simples ideia de atravessar toda a igreja, no domingo, para alcançar o banco dos meninos), ou, então, certas particularidades cosméticas ou de indumentária, um avental branco, uma vez, calças compridas, outra, (sem falar do repartido impecável que queria fazer a todo custo nos meus cabelos e eu logo desfazia ao sair), particularidades que me davam repulsa pelo fato de me *distinguirem* dos demais e me deixarem expostos à zombaria”.

170 Acredito ser relevante considerarmos o peso dos estudos de Bourdieu sobre a escolarização na idealização desta etapa do esboço.

mediadas por uma reflexão destas duas formas de diferenciação: a de estratificação em paralelo à noção classe. Na perspectiva de Bourdieu, estas duas formas de distinção fizeram com que, seu amadurecimento no internato, fosse pautada em uma visão menos positiva sobre a escolarização, similarmente, sobre a construção das relações sociais, em via de regra, mediatizadas por disputas.

Diferentemente de uma visão moralizante e positiva em relação aos processos de escolarização, Bourdieu acena que, desde sua estadia no internato, já possuía em suas convicções a experiência de que o espaço escolar necessitava ser visto como um local de diferenciação social, um espaço de conflitos, onde “por conta das necessidades de luta pela vida o oportunismo, servilismo, a delação, a traição”¹⁷¹ eram experienciados. Estes eventos nos quais Bourdieu via-se mediatizado no internato devem ser compreendidos enquanto situações específicas de sua trajetória, e fundamentais para a sua colocação e deslocamento dentro da esfera acadêmica e das relações intrínsecas a este espaço.

Por exemplo, no âmbito de sua situação como interno, diferentemente dos demais alunos, como descreve Bourdieu, sua postura arredia, lhe proporcionava, situações conturbadas, que quase lhe geraram a expulsão do Liceu, situações estas, contornadas pelo administrador Bernard Lamicq, caracterizado por Bourdieu como um personagem importante para a sua manutenção no internato¹⁷².

Esta postura arredia, mencionada a pouco, recebe de Bourdieu, uma devida importância, pois, diferentemente de uma caracterização negativa, é pensada em seu esboço, enquanto reminiscência de seu *habitus* primário¹⁷³, e algo valorizado pela tradição de seu vilarejo.

Desta autorrepresentação, certos aspectos são relevantes. Posto que, preliminarmente, em Bourdieu, a percepção sobre as relações humanas baseadas em formato de disputas, acoplada à sua postura arredia, lhe fomentaram uma distinção no internato, o que em tese viria a ser postergada em sua trajetória. Como por exemplo, ao mencionar sua predileção pelos estudos, esta mesma autoatribuição de arredo, e de cético das relações em ambientes de competitividade, acabava por afastá-lo dos demais.

Acerca dos demais internos, Bourdieu caracterizou:

De um lado, o estudo, os internos procedentes da zona rural ou dos pequenos vilarejos dos arredores, que – exceto alguns originais, facilmente suspeitos,

¹⁷¹Ibid., 115.

¹⁷²Idem.

¹⁷³Na teoria de Bourdieu sobre o *Habitus*, o termo *Habitus Primário* pode ser compreendido como as primeiras formas de socialização vivenciadas por crianças, seja no ambiente familiar ou em ambientes outros. Segundo Bourdieu, tais experiências acabam por edificar e reformular as percepções que o sujeito tem sobre si, bem como, sobre os outros e o espaço.

naquele universo de masculinidade escarrada, de ser homossexuais [...] gostavam de falar de meninas ou de rúgbi, copiavam suas dissertações dos alunos veteranos ou de coletâneas de textos corrigidos, preparavam cópias falsas para as provas trimestrais de história.¹⁷⁴

E a segunda, frente aos alunos do externato, como na passagem abaixo:

[...] nos alunos externos, espécie de estrangeiros algo irreais, em sua indumentária afetada, culotes curtos um pouco pesados, ou calças de golfe bem talhadas, que destoavam de nossos uniformes cinzentos, e ainda em suas maneiras e preocupações, as quais evocavam a evidência crua de um mundo inacessível. Lembro-me de um deles, um refugiado com sotaque parisiense que, sempre na primeira fila e desligado por completo de tudo o que o cercava, escrevia poemas.¹⁷⁵

Se, em seu período na casa dos pais, Bourdieu via-se mediado por diferenciações que lhe fomentaram determinada inflexão de princípios, em seu período no Liceu de Pau, esta circunstância se vê reformulada, e de certo modo, passa a demarcar sinais de traços pertinentes em sua trajetória.

Colocando-se à margem dos candidatos ao êxito escolar, e buscando distanciar-se do possível fracasso, Bourdieu passa a traçar no Liceu suas próprias estratégias de colocação dentro do contexto escolar. Na memória de Bourdieu, esta estratégia se deu através de certos nuances, como o descrito abaixo:

Prensado entre os dois universos, e seus valores inconciliáveis, e um tanto desgostoso pelo anti-intelectualismo repicado pelo machismo debochado e estridente que deliciava meus colegas de internato, muitas vezes eu ficava lendo durante o recreio, em especial aos domingos em tempo de exames, ou, então jogando pelota basca. E acho que comecei a praticar rúgbi, ao lado de meus colegas de internato, no intuito de evitar que meu êxito escolar – e a docilidade suspeita que isso parecia supor – acabasse me excluindo da chamada comunidade viril da equipe esportiva, único lugar de verdadeira solidariedade [...].¹⁷⁶

Bourdieu atribui à estratégia mencionada, como necessidade de superar um campo de ambivalências presente no internato. Por outra forma, sua estadia no internato necessitava contemplar qualidades opostas e em certa medida excludentes. Pois, havia a necessidade de desenvolver-se no campo intelectual, e ao mesmo tempo, contemplar as normatizações de um campo de relações onde, o anti-intelectualismo, e a virilidade das relações masculinas permaneciam, ou seja, tratava-se da inserção de um habitus clivado, onde os interesses eram inconciliáveis.¹⁷⁷

174 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.121.

175 Idem.

176 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.123.

177 Ibid., p. 123.

Esta construção através de um *habitus clivado*¹⁷⁸ lhe trouxe, segundo sua memória, uma diferenciação frente aos demais aspirantes aos cargos universitários. Para Bourdieu, sua posição enquanto estudante, e sua clivagem com um mundo agressivo, lhe permitiu observar as tramas nas quais ele via-se inserido de modo distinto.

Passada a estadia no Liceu de Pau, Bourdieu migra para Paris, a fim de cursar o nível secundário no Liceu Louis-le Grand.

*

Frantz Fanon nasceu na Martinica, na região do Forte de France em 20 (Vinte) de Julho de 1925. Neste período, a região da Martinica estava marcada por uma estratificação social, e por uma segregação espacial marcada pela cor. Onde apesar da população expressivamente negra, as camadas brancas mantinham o monopólio das riquezas locais, e dos empregos que exigiam formação específica.¹⁷⁹

A valer, a organização social que marcava as relações étnicas na Martinica, transcendia as relações econômicas, e atuava no âmbito da hierarquização das disposições raciais.

Em meio a esta situação de segregação, Fanon acabou crescendo tendo contato com os dois mundos. Nascido em uma família de classe média e negra, onde segundo Zahar, se aspirava mais ser assimilado do que ser oposição à França, sua situação, enquanto negro, era [...] diferente dos negros nas colônias africanas, apesar da discriminação racial: pois nas Antilhas se desenvolveu uma burguesia negra”.¹⁸⁰

Embora a família possuísse este desejo de assimilação, a influência do irmão mais velho e membro da Organização Separatista da França – foi fundamental para que Frantz Fanon não almejasse as disposições dadas por sua classe social.

Seu processo de escolarização foi marcado pela influência do estilo de vida francês, Junto com os seus demais irmãos, no total de sete, estudaram a língua francesa, a literatura francesa, a história das conquistas francesas – construindo assim, um apreço pelo estilo de vida francês.

Esta formação em uma educação ao molde francês deixou marcas na constituição do jovem Fanon, dado que durante os anos entre 1936-1940 o mesmo manteve seu

178 Conceito construído por Bourdieu. Relaciona-se ao *habitus* construído a partir da conciliação de costumes contrários adotados em campos distintos, mas que em determinado momento acabam por se entremear.

179 HANSEN, Emmanuel. Frantz Fanon: Portrait of a revolutionary. In. GIBSON, Nigel. (ed) *Rethinking Fanon: The continuing Dialogue*. New York: Humanity Press, 1999. p.51.

180 ZAHAR, Renate. *Colonialismo y enajenación: Contribución a la teoría política de Frantz Fanon*. México: Siglo XXI, 1970. p. 01.

pensamento nas possibilidades de ascensão social e no seu distanciamento com o contexto martinicano. Este distanciamento está expresso inclusive em *Pele Negra Máscaras Brancas*, quando o mesmo evidencia as diferenciações de seu posicionamento entre não ser africano [como de fato não o era] e ao mesmo passo, não ser um branco francês – acenando para a dificuldade de uma caracterização de sua identidade, enquanto negro-francês de ultramar.

Segundo suposições de Strickland, apenas no ano de 1940 a partir dos conflitos da 2ª Guerra Mundial e do avanço de tropas estrangeiras na região da Martinica, é que a visão de Fanon frente às estruturas sociais e raciais tomará outro enfoque.¹⁸¹ Este mesmo período, também foi observado por María Yaksic, como momento importante. Pois, é neste período que tropas francesas, sob ordens da Administração de Vichi mantiveram a Martinica em custódia das tropas nazistas, impossibilitando a saída do país, e a circulação de pessoas em locais estratégicos e em horários preestabelecidos.¹⁸²

No ano de 1941, os Estados Unidos articularam um bloqueio à Martinica com o objetivo de estabelecer a presença dos martinicanos no eixo dos aliados. O reflexo desta imposição, como afirma Cauter, fez com que Fanon retornasse da República Dominicana, onde havia migrado para receber treinamento com soldados britânicos.¹⁸³

Contudo, a aceitação do governo da Martinica às exigências francesas fez com que retornasse e, posteriormente, fosse enviado para a região de Bougie-Argélia (1943) onde receberia treinamento militar em um curso para oficiais¹⁸⁴. A presença na Argélia foi de fundamental importância para o seu retorno posterior ao norte da África. Para Hansen, Fanon ficou extremamente tocado com a situação da população argelina em meio às invasões alemãs na região, e através desta experiência, passou a inquirir acerca de modo mais estruturado sobre a situação colonial.¹⁸⁵ Fanon colaborou com as tropas aliadas na região da Suíça, estabelecendo-se na Alemanha junto com seu irmão Joby Fanon durante alguns meses do ano de 1944. Esta adesão ao movimento de libertação da França, segundo Yaksic, foi fundamental para que o mesmo articulasse sua visão acerca da diferenciação posta entre os franceses europeus e os 'franceses' do além-mar.¹⁸⁶

Mediante estas transformações abruptas e as complexas experiências vivenciadas por Fanon, Hansen levanta uma questão importante. Quais seriam os impactos deste

¹⁸¹Ibid.,p.68.

¹⁸²YAKSCI, María. Notas sobre la vida y obra de Frantz Fanon. In OLIVA, Elena, STECHER, Lúcia, ZAPATA, Claudia (org) *Frantz Fanon desde América Latina: Lecturas contemporáneas de un pensador del siglo XX*. Buenos Aires: Corregidor, 2013. p.27.

¹⁸³CAUTE, David. *Fanon*. Londres:Wm – Collins & Co. Ltd, 1970. p.35.

¹⁸⁴GENDZIER, Irene. *Frantz Fanon. Un estudio crítico*. México: ERA, 1977. p.10-18.

¹⁸⁵HANSEN, Emmanuel. *Frantz Fanon: Portrait of a revolutionary*. Op.cit., p.59.

¹⁸⁶YAKSCI, María. Notas sobre la vida y obra de Frantz Fanon. 27.

contexto sobre Fanon? Como que a experiência bélica da 2ª Guerra refletira sobre o mesmo?

A resposta para a questão inicia-se a partir do retorno do mesmo à Martinica e o apoio dado à campanha do seu único professor negro no Liceu, o poeta Aimé Césaire, candidato do partido comunista martinicano à presidência da República. Aimé Césaire, intelectual do movimento da Negritude e autor da obra *Discurso sobre o Colonialismo* já exercia grande influência sobre Fanon desde sua adolescência - (vale reafirmar que Césaire foi professor no Liceu onde Fanon concluiu o nível médio).

Embora Fanon tenha colaborado para a candidatura de Césaire, no Partido Comunista Martinicano, não há como articular alguma relação neste momento entre o pensamento deste para com a causa comunista. Nas palavras de Hansen, a ligação entre eles se dava de forma efetiva pelo viés étnico – e não pela crença em um processo revolucionário classista.¹⁸⁷ Segundo afirma Geismar, a militância do irmão de Frantz Fanon – Joby Fanon era mais clara, pois neste período do pós-guerra, Frantz Fanon mantinha como foco seus estudos, tornando-se introspectivo e recluso.¹⁸⁸

Deste esforço, lhe surge a oportunidade de migrar para a França para estudar medicina.

4.2 ESTRATÉGIAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: INÍCIO DA HETERODOXIA DE PIERRE BOURDIEU E DO DISTANCIAMENTO DE FRANTZ FANON

Após sua saída do Liceu de Pau, Bourdieu mudou-se para Paris, a fim de continuar seus estudos no Liceu Louis-le Grand, onde iniciaria seus estudos secundários e posteriormente o bacharel em filosofia.¹⁸⁹

Esta mudança ocorreu em 1947, em um período conturbado no cenário da filosofia francesa, momento onde a busca por punição aos intelectuais que colaboraram com a administração de Vichy, via-se ainda em processo.

Diversos periódicos, como o *Combat*, organizado pelo argelino Albert Camus, exigiam a perseguição aos colaboracionistas, ao mesmo passo que, outra ala mais moderada, condenava estas atividades, enxergando no expurgo, uma perpetuação do fascismo, vivenciado na 2ª Guerra Mundial.¹⁹⁰

Neste cenário, onde o campo dos intelectuais franceses encontrava-se em

187HANSEN, Emmanuel. Frantz Fanon: Portrait of a revolutionary. Op.cit., p.61.

188 GEISMAR, Peter. Fanon. Buenos Aires: Granica, 1972. p. 44.

189 GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: Agent Provocateur. op.cit., p.13.

190 LOTTMAN, Herbert. *A rive Gauche*: Escritores, artistas e políticos em Paris 1930-1950. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1982. p.321-322.

reestruturação, a figura de Jean Paul Sartre ganhava notoriedade. Como afirma Lottman, a partir da reconstrução da *A Rive Gauche* (cena intelectual francesa – reunida em núcleos e organizações na margem esquerda do rio Sena), Sartre emergira como um dos maiores nomes da intelectualidade do país em reconstrução.¹⁹¹

Em uma citação longa, mas importante, podemos inquirir sobre a relevância de Sartre neste período:

A nova Rive Gauche tinha novos heróis. O mais improvável deles era um professor de filosofia parcialmente cego, que nem sequer podia proclamar um passado especialmente rico em atividades de resistência: Jean Paul Sartre. Ele, seus amigos e os que queria ser amigos, seus grupos organizados ou informais, seus livros e revistas, seus mínimos gestos pareciam de repente ocupar as atenções de todo o mundo – assim como, várias mesas de cafés na Place Saint-Germain-des-Prés ou à sua volta. [...] Simone fala da *offensive existentialiste*, no primeiro outono da paz, o que se seguiu à derrota do Japão. Várias coisas aconteceram num breve período de tempo. Apareceu o primeiro número de *Les Temps Modernes*, a revista do grupo de Sartre, juntamente com dois romances seus, *A idade da razão* e *Sursis*. Simone publicou um romance e teve uma peça representada. Sua peça e a revista apareceram na mesma semana, e Sartre fez sua famosa conferência *O existencialismo é um humanismo*. Da noite para o dia, Sartre e Simone se tornaram celebridades, tendo todos os seus movimentos registrados pela imprensa.

Desta efervescência, um elemento de extrema relevância para o campo da filosofia francesa do pós-guerra se abriu - a construção de uma filosofia que acenava para a necessidade de uma participação intelectual na política. Em outros termos, o existencialismo em sua construção, solicitava a formulação de uma filosofia no mundo. Em editorial da primeira edição de *Les Temps Modernes*, certos fragmentos incitavam esta prerrogativa. “Como o escritor não tem como escapar, queremos que se agarre firmemente à sua época; é a sua única oportunidade; foram feitos um para o outro” [...] “Nossa intenção é trabalhar juntos a fim de produzir certas mudanças na sociedade que nos cerca”.¹⁹²

Ainda neste ambiente de reconstrução do campo filosófico francês, a figura de Sartre, viu-se mediada pelas determinações do PCF (Partido Comunista Francês), que o acusava de manter flertes com o “nazista Heidegger”, e por postular uma filosofia que afastava a juventude dos partidos, algo entoado pelos periódicos comunistas, como o *Pravda* e o *Les Lettres Françaises*.¹⁹³ Apesar deste movimento contra o existencialismo, a figura sartriana do intelectual dentro do mundo, modificaria as relações entre a filosofia e o mundo para além da universidade.¹⁹⁴

191Ibid., p.331.

192Ibid., p. 337.

193 LOTTMAN, Herbert. *A rive Gauche*: Escritores, artistas e políticos em Paris 1930-1950. op.cit., p. 339.

194MÉSZÁROS, István. A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo, 2012.

Mediatizado por este campo, Pierre Bourdieu começou em Paris a sua inserção no campo da filosofia, e como não poderia ser diferente, imerso no contexto da difusão do existencialismo e do pensamento de Sartre.¹⁹⁵

Bourdieu, ao mencionar suas memórias sobre este período, aponta para duas situações em específico. Seu incômodo com o processo rigoroso de admissão no campo acadêmico e o caráter celetista desta seleção, bem como, a construção do intelectual total, idealizado por Sartre.

Ambas as situações mencionadas, foram atribuídas à Sartre. Primeiramente, a perspectiva de Sartre, acerca do intelectual enquanto pessoa polímata, ou seja, detentor dos conhecimentos, dos processos e dos discursos, acabavam por alimentar este ideário de segregação e seleção – Uma gama de disciplinas extremamente variadas, exigia de seus inseridos, uma preocupação intensa acerca de diversas atribuições estilísticas e retóricas, ocasionando em uma disparidade dentro do próprio campo acadêmico.

Em segundo plano, a crença do intelectual engajado, opunha segundo o esboço de Bourdieu, as visões de mundo dos intelectuais em relação ao cotidiano das pessoas envoltas em outros campos de atividades. Nas palavras de Bourdieu: “Ninguém acreditou mais que Sartre na missão do intelectual nem se empenhou mais que ele para infundir nesse mito interessado a força da crença social”.¹⁹⁶

Como afirma a historiadora Helenice Rodrigues, este cenário da filosofia francesa, deve ser compreendido no tocante de um contexto histórico onde, a busca por uma moralização do mundo, após a 2ª Guerra e o contexto da descolonização, incutia ao intelectual, o fardo de mediar tais transformações.¹⁹⁷

De fato, a constituição de Bourdieu enquanto filósofo perpassava por um momento de transformação no próprio cenário intelectual francês, e de sua parte, o sentimento foi de estranheza e distanciamento. Em seu esboço, acerca deste cenário no qual a filosofia francesa estava alocada, Bourdieu escreveu:

Mas a propriedade mais importante, e também a mais invisível, do universo filosófico desse lugar e desse momento – e talvez de todos os tempos e em todos os países – é sem dúvida o internamento escolástico [...] ele reveste uma de suas formas mais exemplares de mundo fechado, segregado, desarraigado das vicissitudes do mundo era, no qual se formou, por volta dos anos de 1950, a maioria dos filósofos franceses cuja mensagem inspira hoje um *campus radicalism* [radicalismo acadêmico] planetário, sobretudo por meio dos chamados estudos culturais.¹⁹⁸

195 GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: Agent Provocateur. op.cit., p.15.

196 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.58.

197 RODRIGUES, Helenice. O Intelectual no campo cultural francês. Do caso Dreyfus aos tempos atuais. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 21, no 34: p.395-413, Julho 2005, pp. 397/398.

198 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.44.

Este radicalismo acadêmico mencionado por Bourdieu acabou impondo certos incômodos em seu processo de formação. Em suas memórias, a inserção no campo da filosofia lhe impunha a continuação do período de internamento, e de distinção em relação aos demais agentes, para além da academia. Novamente, em seu esboço, acessamos este contexto:

Os efeitos do internamento, redobrados pelos da eleição escolar e da coabitação prolongada no interior de um grupo socialmente muito homogêneo, tendem de fato a favorecer uma distância social e mental com relação ao mundo, a qual se percebe com maior nitidez, paradoxalmente, nas tentativas, por vezes patéticas, de acender ao mundo real, em especial mediante engajamentos políticos (stalinismo, maoísmo, etc) cujo utopismo irresponsável e cujo radicalismo irrealista comprovam o quanto ainda são uma maneira paradoxal de denegar as realidades do mundo social.¹⁹⁹

Destaco a citação acima, não apenas pela complexidade que a memória de Bourdieu nos fornece sobre o seu próprio posicionamento, frente ao campo intelectual francês que emerge nos anos de 1950, mas também, pelas discussões que esta citação nos forneceria caso, buscassem compreender neste momento o posicionamento de Bourdieu contra Fanon e Sartre acerca da guerra da Argélia. De fato, para Bourdieu, o ideário de um intelectual total, ou do próprio ideário do sujeito polímato, não estaria condizente, com a proposta de um campo científico, demarcado por suas próprias demandas.

Mediatizado por estas circunstâncias e em contraposição ao intelectual total, de raízes sartrianas, Bourdieu, ainda nos anos de 1950, antes de sua incursão na Argélia, passou a dialogar no campo da filosofia, com outras áreas de certa forma apolíticas (do ponto de vista de uma política partidária ou de discussões semelhantes). Distanciando-se tanto do existencialismo quanto do Marxismo Stalinista em voga na França.²⁰⁰

As áreas nas quais Bourdieu se deleitou neste período foram, a história das ciências e epistemologia da ciência e para além, estipulou diálogos com o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss.

Em uma longa passagem do esboço, esta situação é explanada:

A dominação do autor de *O ser e o Nada* (Sartre) nunca se exerceu na íntegra nesse universo, e aqueles (eu inclusive) desejosos de resistir ao “existencialismo” em sua forma mundana ou escolar podiam recorrer a um conjunto de correntes dominadas: a começar por uma história da filosofia estreitamente ligada à história das ciências[...] em seguida, uma epistemologia e uma história das ciências por autores como Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Alexandre Koyré. Por

199Ibid., p. 44.

200GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: Agent Provocateur. op.cit., p. 14.

vezes de origem popular e provinciana, ou, então, estrangeiros [...] ocultos à percepção comum pelo estardalhaço dos dominantes, esses autores marginais e destituídos de poder temporal ofereciam um recurso aos que, por razões diversas, pretendiam reagir contra a imagem ao mesmo tempo fascinante e rechaçada do intelectual total, que se fazia presente em todas as frentes de pensamento.²⁰¹

Em paralelo, o apreço de Bourdieu por Lévi-Strauss, se dá ainda durante sua formação enquanto filósofo, no próprio curso de filosofia, onde Lévi-Strauss apresentava sua perspectiva estruturalista.

Penso existir um elemento epistemológico importante neste contato de Bourdieu com Lévi-Strauss, pois, para além do militantismo de Sartre, outro elemento que, pouco agradava a Bourdieu neste período era o subjetivismo implícito no existencialismo sartriano. E assim, a perspectiva estruturalista de Lévi-Strauss, poderia ser compreendida enquanto uma das formas de composição de Bourdieu enquanto crítico ao pensamento sartriano.

Em síntese, seja pelos autores que discutiam sobre epistemologia da ciência, ou pelo modelo Lévi-straussiano, a construção no campo da filosofia para Bourdieu dava-se em oposição ao modelo estabelecido naquele período. Nos próprios termos de Bourdieu, suas estratégias de empoderamento acenavam para a fomentação de uma heterodoxia.²⁰²

Esta heterodoxia, alimentada pela perspectiva Lévi-Straussiana²⁰³, e pelos estudos em filosofia da ciência, fomentaram em Bourdieu, reflexões acerca do papel da ciência, e da etnologia, enquanto referenciais capazes de dissolver certos pressupostos, compreendidos como, oposição a razão dialética de Sartre, e sua crença na utilização desta perspectiva como forma de projeção do social.²⁰⁴

Estas relações se perpetuariam até o ano de 1955, ano em que Bourdieu é forçado a emigrar para a Argélia, a fim de cumprir o serviço militar obrigatório. E é neste espaço que, de certo modo, sua oposição ao modelo sartriano, bem como, a adoção de outras epistemologias seriam mais bem incorporadas no pensamento de Pierre Bourdieu.

No caso de Fanon, do envolvimento com a resistência francesa e de seu apreço pela ciência, surgiu como oportunidade migrar para a França para estudar medicina. Residindo primeiramente em Paris, muda-se para Lyon onde passou o tempo de sua graduação.

O período em que cursou a graduação em Lyon, entre (1953-1957) foi de

201 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.45.

202 Conceito de Heterodoxia:

203 Não me estenderei sobre as relações entre Bourdieu e Lévi-Strauss, tendo em vista, as construções presentes no próximo capítulo.

204 Embora tenha consciência do contexto histórico diferenciado que permeia a discussão entre Sartre e Lévi-Strauss, sugiro a leitura do capítulo *História e dialética*, presente na obra - *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989. – **Texto organizado por Lévi-Strauss entre Junho – Outubro de 1961.**

fundamental importância para a sua produção intelectual, e, é no contexto universitário, majoritariamente branco que Frantz Fanon conseguiu através do estranhamento, infletir seus pensamentos sobre a posição do negro em meio a construção da modernidade.

Como fruto deste período de inflexões, criou a União de Estudantes Ultramarinos, bem como, o periódico Tam-Tam, cujo título foi inspirado no poema de Aimé Césaire. Neste momento, como fruto das percepções advindas da migração, Fanon acabou por fixar-se em elementos pertinentes à sua posição hierárquica de cidadão negro, francês ultramarino, construindo um projeto intelectual próprio em paralelo à formação técnica da área de medicina.

De fato, como afirma Ortiz é em um panorama bem específico da situação do pós-guerra que Frantz Fanon começa a sua incursão pelas ciências sociais.²⁰⁵ Ao reconstruir o momento intelectual francês deste período, Ortiz nos apresenta a popularização de Hegel e a relevância dos escritos de Sartre para a constituição de Fanon, chegando inclusive a traçar uma breve genealogia de seu pensamento, tendo como vínculo, o marxismo humanista que se construía na França em diálogo com o existencialismo de Sartre.

Ao que parece, a influência do texto de Hegel *A dialética do senhor e do escravo* foi fundamental para suas reflexões posteriores – especificamente em suas meditações sobre a consciência de si – projetada pelo outro.²⁰⁶

Ainda em Hegel, a relevância desta passagem da obra *Fenomenologia do Espírito*, pode ser percebida na primeira obra publicada por Fanon, *Pele Negra Máscaras Brancas*. Em síntese, ao refletir sobre as dificuldades de reconhecimento do outro (branco), o negro, vê-se mediado pela desigualdade e pela impossibilidade da reciprocidade no reconhecimento de sua representação de si. Ou seja, do encontro com outra consciência, o negro vê-se mediado pelo momento de retrocesso (escravização da alma) ou de transposição (assenhoramento da alma).

Pensar sobre este modelo hegeliano, é ao mesmo passo, situar a escrita de *Pele Negra Máscaras Brancas*, enquanto período liminar frente a esta dupla possibilidade – escravização/assenhoramento.

É em Lyon, durante o curso superior em medicina, que Fanon constrói esta narrativa, e é através da angústia da situação do cidadão ultramarino, não assimilado pela metrópole que o trabalho se consolida. A obra carrega em sua escrita, discussões pertinentes as relações raciais, bem como, a situação de englobamento na qual o negro é

205ORTIZ, Renato. Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, pp. 425-442. p.427.

206VILLET, Charles. Hegel and Fanon on the Question of Mutual Recognition: A Comparative Analysis. The Journal of Pan African Studies, vol.4, no.7, November 2011. p.39-52.

submetido a fim de ser inserido no mundo do branco. Em resumo, Fanon problematiza as relações de alteridade descaracterizadas na experiência colonial, percebendo que esta relação não possibilita o espaço para a construção ontogênica/sociogênica do colonizado, negando a inserção deste sujeito no mundo do branco – reafirmando sua escravização no sentido hegeliano.

Este englobamento foi tema das reflexões de Homi Bhabha sobre Fanon.²⁰⁷ A partir do trecho extraído *Em pele negra máscaras brancas* “O negro não é. Nem tão pouco o branco”, o autor problematiza o espaço de construção ontogênica do colonizado, e enxerga nesta expressão de Fanon, a impossibilidade de construção dada pelas interdições da experiência colonial. Como acena Bhabha: “os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referências é transgredido, seu campo de visão perturbado”.²⁰⁸ Em outros termos, as reflexões extraídas de Fanon sobre sua existência enquanto não sujeito do iluminismo, promove em *Pele Negra* [...] a possibilidade de construções marginais em seu *self*. Dito de outro modo, para Bhabha, a produção de *Pele Negra Máscaras Brancas* é capaz de simbolizar a transposição de Fanon ao processo de reconhecimento do outro e do enfrentamento no processo dialético já exposto; escravização - assenhoreamento.

É importante frisarmos que, é em *Pele Negra Máscaras Brancas* que Fanon emerge, pois antes disto, suas produções mantiveram-se desconhecidas.²⁰⁹ Através deste material, cerceada por questões existenciais, de certo modo, Fanon passa a elaborar seu projeto intelectual e em paralelo sua reordenação pessoal.

Se em período anterior a migração, as atribuições de Fanon viam-se incorporadas ao ideário metropolitano, arraigado ao igualitarismo iluminista francês, a partir das inflexões de *Pele Negra Máscaras Brancas*, suposições sobre a hierarquia presente nas questões raciais passam a ser valoradas.

Como se pode perceber na passagem a seguir:

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”

Ceguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraíndo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada.

207 BHABHA, Homi. *Interrogando a identidade: Fanon e a prerrogativa pós-colonial*. In: O Local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

208Ibid., p.73.

209Fanon escreveu em paralelo à esta obra – três outros ensaios jamais publicados. São respectivamente *Les Mains Parallèles*, *L'Oeil se noie*, *La conspiration*. Estes ensaios tiveram trechos publicados na biografia de seu irmão Joby Fanon.

Explodi. **Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu.**²¹⁰

Este movimento de negação da ontologia de si, ou da escravização da existência, fez com que Fanon rememorasse as questões levantadas por Hegel, e o mesmo escreveu: “Claro, bem que existe o momento de “ser para-o outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada.”²¹¹

Em diálogo com estas suposições, é suposto por Crapanzano que é através da mediação de terceiros que a constituição do si se estabelece.²¹² - Nos termos do próprio autor, “A função do terceiro pode ser simbolizado por noções como a lei, convenção, cultura, língua, tradição, o tato, o estabelecimento, a igreja, a razão, ou a máxima lacaniana “nom De Pere” - o nome do pai”²¹³.

No contexto de Fanon, estas convenções culturais e linguísticas, socialmente construídas imbuíram uma descaracterização da percepção de si. Como expresso na citação acima e retomada aqui. **“Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu”.**

Em outra passagem, Fanon explicita este momento de forma clarividente. “Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal”.²¹⁴

Uma ressalva se faz importante. Não estou supondo que apenas neste momento ocorreu uma desequilíbrio na percepção de Fanon sobre si, pois como problematiza Crapanzano, há a formulação de tipificações, momentos supostamente congelados no tempo, onde o pesquisador estabelece suas caracterizações.²¹⁵ - Retomando Hegel, estas construções partem de uma dialética - Afinal, a personalidade é instável e suas tipificações só podem ser articuladas para finalidades transcendentais ao tempo vivido pelo sujeito.

Como vimos, a caracterização projetada pelo outro, fez de Fanon – após a sua migração para a França um sujeito diferente. E a partir desta caracterização, e de sua desilusão para com a metrópole, ele escreveu:

Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar aqui, constituindo-me como objeto. O que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia

210 FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008. p.103. **Grifo nosso**

211Ibid. p.103.

212 CRAPANZANO, Vicent. *On Self characterization*. Chicago: Center for psychological studies, 1988.

213Ibid. p. 73.

214 FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. op.cit.,104.

215 CRAPANZANO, Vicent. 'The self, the third, and desire', In *Psychosocial theories of the self*. New York: Benjamin Lee (Ed.) 1979.

que coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo? No entanto, eu não queria esta reconsideração, esta esquematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente. Mas rejeitava qualquer infecção afetiva. Queria ser homem, nada mais do que um homem.²¹⁶

Havia em Fanon, de certo modo, o desejo de ocupar o mesmo espaço do colonizador, existia em suma, a crença na coexistência – como é perceptível na passagem abaixo:

Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse.²¹⁷

A busca pelo englobamento, no sentido de Dumont, onde as diferenças poderiam ser acopladas ao conjunto maior, é em um primeiro momento, percebido por Fanon enquanto saída para os seus problemas.²¹⁸ No entanto, surge a percepção que este englobamento implica em silenciamento, ou em outros termos, em uma diferenciação marcada pela assimetria. “Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal”.²¹⁹

Este “círculo infernal” construído pela caracterização do outro, do branco e europeu, do sujeito moderno, sobre o colonizado - o negro, o não-moderno, implicava inclusive no não reconhecimento deste, mesmo quando suas qualidades obtidas do mundo do branco lhe eram salutares. “Repito, eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu domínio da teoria dos quanta obtinham indulto”.²²⁰

Da posse destas reflexões, Fanon a fim de cessar esta existência murada pelo outro, sugere o cisma desta dialética onde, o negro, não deveria existir para ser colocado em comparação ao branco, mas sim, através de suas próprias categorias absolutas, com densidade específica:

A dialética que introduz a necessidade de um ponto de apoio para a minha

216 FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. op.cit., 106.

217Ibid., p. 107.

218DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: EDUSP, 1988.

219Ibid., p.109.

220Ibid., p.109.

liberdade expulsa-me de mim próprio. Ela rompe minha posição irrefletida. Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal.²²¹

Desta autocompreensão dos limites do igualitarismo metropolitano, Fanon formula do seu projeto intelectual estratégias pessoais e após a defesa de sua tese, começa o seu trabalho como residente no hospital de Saint Alban, sob a supervisão do médico catalão, ex-combatente do POUM, e exilado desde a guerra civil espanhola de 1936, François Tosquelles.

Tosquelles, segundo afirma Yaksic, era linha de frente na luta por reformas na psiquiatria. E assim como Fanon, era a favor da construção de formas de sociabilidade para os enfermos, em detrimento de uma prática atomista, pautada na reclusão e na narcotização dos pacientes.²²²

A parceria entre Fanon e François Tosquelles foi extremamente frutiva, ao passo que os resultados obtidos através da psiquiatria integral – geraram frutos, sistematizados e apresentados em evento acadêmico, mais especificamente no Congresso de Pau em 1953.

Esta experiência positiva de sua residência será importante para a constituição profissional/militante de Fanon. Dado que, após o encerramento de sua temporada em Saint Alban – as expectativas de Fanon giravam em torno da continuidade de sua prática em outras regiões.

Apesar da possibilidade de retornar à Martinica, Fanon decidiu mudar para a Argélia como forma de compreender *in loco* os efeitos da experiência colonial sobre a psique do sujeito.

Esta opção de Fanon pela Argélia foi analisada por diversas perspectivas. Segundo Geismar, o que estaria levando Fanon até a Argélia seria a possibilidade de trabalhar em um local com uma estrutura adequada.²²³

Contudo, Albert Memmi, apresenta uma compreensão mais problematizadora sobre o assunto. No transcurso de seu texto, Memmi profere severas críticas ao que considera ser um descompasso entre o ideário de Fanon e as situações vivenciadas pelo mesmo. Primeiramente há uma crítica ao modo como Fanon pressupõe suas relações com os nativos norte-africanos. Ao que parece, as relações estipuladas entre estes, se dava pela personificação de Fanon enquanto francês e detentor dos conhecimentos da medicina em relação aos nativos, subjugados pela colonização e impossibilitados de romper de forma

²²¹Ibid., p. 122.

²²²YAKSIC, Maria. *Notas sobre la vida y obra de Frantz Fanon*. p. 30.

²²³GEISMAR, Peter. *Fanon*. op.cit., p.81.

autônoma as relações coloniais.

Em segundo plano, haveria em Fanon a busca por um pensamento novo, porém universalista. Através de sua perspectiva do pan-africanismo buscava-se rearticular o universalismo especificamente francês aplicando-o ao contexto das nações africanas em processo de descolonização.

Em uma terceira esfera, Memmi acusa Fanon de buscar na Argélia uma cura para os seus problemas pessoais. Como se, através das relações entre ele e os nativos africanos, ele conseguisse seu reconhecimento existencial em plenitude. E não através da valoração articulada por uma estratificação pigmentocrática.²²⁴

Para Hansen, foi cogitado por Fanon o retorno à Martinica, contudo, a situação precária das instalações e o caos que o país se encontrava nos anos de 1950 não apresentaram atrativos para Fanon que vivia neste momento, uma grande euforia pela prática médica. Em busca destes atrativos, solicitou a entrada em diversos países africanos – como Senegal, Quênia, Gana e Uganda. Contudo, só recebeu a possibilidade de trabalhar no departamento de Blida – Argélia.

4.3 NA ARGÉLIA A REARTICULAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS CIENTÍFICAS: ELEMENTOS PARA A HETERODOXIA DE PIERRE BOURDIEU E PARA O DISTANCIAMENTO DE FRANTZ FANON

Se durante o período de formação superior, Pierre Bourdieu e Frantz Fanon viram-se cerceados por certos elementos limítrofes, na Argélia, surgiu para ambos a possibilidade de rearticular as estratégias pessoais.

Como vimos, em Bourdieu, a sua indisposição ao legado de Sartre dificultava sua ascensão enquanto pretendente aos postos do campo da filosofia. Em paralelo, para Fanon, as questões raciais, renderam certa interdição de seu acesso aos postos de serviço e de realização profissional na metrópole.

A partir desta situação, é proveitoso pensarmos o peso da experiência argelina para a busca pelo fito científico presente em Pierre Bourdieu e Frantz Fanon, e ao mesmo passo, supormos as estratégias e as interdições vivenciadas durante este período.

Pierre Bourdieu, Logo após a sua formação em filosofia, datada em 1954, alistou-se ao serviço militar e por motivações circunscritas ao próprio estabelecimento deste serviço, foi removido para servir em outra região, no caso a Argélia.

Ao que consta, o comportamento arredo de Bourdieu lhe rendeu o conflito com

224 MEMMI, Albert. The Impossible Life of Frantz Fanon. *The Massachusetts Review*, Vol. 14, N.01, 1973, p.9-39.

oficiais do exército, e como forma de contornar esta situação, a remoção para a Argélia foi articulada como solução. Há uma passagem no esboço, onde Bourdieu ilustra sucintamente esta remoção. “As discussões violentas com oficiais de alta patente que queriam me converter à “Argélia francesa” acabaram por fazer com que fosse designado para partir para a Argélia”.²²⁵

A chegada de Bourdieu se dá no ano de 1955, um ano após o início das lutas de libertação, e como consequência, um momento onde o nacionalismo argelino tomava certas configurações onde, a presença colonial via-se ameaçada.

Neste contexto turbulento, Bourdieu foi designado para atuar como linha de frente em combates na região do *Vale Chelif*, ocupando o cargo de *Crawler* (patente que convivia com os aviadores – embora ficasse responsável pelo rastreamento em solo).²²⁶ Conseguindo posteriormente uma transferência para Argel, graças aos contatos de sua família.

Como afirma Yacine, “graças ao coronel Ducourneau, originário de Pau e seu parente distante por parte materna, será empregado no serviço de documentação e informação junto à M. Faugère (jurista liberal) no Governo Geral, sede de uma das bibliotecas mais bem equipadas da Argélia”.²²⁷

A situação de transferência, também foi citada por Sayad em entrevista cedida ao periódico brasileiro, *Mana*. Segundo Sayad:

Bourdieu poucas vezes fala dessa experiência, mas na verdade passou 36 meses fazendo serviço militar na Argélia. Nos últimos meses, no entanto, graças às relações de sua família (que é do Bèarn – sul da França) com um general béarnais (nascido no Bèarn) que estava em Argel, foi transferido para um, assim chamado “serviço moral” do exército – o serviço de informação do governo geral, que tinha por finalidade cuidar da população civil nativa.²²⁸

A transferência de Bourdieu para este setor foi de fundamental importância para que o mesmo tivesse outras percepções acerca da colonização francesa na Argélia. O trabalho exercido neste novo setor possibilitou que, Bourdieu estabelecesse contatos com outros intelectuais metropolitanos, e estudiosos sobre a Argélia. Para além disso, graças ao acervo presente neste órgão, foi possível à Bourdieu situar-se sobre o contexto a partir de uma literatura já constituída.

Esse momento é narrado por Bourdieu da seguinte forma:

Comecei a me interessar pela sociedade argelina desde o momento em que, nos últimos meses de serviço militar, graças à proteção do coronel do Bèarn, o qual

225 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. op.cit., p.69.

226 YACINE, Tassidit. Bourdieu in Algerian at war: Notes on the birth of an engaged ethnosociology. *Ethnography*. Vol 5(4): 487–509, 2004.

227 YACINE, Tassidit. *Argélia matriz de uma obra*. In: ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rosie-Marie. (orgs) *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand: 2005. p.341.

228 SAYAD, Abdelmalek. Colonialismo e migrações. *Mana*, 2 (1) p.155-170, 1996. p. 159.

meus pais haviam requestado por intermédio de familiares residentes num povoado próximo, pude escapar ao destino que tinha escolhido e se tornara muito difícil suportar.²²⁹

A relação de Bourdieu à documentação, neste setor onde estava alocado, segundo Yacine: “[...] permitiram compreender melhor a situação. Assim, esse país, que ele só conhecia por intermédio de leituras, passava a tomar forma, tornando-se uma das principais dimensões de sua produção”.²³⁰

Seu serviço ao exército francês se estendeu até o final do ano de 1957, quando cumpriu o tempo determinado, decidindo permanecer em Argel, onde trabalhou como professor assistente na Faculdade de Argel.

O período na Faculdade de Argel foi de fundamental importância para a constituição de Bourdieu enquanto etnólogo. Ao passo que, pela primeira vez – ministrou disciplinas na área das ciências sociais, utilizando-se de diversos flertes com áreas afins, como a linguística, a economia, estatística dentre outras.

Yacine chama a atenção para esta passagem de Bourdieu na Faculdade de Argel a partir de um ângulo interessante.²³¹ Segundo afirma, em Argel, Bourdieu conseguiu uma autonomia muito grande para sistematizar suas impressões. Diferentemente do campo acadêmico francês, extremamente rígido, em Argel, o espaço de elaboração possibilitava a inserção de novas perspectivas e o diálogo com outras áreas, bem como, com outros autores, fazendo com que Bourdieu transgredisse, até certo ponto, com certas concepções do campo acadêmico metropolitano. Nos termos Bourdieusianos, se fez possível na Argélia, a construção de estratégias para uma heterodoxia.

Durante o período de grandes deslocamentos no país, (estimasse que durante os quatro primeiros anos de guerra, cinco milhões de habitantes tenham sido deslocados) – Bourdieu passou a trabalhar junto com Abdelmalek Sayad²³², então, aluno na Faculdade de Argel, como membro de um órgão específico, construído pela administração colonial. Tratava-se do AARDES (*Association de Recherche sur le Développement Economique et Social*), órgão responsável por mapear a situação da população argelina, algo inédito até então.

Sobre os trabalhos produzidos neste contexto, Sayad comentou:

229 BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. op.cit., p. 70.

230 YACINE, Tassidit. *Argélia matriz de uma obra*. In: ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rosie-Marie. (orgs) *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand: 2005. p.342.

231 YACINE, Tassidit. Bourdieu in Algerian at war: Notes on the birth of an engaged ethnosociology. p.492.

232 Abdelmalek Sayad, sociólogo argelino (1933-1988), aluno de Pierre Bourdieu na Universidade de Argel, produziu diversos materiais sobre migração em contexto francófono. Manteve relações afetivas com Bourdieu até o seu falecimento. Em homenagem à Sayad, por motivo de seu falecimento, Bourdieu escreveu conjuntamente à Loïc Wacquant o artigo: *The organic ethnologist of Algerian migration*. *Ethnography*: Vol 1(2): 173–182.

Nosso trabalho durou pouco mais de dois anos, entre 1959 e 1962, atendendo uma série de demandas que tinham origem administrativa e quase militar – demandas cujo objetivo era, mais do que uma engenharia, uma verdadeira cirurgia social – que nós tínhamos de transformar em objetos de pesquisa segundo nossos interesses. [...] no contexto das primeiras pesquisas de campo, Bourdieu e eu nos encontrávamos regularmente e eu desempenhava um trabalho, que, no limite, era também o trabalho de um informante.²³³

A estadia de Bourdieu na Argélia, e a consequente elaboração de pesquisas, se estenderam até 1960, ano em que as lutas de libertação viam-se intensificadas, e a coexistência de franceses e argelinos interditadas pelas sucessivas afrontas de ambas as partes.

Diferentemente de Bourdieu, a estadia de Fanon na Argélia não implicou no rompimento (temporário) de suas atividades profissionais e intelectivas.

Dando continuidade aos seus estudos e na prática médica, Fanon inicia sua estadia na Argélia no ano de 1953, (dois anos antes em relação à Bourdieu), mais especificamente no departamento de Blida, região sudoeste do país, local com o maior centro de saúde dentre as colônias francesas.

Fanon objetivava dar continuidade aos seus projetos iniciados na companhia de François Tosquilles, no entanto, a situação mostrou-se um pouco diferente do que imaginava. Primeiramente, pela quantidade de enfermos na região, e em paralelo, pela resistência que os profissionais ali alocados possuíam em relação as práticas psiquiátricas sugeridas por Fanon. (Psiquiatria comunitária, inserção social pelas formas expressivas) seu projeto via-se condicionado..²³⁴

As reformas sugeridas e em partes projetadas por Fanon, no âmbito profissional, acabaram por suscitar reflexões no campo existencial. Após a implementação de certas mudanças, tornou-se perceptível que os métodos empreendidos em Saint Alban e reproduzidos em Blida só lograram êxito sobre pacientes europeus (colonos) – e que as atividades propostas não conseguiram englobar a camada argelina muçulmana, residente no hospital.

Esta impossibilidade de transplantar as técnicas de Saint Alban para Blida-Joinville – foi divulgada no artigo feito em conjunto com o médico argelino Dr. Azoulay, o trabalho intitulado *La socialthérapie dans un service d'hommes musulmans. difficultés méthodologiques*, buscou apresentar este impasse constatado.

Segundo comenta Yaksic, é através deste fracasso da sua prática profissional que Fanon se lança em direção ao contexto argelino, buscando compreender esta

²³³Ibid., p. 160.

²³⁴GENDZIER, Irene. Frantz Fanon. Un estudio crítico. op.cit., p.106.

especificidade local.²³⁵

Pouco antes de completar um ano da estadia de Fanon na Argélia, iniciaram-se os conflitos da Guerra de Independência. E é a partir deste cenário, que é possível supormos um novo rompimento em sua vida.

Este período entre 1953-1956 é descrito por Zahar, como o momento em que Fanon colaborava de modo indireto, através de sua profissão de médico psiquiatra, propiciando o restabelecimento dos vínculos sociais através de sua prática, e estreitando diálogos com líderes da FLN (Frente de Libertação Nacional).²³⁶ Esta situação também é expressa por Yaksic, “A relação de Fanon com a Frente de Libertação Nacional (FLN) se deu através de Pierre Chaulet, argelino de segunda geração, o qual chega a Blida para instalar uma unidade de apoio para os familiares dos nacionalistas combatentes. Fanon começava a radicalizar-se”.²³⁷

Apesar deste primeiro contato de Fanon com a FLN, sua entrada integral para a frente de libertação, só se efetivou após o rompimento com seu cargo de médico psiquiatra no hospital de Blida-Joinville. Este período apresenta uma comensalidade entre a figura de Frantz Fanon e os militantes da FLN, possibilitando uma troca de víveres – reforçando o vínculo entre dispares em oposição ao processo colonial na Argélia.

O vínculo mencionado pode ser observado através de dois momentos, o primeiro a partir do que fora descrito por Zahar acerca das facilidades que Fanon oferecia aos militantes, através de seu status imparcial frente ao conflito, guardando armas para os militantes e despachando informações sobre as atividades anticoloniais, enquanto que, o segundo momento, pode ser descrito como a inserção de Frantz Fanon nas publicações do periódico *El Moudjahid*.

É possível identificar um momento importante para a entrada “oficial” de Fanon na luta argelina, e isto pode ser afirmado a partir de um documento. Este documento, mais especificamente a carta destinada ao ministro residente na Argélia, em cinco de julho de 1956, encerra os dois anos e sete meses de permanência de Fanon no hospital de Blida-Joinville.

Fanon apresenta ao ministro residente seus objetivos com a prática médica, como evidenciado no trecho: “Durante cerca de três anos me coloquei totalmente à serviço deste país e dos homens que o habitam. Não poupei meus esforços e meu entusiasmo. Nem uma parte da minha ação que não houvesse exigido como horizonte, o surgimento,

235 YAKSIC, Maria. *Notas sobre la vida y obra de Frantz Fanon*. p. 36.

236 ZAHAR, Renate. *Colonialismo y enajenación: Contribución a la teoría política de Frantz Fanon*. México: Siglo XXI, 1970. p. 05.

237 YAKSIC, Maria. *Notas sobre la vida y obra de Frantz Fanon*. op.cit., 37. **Tradução Nossa**

unânime e desejado, de um mundo válido”.²³⁸

No parágrafo seguinte aos seus esclarecimentos, Fanon adverte sobre a impossibilidade de um continuísmo de suas práticas, concluindo que o principal problema argelino não poderia ser resolvido a partir de seu consultório. E expressa que:

A estrutura social existente na Argélia se opunha a toda tentativa de devolver ao indivíduo o seu lugar. [...] Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir ao homem não ser um estrangeiro em seu meio, devo afirmar que o árabe, alienado permanentemente em seu país, vive em um estado de despersonalização absoluta.²³⁹

Mediante esta incompatibilidade entre sua prática médica e possíveis transformações esperadas no contexto colonial, Fanon aponta que os possíveis descompassos, e as ações 'insanas de violência', cometidas pelo nativo argelino, devem ser observados como parte de “uma sociedade não viável, uma sociedade que deve ser substituída”.²⁴⁰ Esta 'substituição' exigida por Fanon e a busca por uma sociedade argelina viável, não poderia advir da prática médica, e é neste momento que a opção política torna-se mais enfática na trajetória de Fanon. Após o rompimento com o hospital de Blida-Joinville, passou a viver em uma espécie de 'clandestinidade' oscilando entre atividades para o *El Moudjahid* ou atuando como porta-voz em eventos pelo continente africano e Europa, a fim de representar a Frente de Libertação Nacional da Argélia em congressos e conferências²⁴¹.

4.4 APÓS A ARGÉLIA: A MATERIALIZAÇÃO DA HETERODOXIA DE PIERRE BOURDIEU E A MORTE DE FRANTZ FANON

Em 1960, o retorno de Bourdieu à França, inaugura a possibilidade de sua consolidação enquanto intelectual metropolitano. A convite de Raymond Aron, professor na Faculdade de Paris, em viagem pela Argélia, para participar de bancas de ingresso na Universidade de Argel, Bourdieu se insere como professor-assistente no CSE (Centro de Sociologia Europeia).

A estadia de Bourdieu como professor assistente de Aron, se estenderá apenas até 1961, quando assume o cargo como professor titular em Lille.

Do retorno à França, Bourdieu através dos sucessivos estudos iniciados na Argélia,

²³⁸ FANON, Frantz. *Carta al ministro residente*. In: Por la revolucion africana. México: Fondo de cultura, 1975.p.58.

²³⁹Ibid., p.59.

²⁴⁰Ibid., p.60.

²⁴¹Dentre estes congressos e conferências poderíamos destacar: Conferência por Paz e Segurança na África, Congresso de Escritores e Artistas negros, Conferência de solidariedade Afro-Asiática, Conferência para a Independência dos Estados africanos.

assim como, das experiências vividas na região, passou a elaborar diversos materiais sobre o tema, e em paralelo, estabeleceu uma série de artigos sobre os habitantes da região do Beárn.

Loic Wacquant, em seu texto *Seguindo Bourdieu no campo*, aponta que deste retorno, Bourdieu acabou por reconsiderar suas experiências como ex-habitante do Beárn, compreendendo as imposições parisienses na região, de modo semelhante aos que ocorreu na Argélia. Ainda em Wacquant, o mesmo acredita que o exercício feito por Bourdieu neste momento, (ler a condição camponesa do Beárn sob as lentes da experiência argelina), possibilitou à Bourdieu a feitura de uma antropologia multi situada.

Nas palavras de Wacquant:

Utilizando, assim, os mesmos instrumentos de observação e perseguindo questões da mesma natureza em duas comunidades separadas por grandes diferenças culturais e de poder, Bourdieu pode ser encarado como um precursor ímpar da etnografia “multi-situada” [“multi-sited” ethnography], décadas antes desta ser identificada como um gênero metodológico distinto.²⁴²

A feitura dessa antropologia multi situada, traz como tema recorrente o choque de civilizações, demarcadas pelas antinomias (modernidade e tradição/ indivíduo e sociedade). Como expresso na citação abaixo:

Surpreendentemente, tanto no Béarn como na Argélia, Bourdieu articula a mesma problemática do “choque de civilizações” e dos seus multifacetados impactos na estrutura social e na subjetividade, incluindo o “des- do- bramento da consciência e do comportamento” de acordo com os princípios conflitantes do sentimento e do interesse, a erosão das hierarquias e autoridades tradicionais (baseadas na linhagem, idade e gênero), e a relação recursiva entre a degenerescência de unidades sociais tradicionais, a deflagração da competição individual e a distorção das estratégias sociais.²⁴³

Como é possível constatar, neste momento a experiência argelina projetará uma gama de possibilidades para o empoderamento de Bourdieu no campo das ciências sociais, e demarca o seu afastamento em relação à filosofia. Em suma, faz-se pertinente supormos que a constituição da epistemologia de Bourdieu, emergente a partir dos anos de 1960, dialoga de forma profícua com a experiência argelina, e deste modo, sua heterodoxia em formulação, emerge na Argélia.

Já Fanon, ao sair da Argélia, migra para a França, junto com a sua família, a fim de despistar qualquer mapeamento das forças coloniais, e através de uma longa jornada por Suíça e Itália, retorna à África, desta vez, para a Tunísia.

Neste mesmo período, o periódico *El Moudjahid* também é desmantelado pelas

242 WACQUANT, Louis. Seguindo Bourdieu no campo. Rev. Sociol. Polít. Curitiba, 26 , p. 13-29, jun. 2006. p. 21.

243 WACQUANT, Louis. Seguindo Bourdieu no campo. op.cit., p.18.

forças de ordem e sua sede acaba sendo transferida para Tunis – e torna-se o elo entre Fanon e os conflitos na Argélia. Graças à mediação da FLN, Fanon consegue retomar a prática médica na clínica Manouba e no Centro de Neuropsiquiatria de Tunis, vinculado ao hospital Charles Nicolle.

Este tempo na Tunísia, foi um período de profunda produtividade acadêmica para Fanon, onde artigos sobre os resultados de suas práticas como médico lhe renderam a produção de artigos acadêmicos em conjunto com o médico Charles Geromini. Assim como, um cargo como professor convidado na universidade de Tunis, mais especificamente para ministrar um curso denominado “A psicologia social do mundo negro”.

No mesmo ano destas produções, Fanon elabora diversos artigos para o periódico *El Moudjahid* e em paralelo, organiza uma série de artigos em comemoração aos cinco anos da luta argelina. Publicando este material em 1959, cuja tradução que tivemos acesso foi denominada *Sociologia de una Revolución* (título original - *L'an V de la révolution algérienne*)

Acerca desta obra, Hansen comentou:

Foi enquanto ele estava em Tunis que ele publicou O 5º ano da Revolução argelina. De certa forma, é muito semelhante ao livro de Marx O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. Trata-se de um estudo sociológico dos efeitos da guerra revolucionária na sociedade argelina. Ele documenta as mudanças que ocorrem na estrutura social, instituições sociais e políticas, e na consciência como resultado da guerra de libertação.²⁴⁴

Ainda sobre esta obra, Zahar escreveu que, a produção desta obra está vinculada ao período da morte de Abane Ramdane, um dos companheiros de militância de Frantz Fanon e que a obra organizada trazia como panorama a necessidade de superar o conflito pessoal do autor e demarcar os compromissos com o cenário conflituoso da Argélia.²⁴⁵

Em paralelo a estas produções, Fanon foi incumbido de atuar como diplomata itinerante da FLN, agindo como elo entre as demais nações africanas em processo de libertação. Este pertencimento fica claro, quando consideramos que “Em dezembro de 1958 Fanon toma pela primeira vez a palavra – como membro da delegação argelina, em um congresso panafricano em Accra”.²⁴⁶

No ano de 1959, após adquirir notoriedade nos círculos de discussão sobre temáticas de independência, Fanon acabou sofrendo dois atentados. Ambos quando

244 HANSEN, Emmanuel. *Frantz Fanon: Portrait of a Revolutionary*. op.cit., 74. **Tradução nossa**

245 ZAHAR, Renate. *Colonialismo y enajenación: Contribución a la teoría política de Frantz Fanon*. p.06.

246 ZAHAR, Renate. *Colonialismo y enajenación: Contribución a la teoría política de Frantz Fanon*. op.cit.,07. Tradução **Nossa**

estava em Roma, em tratamento após um acidente de automóvel. Estes atentados foram atribuídos ao grupo terrorista francês *Main Rouge*. O primeiro atentado foi ainda no aeroporto, quando uma bomba explodiu, vitimando uma criança. O segundo no hospital, quando estava internado. Pelo que consta, Fanon estava ciente dos riscos e optou por trocar de quarto após a internação. Assim, a ação contra o mesmo não foi efetuada, pois o leito estava vazio.

Passando a viajar a partir de 1959 pelo continente africano, e também pela Europa, em busca de alianças para os processos de independência. Fanon estabeleceu vínculos com diversos líderes africanos, opositores à colonização. A visão pan-africanista de Fanon reforçava a necessidade de uma diplomacia africana transnacionalizada e preparada para lidar com o processo de descolonização em diversas frentes. Este empenho de Fanon para uma organização transnacionalizada pode ser evidenciada através de seu diário divulgado na obra *Por la revolución Africana*:

Neste diário, intitulado pelo editor da obra mencionada, como *Esta África de porvenir* é perceptível o engajamento de Fanon no movimento pan-africanista, bem como, seu apreço pela descolonização dada através da luta e não através de acordos bilaterais, considerados pelo mesmo enquanto expressões neocoloniais.

Alguns personagens icônicos do movimento transnacional e anticolonial são mencionados nestes relatos de Fanon. Dentre eles poderíamos citar: Felix Moumié, ícone dos processos revolucionários em Camarões e Patrice Lumumba membro das forças anticoloniais congoleesas. A lembrança de Fanon sobre estas duas personalidades é marcada pelo assassinato de ambos no mesmo período (1960-1961). Acerca de Patrice Lumumba, Fanon inclusive publicou um texto sobre a sua morte no periódico *Afrique Action*, em fevereiro de 1961.²⁴⁷

A militância de Fanon na causa africana viu-se enfraquecida a partir de meados de 1961, quando o mesmo é diagnosticado com leucemia. Apesar da debilidade ocasionada pela moléstia, Fanon continuou alguns projetos pessoais, dentre eles, a feitura de sua última obra, *Os condenados da terra* (No original: *Les damnés de la Terre*).

Diferentemente de seus últimos trabalhos produzidos, esta última obra, mostrava-se tomada por um pessimismo. Este pessimismo, justificado pela situação das nações africanas na busca pela independência. A feitura desta obra, deu-se através de um espaço de tempo curto. A produção iniciou-se a partir do retorno de Fanon em sua estadia na União Soviética onde buscava tratamento para a doença. Após o término do manuscrito, Fanon viajou para a França para entregar em mãos o trabalho para Jean Paul

247YOUNG, Kurt. Untrapping the Soul of Fanon: Culture, Consciousness and the Future of Pan-Africanism. The Journal of Pan African Studies, vol.4, no.7, November 2011, pp. 137-161.

Sartre, aquém incumbiu o desejo de que a obra fosse prefaciada. Ciente das fraquezas que a leucemia o acometia, Fanon decide buscar tratamentos nos USA, mais especificamente em Washington, onde não resiste vindo a padecer em seis de dezembro de 1961.

Dias que antecederam a morte de Fanon, Sartre prefaciou sua obra, potencializando sua divulgação, traduzida para diversos idiomas e utilizada por diversas organizações anticoloniais na África/ Ásia, e por grupos paramilitares em regiões sob governo ditatorial na América Latina. É interessante constatar que após a morte, diversos movimentos passaram a fazer uso de seus escritos, e como consequência, diversas foram as interpretações sobre seus escritos e sobre a sua vivência. Dentre os principais usos, comentamos sobre duas perspectivas em especial. A primeira efetuada pelo marxismo, enquanto que a segunda, executada pelas correntes de pensamento pós-colonial. Retomar estas perspectivas em detalhes nos tomaria um tempo e um exercício intelectual que julgo dispensável para o enfoque de nosso trabalho, no entanto, algumas ponderações necessitam ser articuladas.

4.5 SOBRE AS RELAÇÕES HIERÁRQUICAS NAS TRAJETÓRIAS CIENTÍFICAS E POLÍTICAS DE PIERRE BOURDIEU E FRANTZ FANON:

Como apresentado, as trajetórias de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon acenaram para elementos unívocos. Tal univocidade pode ser compreendida através de duas situações em específico. A primeira, através das posições periféricas ocupadas por ambos no campo científico metropolitano, em período anterior à migração para a Argélia. Enquanto que a segunda, pela existência de estratégias de subversão à adversidade vivenciada, de forma que ambos construíram relações de empoderamento específicos.

Contudo, no transcurso destas relações, nos foi possível acessar que, Bourdieu de certo modo, conseguiu transcender as limitações impostas pela estrutura acadêmica francesa, legitimando sua heterodoxia científica. Em contraponto, Fanon não conseguiu legitimar o seu projeto científico, tendendo então, a dialogar com o campo político.

Ciente dessa constatação, penso ser relevante considerarmos os motivos que implicaram o afastamento de Fanon em relação ao campo científico, e em paralelo, reconsiderar as condições periféricas nas quais Fanon estava alocado, quando comparado à Bourdieu.

Como apresentado no transcurso do capítulo, a situação de classe de Fanon em relação à Bourdieu era mais favorável para a obtenção de uma qualificação específica, afinal, economicamente, a origem de Fanon lhe permitiu um ambiente de escolarização

mais bem amparado do se comparado à Bourdieu na região do Beárn.

Saídos dos espaços de escolarização, Fanon ainda gozava de uma posição de classe superior, quando comparado à Bourdieu, e na inserção no campo universitário, ao que nos transparece, Fanon estaria mais bem habituado às nuances específicas da rotina universitária, não havendo quaisquer documentações que comprovem uma indisposição com este campo. No entanto, em Bourdieu, como observado no transcurso do capítulo, é inegável suas indisposições para com os ambientes de escolarização e de educação superior, bem como, a sua autopercepção de subalterno em meio ao modelo universitário francês. Em síntese, a posição de classe de Fanon em relação à Bourdieu, desde a escolarização ao término do nível superior, nos transparece uma posição mais estável e segura. Contudo, mesmo gozando de certos privilégios de classe, Fanon, como apresentamos, não conseguiu concretizar seu projeto pessoal no espaço universitário.

Mediante esse quadro, seria proveitoso inquirirmos sobre as dificuldades de Fanon em se estabelecer no campo científico, já que esta não aparenta advir de uma situação de classe, algo relevante enquanto forma de análise para a consolidação de determinados projetos.

Em síntese, se as interdições nas quais Fanon estava acometido não partiram de uma estruturação econômica, ela poderia ser sustentada por outra forma de estratificação? Pensamos que sim, e nesse ponto, creditamos ao racismo a impossibilidade de um empoderamento científico na trajetória de Frantz Fanon.

Discutir o próprio conceito de racismo, ou as interdições oriundas dessa forma de valorar certas populações, seria algo demasiadamente complexo e competiria esforços para além deste trabalho, contudo, certas situações de base devem ser explicitadas.

Primeiramente, como já mencionado, na própria literatura de Frantz Fanon, em específico em *Pele Negra Máscaras Brancas* o racismo atua sobre as formas de constituição individual do homem negro. Para além, o próprio Fanon acenou em *Racismo y cultura* para as formas de estruturação de um pensamento racista no âmbito de uma coletividade.

A partir dessas menções de Fanon, e da impossibilidade do mesmo em ascender ao campo científico, nos é possível revisitar as suposições de Louis Dumont acerca das formas de hierarquização incidentes na sociedade moderna com valores igualitários.

Segundo Dumont, a sociedade moderna traz o igualitarismo como valor, como ideologia, no entanto, carrega em paralelo a diferenciação e a hierarquização como fato. Fato este, deflagrado pela coexistência entre a ideologia e o âmbito da prática. Como adverte o autor: “Não se trata naturalmente de pretender que a ideologia seja

necessariamente a realidade última do fato social e forneça sua “explicação”, mas somente que ela é a condição de sua existência”.²⁴⁸

Essa experiência de oposição entre a igualdade como ideologia e a diferenciação como fato, foi algo vivenciado por Fanon, e como já exposto, foi fator determinante para a sua saída da França, onde visava estabelecer seu projeto intelectual.

Em passagem de *Pele Negra Máscaras Brancas* já citada neste capítulo, se faz possível perceber as indignações de Fanon quando o mesmo reconhece que todas as suas habilidades e que toda a sua polidez não se faziam o suficiente para a sua inserção no espaço científico da medicina parisiense.

Como percebido pelo próprio Fanon, os caracteres físicos eram atribuídos à coletividade (termo empregado por Dumont), e de tal modo, sua capacidade mental singularizada, individualizada, mostrava-se infrutífera diante da discriminação originária do igualitarismo moderno, demarcado pelo fato da diferenciação coletiva em detrimento do igualitarismo representado no individualismo.

Dessa percepção, a conexão de Frantz Fanon à causa anticolonial, deve ser compreendida como forma de assenhorar a sua própria existência? Confrontando assim, por outros meios, as formas de objetivação do projeto moderno e igualitário?

No caso de Bourdieu, seria a sua posição de classe, e de interiorano, mais facilmente contornável do que a situação de Fanon? Haveria uma flexibilidade maior na interdição de classe, experienciada por Bourdieu, quando comparada a interdição de raça experienciada por Fanon? Acreditamos que sim.

Primeiramente, a posição de classe é variável enquanto que a posição racial é estrutural. Nas palavras do próprio Bourdieu, devemos considerar que: “a classe social não é somente um “elemento” que existiria em si mesmo sem ser nada modificado ou qualificado pelos elementos com os quais ele coexiste, mas também uma “parte”, isto é um constituinte determinado por sua integração numa estrutura [...]”.²⁴⁹ Ou seja, de certo modo, ao analisarmos a possível posição de subalternidade de classe em Bourdieu, devemos reconsiderar os elementos intrínsecos e extrínsecos ao seu contexto de alocação.

Dito de outro modo, a origem campesina de Bourdieu, embora tenha atuado como vetor entre a sua origem e a consagração científica, não ocasionou em uma estratificação estruturada em objetivações coletivas sobre as suas qualificações.

Outro atributo importante é mensurarmos a posição de classe de Bourdieu através

248 DUMONT, Louis. *Casta, racismo e estratificação*. In: Homo Hierarchicus. São Paulo: EDUSP, 1988.

249 BOURDIEU, Pierre. *Condição de classe e Posição de classe*. In: Aguiar Neuma (org) *Hierarquias em classe*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. pp- 51-76.

de um dinamismo, afinal, em sua residência no Beárn, bem como, em sua estadia argelina, o que se configurou foi a construção de uma posição de classe, demarcada por um *status* de diferenciação, onde o seu modo de vida, sobressaiu-se sobre as adversidades de âmbito estritamente econômico.

Em síntese, a maleabilidade nas relações entre condição de classe e posição de classe proporcionou à Bourdieu, contornar suas adversidades de modo distinto em relação à Fanon.

5. CONCLUSÃO:

5.1 DOS RESULTADOS OBTIDOS:

No transcurso deste trabalho, as construções de Frantz Fanon e Pierre Bourdieu sobre a temática argelina foram consideradas como relevantes não apenas para o estudo do contexto das lutas de libertação deste país, mas também, enquanto forma de acesso às diversas estratégias formuladas por ambos, a fim de empoderarem seus projetos, bem como, de legitimarem suas aspirações.

A partir disso, já no primeiro capítulo, aclaramos a discussão sobre a experiência colonial argelina através das produções de ambos os autores, trazendo para o campo das ciências sociais no Brasil, a possibilidade de contato com obras de Pierre Bourdieu anteriores à legitimação de seu projeto intelectual, e de certo modo mais próximos da etnologia. Em paralelo, tão silenciados quanto as primeiras obras de Bourdieu, são os estudos de Frantz Fanon *L'an V De La Révolution Algérienne* e a coletânea *Por la Revolución Africana*, resgatados nesse capítulo.

Ainda no primeiro capítulo, construímos aproximações entre os autores através de certas categorias conceituais (colonialidade e poder), e ao mesmo passo, identificamos certos distanciamentos oriundos das próprias condições de pesquisa e feitura dos materiais.

No que concerne ao segundo capítulo, sua disposição pautada em dois grandes blocos, nos possibilitou elucidar o contexto de inserção de Pierre Bourdieu no campo das ciências sociais, de tal modo que, seus diálogos com autores clássicos da disciplina como Émile Durkheim e Lévi-Strauss foram comentados e considerados, como parte integrante na constituição do próprio Bourdieu. Semelhantemente, ilustramos as situações que levaram Fanon a dialogar com o campo político argelino, considerando este diálogo enquanto elemento relevante nas construções textuais do autor.

Além do mais, no segundo capítulo, explanamos acerca da necessidade de Bourdieu em dialogar com os clássicos da etnologia, ressaltando, a que ponto este diálogo se fez presente em suas primeiras produções, ainda pouco exploradas por autores brasileiros, além do que, ademais, problematizamos as relações entre produção de conhecimento etnológico e colonialismo, situando a produção Bourdieusiana dentro de um espaço colonial e de uma temporalidade atrelada à dominação metropolitana francesa

sobre a Argélia, e também, da importância da experiência argelina para as estratégias de empoderamento de Pierre Bourdieu no campo científico.

No que tange à Fanon, neste capítulo, apreendemos através do vínculo deste com o campo político argelino, a importância de seus escritos para o próprio contexto das lutas de libertação, bem como, o caráter militante intrínseco às produções. Em referência à Argélia, neste capítulo foi possível a suposição de um campo político que emergiu no país durante as lutas de libertação, e deste modo, consideramo-lo como de fundamental importância para as estratégias que vieram *a posteriori*, e para a inserção de Frantz Fanon nesse cenário, abarcando de forma cronológica o surgimento da FLN, bem como de outras organizações políticas para o processo de libertação da Argélia.

Quanto ao terceiro capítulo, Identificamos nas trajetórias dos autores que, ambos carregavam como fito a inserção no campo científico. No entanto, graças a certas circunstâncias presentes nas trajetórias, a consagração neste campo foi contemplada apenas por Pierre Bourdieu. Em diálogo com a não inserção de Frantz Fanon no campo científico, consideramos que a adesão do mesmo ao campo político surgiu como resultado de determinadas circunstâncias dessa não inserção em círculos científicos.

No tocante deste capítulo, mensuramos as posições sociais de ambos os autores e a relevância dessas posições sociais pensadas através das categorias: classe/raça como parte constitutiva na efetivação dos projetos científicos e políticos de ambos os autores, e por fim, supusemos que foi através do contato com a situação argelina, tornou-se possível à Bourdieu construir sua heterodoxia científica, e em Fanon lhe foi possível reconsiderar suas disposições de raça e de estabelecer um próprio projeto político para as populações colonizadas.

Conquanto, para além dessas asserções precedentes da pesquisa, julgo pertinente para este momento, elucubrarmos os efeitos desses percursos intelectuais/políticos de Pierre Bourdieu e Frantz Fanon, para o contexto brasileiro, e, em certos momentos, com o contexto latino-americano.

Dessa elucubração, gostaria de salientar dois aspectos básicos. No primeiro, sobre as dificuldades brasileiras em ler, interpretar e sentir a produção de Frantz Fanon, e em paralelo, certas contribuições latino-americanas para uma melhor incorporação desses estudos. Em um segundo momento, gostaria de destacar a lacuna existente acerca de produções brasileiras sobre a passagem na Argélia por Pierre Bourdieu, e por consequência de seus escritos em etnologia.

5.2 SOBRE ALGUMAS LEITURAS, INTERPRETAÇÕES E SENSAÇÕES ACERCA DA OBRA DE FRANTZ FANON NO CONTEXTO BRASILEIRO:

A fim de ilustrar inicialmente essa proposição, tomo a citação do sociólogo brasileiro, Antônio Sérgio Guimarães, em seu texto, *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra* como ponto inicial para essa discussão.

O pensamento de Fanon chega ao Brasil como chegaram todas as ideias novas — em **livros europeus** — [...] O antirracismo e o anticolonialismo de Sartre conviveram, no Brasil, com o republicanismo de sua audiência — a classe média letrada de estudantes, escritores e intelectuais.²⁵⁰

Essa afirmação, recortada de Guimarães, é um incômodo antigo em minhas leituras. Afinal, como já exposto, meu primeiro contato com a produção de Frantz Fanon se deu através da obra, e das considerações efetuadas por Jean Paul Sartre. Esse incômodo particular, e também presente na escrita de Guimarães, de certo modo, aponta para um problema no nosso contato com a literatura de Frantz Fanon e, em certa medida, para um problema no campo das ciências sociais no Brasil. Em outras palavras, acredito que parte do nosso acesso para discussões locais, continua sendo mediada por epistemologias oriundas de países centrais, dificultando de certo modo, interpretações pontuais sobre certas temáticas. Apesar da longa extensão que o debate dessa temática pode acarretar, chamo a atenção para esta particularidade, tomando parte do meu objeto de pesquisa como referencial - Em síntese, durante os meses de pesquisa, ao analisar produções brasileiras sobre Frantz Fanon, me foi perceptível a leitura residual de sua obra, sempre tolhida sob a compreensão de Sartre.

Ciente dessa constatação, penso ser relevante reafirmar que, a incompletude do projeto intelectual de Frantz Fanon observada em sua trajetória, e inviabilizada pelo cerceamento do campo científico sobre suas produções, parece se reproduzir, mesmo que em um contexto *post mortem* do autor, nas ciências sociais brasileiras. De certa maneira, o que se observa no cenário brasileiro, é um silenciamento da obra de Fanon — talvez resultante da veiculação de Sartre, ou também da invisibilidade de parte dos intelectuais negros/latino americanos no país.

Em certa medida, Sérgio Guimarães acena para essa situação a respeito do pensamento de Frantz Fanon, e o faz através de uma estratégia supostamente antitética.

250 GUIMARÃES, Antônio. *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra*. Novos Estudos 81 Julho 2008. p. 99-115.

De modo genérico, o autor caracteriza as leituras sobre Frantz Fanon no Brasil, através de dois grupos supostamente inconciliáveis, que acredito poder ser caracterizada através dos conceitos de Boaventura de Sousa Santos (campo gnosiológico da compreensão social) – ou seja, da utilização do autor enquanto forma de compreensão de determinado contexto, e (campo gnosiológico da transformação social) isto é, do emprego da teoria do autor enquanto ferramenta para a transformação de determinado contexto. Este conceito de Boaventura, utilizado para mapear a relevância da obra de Marx na contemporaneidade, me parece ser uma forma adequada de apresentarmos os usos brasileiros, de acordo com Guimarães, afinal, ambos parecem compreender o propósito das obras através dessa oposição erigida e inconciliável entre compreensão analítica e transformação social.²⁵¹

Primeiramente, no que tange ao campo gnosiológico da compreensão social, Guimarães adverte que, esta incorporação dos escritos de Frantz Fanon se deu de forma mais acentuada dentro dos círculos não universitários, mas sim nos movimentos negros. Trazendo como escopo, os periódicos e a fala de certos agentes pertencentes aos próprios movimentos negros, o autor nos apresenta que, em certa medida, houve uma afiliação aos escritos de Frantz Fanon no cerne do movimento, contudo, através de uma leitura residual, subsidiada pela tradução portuguesa e fotocopiada de *Pele Negra Máscaras Brancas*. Em outros termos, o que se observou, ao menos do ponto de vista do acesso aos materiais publicados pelo autor, foi uma adepção parcial da literatura, no entanto, compreensível dado o intento do próprio movimento, supostamente de compreender as construções raciais.

Em paralelo, em outro momento do trabalho, observa-se que através dos materiais citados para a discussão, Guimarães supõe que, os movimentos negros, através de certos militantes, passaram a utilizar a literatura de Frantz Fanon através de outra perspectiva, ou seja, através do campo gnosiológico da transformação social – o que se faz relevante nessa transição usual é que, parte destes militantes passou a contemplar esta literatura após período de exílio e de contato com as discussões raciais estadunidenses.²⁵²

Ainda no que tange a utilização da obra de Frantz Fanon, enquanto campo gnosiológico da compreensão social, Guimarães acena que, a camada intelectual branca

251 SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade* - 9ª edição, revista e aumentada. Coimbra: Almedina, 2013. p.33.

252Esta questão se relaciona de certa forma com parte da minha inserção no tema. Como já comentado, parte do meu interesse por tais temáticas advém de discussões estadunidenses e da cultura afro-estadunidense.

e universitária brasileira, viu-se impossibilitada de fazer uso dessa literatura, dado o advento da ditadura civil-militar brasileira. No entanto, desse evento histórico em específico, a utilização de Frantz Fanon, acabou por se dar fora do campo universitário, e sim no campo da militância, representando de certo modo, um uso no campo gnosiológico da transformação social – Utilização esta, pautada na tradução de *Os condenados da terra*, e de sua veiculação por parte das milícias e da clandestinidade brasileira.

Desta justaposição, entre o campo gnosiológico de compreensão social e do campo gnosiológico de transformação social, a literatura de Frantz Fanon, se caracterizou, segundo a perspectiva de Guimarães, a qual eu compartilho, enquanto literatura de militância – atualmente, mais por parte de uma militância da causa negra do que da causa revolucionária (aos moldes marxianos). No que concerne ao campo científico, a inserção do autor, ainda nos parece demasiadamente tímida.

A fim de problematizar essa inserção no campo científico, gostaria de retomar o conceito de colonialidade, presente em Mignolo e Quijano. Se a categoria colonialidade pretende evidenciar o projeto moderno enquanto projeto totalitário, as formas como a academia brasileira parece tentar compreender Fanon partilha da mesma lógica. Em suma, o que se observa é uma grande dificuldade em mensurar a literatura de Frantz Fanon para além das categorias, marxismo, existencialismo e humanismo. Talvez as categorias modernas de epistemologia, hermenêutica e estética, nos impossibilitem de mensurar outro olhar sobre Fanon. Em complemento ao que sugeriu Guimarães, não apenas o nosso acesso à Fanon se deu por vias europeias, mas também, as lentes para a compreensão de sua literatura. Equidistante, devemos considerar e repensar sobre as interferências de uma geopolítica do conhecimento, capaz de mensurar, adaptar e de certo modo, estabelecer os usos da literatura de Frantz Fanon no contexto brasileiro.²⁵³

Semelhante ao quadro esboçado por Guimarães, outros dois autores importantes da sociologia brasileira, expõe em suas produções, de modo clarividente, essa leitura sem assimilação crítica, ou sem uma *redução sociológica*, ou seja, sem nenhum desvelamento, acerca das formas como compreendemos Frantz Fanon.²⁵⁴

Nesse mesmo quadro, Refiro-me aos trabalhos de Renato Ortiz em *Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual*,²⁵⁵ e Renato da Silveira, em passagens do texto

253 MIGNOLO, Walter. *The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference*. SAQ 101.1 (Winter 2002):56-96.

254 Termo emprestado de RAMOS, Alberto Guerreiro. *A Redução Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

255 ORTIZ, Renato. *Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, pp. 425-442.

denominado, *Etnicidade*²⁵⁶.

No caso de Renato Ortiz, em um dos raros materiais produzidos no Brasil a fim de analisar as raízes epistemológicas do pensamento de Fanon, o autor de certo modo, traça aspectos relevantes sobre a inserção do martinicano no campo intelectual francês, e seus diálogos com a filosofia hegeliana, o marxismo humanista e o existencialismo sartriano.²⁵⁷

Embora inaugural, as situações esboçadas por Ortiz²⁵⁸, acenam para a construção do pensamento de Frantz Fanon de tal modo que, se faz impossível viabilizarmos quaisquer formas de heterodoxia em seu pensamento. A propósito, o que se observa é o constante exercício de contemplarmos a literatura do autor, através das lentes de seu interlocutor, Jean Paul Sartre. Embora inegável a relevância de Sartre, não é possível supormos uma idiosincrasia entre sua epistemologia em relação à Fanon?²⁵⁹

Na mesma linha edificante, sobre as interpretações brasileiras ao pensamento de Frantz Fanon, o trabalho de Renato da Silveira traz outras situações unissonantes em relação à Ortiz.

Por exemplo, Silveira sinaliza que, Fanon deve ser compreendido enquanto assimilado, negro educado aos moldes ocidentais, cientista e médico aficionado pela racionalidade científica, cuja proposta política, seria a modernização das nações periféricas.²⁶⁰ Para além, segundo ressalta o autor, Fanon, não esboçou diálogo com a diversidade, pois partilhava de um universalismo metropolitano. Creio que parte desta crítica de Silveira tange às dificuldades de Fanon em lidar com temáticas como tribalismo, religiosidade, magia e clãs. Em passagens de *Os condenados da terra*²⁶¹, esta situação mostra-se clara, no entanto, precisamos mensurar a produção do autor, mediante o contexto das lutas de independência, onde, de certo modo, as preocupações do autor pairavam sob aspectos que, ao menos para aquele momento tornariam incomensuráveis, diálogos sobre circunstâncias tão pontuais.

No tocante desses dois exemplos de leituras sobre Fanon, certas ponderações são

256SILVEIRA, Renato. *Etnicidade*. In: RUBIM, A. (org.). *Cultura e Atualidade*. Salvador: Edufba, 2005. p.40.

257Ortiz traz no corpo do artigo uma situação extremamente relevante. Segundo o autor, o material que originou esse artigo, foi um amontoado de esboços para a publicação de uma coletânea, organizada por Florestan Fernandes. No entanto, acabou sendo barrado pela Editora Ática, e em seu lugar, publicou-se uma coletânea com textos de Pierre Bourdieu, no ano de 1979.

258 Renato Ortiz, em seu clássico, *Cultura brasileira e identidade nacional*. SãoPaulo: Brasiliense, 5ª Ed., 2006. Mensura Fanon através de outra dinâmica. Diferentemente da análise proposta no artigo sobre a trajetória intelectual de Fanon, Ortiz apresenta em seu livro, a importância da obra *Sociologia de Una Revolución* para o imaginário nacional argelino, e conota a representatividade deste texto enquanto um marco para as lutas de libertação da Argélia.

259 A percepção dessas idiosincrasias encontra-se na literatura produzida por: DE OTO, Alejandro. *Frantz Fanon: Política y Poética del sujeto poscolonial*. México: CEEA, 2003.

260SILVEIRA, Renato. *Etnicidade*. In: RUBIM, A. (org.). *Cultura e Atualidade*. Salvador: Edufba, 2005. p.40.

261 Sugiro a leitura dos capítulos: *Desventuras da consciência nacional* e *Sobre a Cultura Nacional*.

essenciais, e acredito que, outras leituras **não brasileiras** sobre o pensamento de Frantz Fanon podem ajudar nesse processo.

A primeira leitura latino-americana sobre Frantz Fanon que julgo proveitosa para repensarmos as nossas lentes, encontra-se na obra do argentino Walter Mignolo. Em seu livro *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonidad*²⁶², Mignolo, considera em suas reflexões, o pensamento de Frantz Fanon enquanto base para uma outra racionalidade possível. Essa crença dialoga com as denúncias de Fanon ao projeto moderno, supostamente emancipador, mas colonialista, e da necessidade de uma racionalidade da libertação, em contraponto ao conceito de emancipação postulado pela razão ocidentocêntrica.

O primeiro cuidado de Mignolo, que me parece incompreensível por parte dos brasileiros citados é, historicizar as ideias de Frantz Fanon, a partir de contextos periféricos. Em outros termos, Mignolo em nenhum momento recorre ao contexto francês, para pensar a relevância da obra de Frantz Fanon. Mas sim, apresenta essa literatura através de um momento oportuno, pós-conferência de Bandung, onde o “desprendimento epistemológico” passava a construir suas bases conceituais, e em diálogo com desprendimentos políticos e territoriais – ou seja, não há uma separação tão rígida entre o campo gnosiológico da compreensão social e o campo gnosiológico da transformação social. Mignolo, ao reafirmar esse momento, retoma à Aníbal Quijano, ponderando que, esse processo não se dará de imediato, mas pela reconsideração e construção de novos usos sobre as categorias ocidentais já dadas.

Em outra passagem, Mignolo observa que, a partir do pensamento de Frantz Fanon se fez possível, um diálogo diferenciado com as categorias ocidentais, onde a matriz colonial de poder passou a ser repensada enquanto problema não apenas para o colonizado, mas sim, para a existência humana. Ademais, é em Fanon, que se observa a gênese desses desprendimentos. Em suma, se Fanon guardou diálogos com a epistemologia moderna colonial, não o fez de forma acrítica, mas sim de modo que, certas categorias como classe e raça passaram a ser compreendidas de outro modo, bem como, as formas de incorporação do racismo e da construção social do negro também receberam novo realce,²⁶³

Na mesma linha, o filósofo caribenho Nelson Maldonado-Torres, autor de diversos

262 MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

263 Nessa obra de Mignolo, encontra-se em abundância, menções à relevância de Fanon para este projeto descolonial. Ver: páginas: 9,15,22,23,26,27,31, 36,33,48,52,84,92,93,94,95,98,99,102,103.

artigos sobre as obras de Frantz Fanon, e defensor de releituras sobre a obra do autor martinicano atesta para a necessidade de compreendermos o pensamento de Fanon, através de uma lógica de transgressão aos pressupostos da racionalidade europeia. Em seu artigo, publicado em língua portuguesa: *A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade* – Maldonado-Torres, expõe que Fanon: “Reclamava a necessidade do reconhecimento da diferença, assim como a necessidade da descolonização enquanto requisito absoluto para o adequado reconhecimento da diferença humana e da concretização de uma forma de humanismo pós-colonial e pós-europeu”.

Em texto análogo, Maldonado-Torres, afirma que:

O cosmopolitismo descolonial de Fanon assentava na luta do povo argelino pela descolonização. O seu cosmopolitismo não sacrificou o comprometimento com a luta local. Mais do que um cosmopolitismo propriamente dito, talvez se deva caracterizar este projeto como uma tentativa de dar expressão a uma consciência descolonial consistente. Para Fanon, a descolonização não se resume a alcançar a libertação nacional, antes implica a criação de uma nova ordem material e simbólica que leva em consideração o espectro completo da história humana, incluindo as suas conquistas e fracassos.²⁶⁴

Ainda em Nelson Maldonado-Torres, mas em outro texto – *Com Fanon, ontem e hoje*²⁶⁵, novamente o que se percebe é a argumentação em prol de uma releitura de Frantz Fanon, além de que, para as dificuldades em compreendermos a elaboração do autor, que não sob uma ótica de sujeitos estigmatizados pelas relações de raça e classe. De fato, o que nos é proposto, é uma leitura de Frantz Fanon, capaz de compreender a relevância de sua produção no seu contexto específico de desprendimento, bem como, dos desdobramentos gerados através de sua obra.

Uma terceira leitura latino-americana relevante, e em contraposição ao ideário apresentado por sociólogos brasileiros, é o trabalho do argentino Alejandro de Oto, denominado *Frantz Fanon: Política y Poética del sujeto poscolonial*.²⁶⁶

Essa obra em específico traz como construção uma gênese dos preceitos de Frantz Fanon e, além disso, acena para rompimentos de Frantz Fanon em relação ao pensamento metropolitano. Diferentemente do que se tornou costumeiro nas interpretações brasileiras, De Oto, reconsidera as influências epistemológicas europeias

264 MALDONADO-TORRES, Nelson. *A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80. Mar. 2008, pp. 71- 114. p. 83.

265 MALDONADO-TORRES, Nelson. *Com Fanon, ontem e hoje*. Disponível em <<http://www.decolonialtranslation.com/portugues/com-fanon-ontem-e-hoje.html>>

266 DE OTO, Alejandro. *Frantz Fanon: Política y Poética del sujeto poscolonial*. México: CEEA, 2003.

sobre Fanon através de uma relação de ambivalência.²⁶⁷ Quer isto dizer que, as construções de Frantz Fanon sugerem um diálogo com o pensamento europeu, como não poderia ser diferente – por outro lado, De Oto acena para rotas europeias, mas, com estratégia própria por parte do autor. Por exemplo, De Oto, mensura os diálogos entre Fanon e o existencialismo de Sartre, considerando a adesão do autor aos conceitos fenomenológicos, enquanto forma de superação ao estruturalismo marxista presente na França, sobretudo na figura de Althusser, durante o período de formação de Frantz Fanon. Em paralelo, De Oto, acena que, diferentemente da possível (a) historicidade do existencialismo de Sartre, o pensamento de Fanon caracteriza-se por procurar uma lógica dentro da teoria da história.²⁶⁸ Em paralelo, ainda sobre as estratégias de Fanon²⁶⁹, De Oto acena que, diferentemente do que se divulgou durante décadas, o pensamento Fanoniano não pode ser mensurado através do marxismo vulgar²⁷⁰. No raciocínio do autor, embora Fanon fizesse uso de certos arquétipos materialistas, seu pensamento conseguiu ser pontual com o seu contexto histórico, com a relativização de certas categorias, e também, da elaboração de novas perspectivas, acerca da relação infraestrutura e superestrutura.

Com efeito, as seis elaborações aqui sintetizadas, nos oferecem construções imagéticas sobre o pensamento de Frantz Fanon, onde de modo oposto, a leitura efetuada por autores brasileiros reafirmam a incompletude do projeto intelectual do autor, colocando-o como um epígono de epistemologias europeias, enquanto que, ao que nos parece, há em tramitação releituras de Fanon, no cenário latino-americano, apreciadas através de lentes outras. Por fim, em relação ao corolário Fanoniano desse trabalho, ainda deixarei em aberto às possibilidades de leitura sobre o autor, bem como, de diálogos com outras epistemologias vizinhas, contudo, devemos ressaltar que, outras lentes que não a Sartriana precisam ser projetadas em nosso olhar sobre Fanon.

267 Sugiro em específico a leitura de: DE OTO, Alejandro. *Histórias de la ambivalencia* In: Frantz Fanon: Política y Poética del sujeto poscolonial. México: CEEA, 2003. p120.131.

268 DE OTO, Alejandro. *Histórias de la ambivalencia* In: Frantz Fanon: Política y Poética del sujeto poscolonial. op.cit., p. 38.

269Ibid., p. 50

270Acerca deste Marxismo vulgar, devemos considerá-lo através de certas considerações. A primeira, para este tipo de marxismo, os fenômenos sociais poderiam ser compreendidos através de um modelo pré-definido. A segunda diz respeito ao seu raciocínio anacrônico, onde, um fenômeno articulado anteriormente torna-se base para a interpretação de outros fenômenos, e por último, há uma personificação sobre certas categorias, como por exemplo, capital, imperialismo e modos de produção, não havendo no corpo analítico a busca pela compreensão dessas categorias.

5.2 A ETNOLOGIA (AINDA ESQUECIDA) DE PIERRE BOURDIEU:

A partir de um título semelhante ao desse item, em 2004, o antropólogo Klaas Woortman, elaborou um artigo problematizando os usos de Pierre Bourdieu no campo da etnologia.²⁷¹

Utilizando como parâmetro um artigo anterior, elaborado pela antropóloga Marisa Peirano, acerca da etnologia (esquecida) de Florestan Fernandes, Woortman realiza considerações sobre o desuso da etnologia produzida por Pierre Bourdieu no contexto das ciências sociais brasileiras. O foco central na discussão de Woortman é concernente aos possíveis contributos da análise de Bourdieu acerca das relações de parentesco, e para tal, o mesmo reconsidera produções de Bourdieu sobre a temática argelina, bem como, sobre a população do Béarn – França.

A circunstância dessa menção à Woortman parte do incômodo que, embora o autor mencione sobre esta etnologia (quase esquecida), de certo modo, a etnologia bourdieusiana permanece em esquecimento no campo das ciências sociais brasileiras. De igual forma, os resgates propostos pelo autor, encontram-se demasiadamente recortados em torno da noção de parentesco. Indubitavelmente, os trabalhos de Bourdieu sobre o parentesco na sociedade cabila, foi um marco para os estudos de parentesco, afinal, foi a partir destes estudos que, a sua teoria da prática passou a ser elaborada²⁷², no entanto, a etnologia de Bourdieu não deve ser resumida apenas a este tema.

Com efeito, para além desse recorte na produção bourdieusiana, devemos considerar que, os três ensaios mencionados por Woortman, e reproduzidos em outras leituras sobre Bourdieu, são concernentes à obra *Esquisse d'une théorie de la pratique* (*Bosquejo de una teoría de la práctica*) obra seminal no retorno de Bourdieu à metrópole.²⁷³

Parece-me que, a etnologia de Bourdieu, produzida em território argelino²⁷⁴, ou até mesmo, obras cujo tema central é a situação argelina, publicadas em 1963²⁷⁵, 1964²⁷⁶, 1977²⁷⁷; permanecem em esquecimento.

271 WOORTMANN, Klaas. A etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou o que fazer com heresias. RBCS Vol. 19 nº. 56 outubro/2004.

272 Ver: CRIADO (2013), GOLDMAN, Jane. SILVERSTEIN, Paul. (2009).

273 BOURDIEU, Pierre. *Bosquejo de una teoría de la práctica*. Buenos Aires, Prometeo, 2012.

274 BOURDIEU, Pierre. *Antropología de Argelia*. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007.

275 BOURDIEU, Pierre. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris: Mouton, 1963.

276 BOURDIEU, Pierre. & SAYAD Abdelmalek. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Ed. Di Minuit, 1964.

277 BOURDIEU, Pierre. *Argelia 60: Estructuras económicas y estructuras temporales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006

Pelo que aparenta, o uso da etnologia argelina de Bourdieu nos atuais estudos brasileiros, limita-se em retomar os esboços introdutórios à obra *Esquisse d'une theorie de la pratique*, (*Bosquejo de una teoría de la práctica*) publicada em 1972.

Em suma, ainda o que se observa é um esquecimento das produções de Pierre Bourdieu sobre a Argélia, bem como, de suas obras anteriores à consagração de sua heterodoxia. E possíveis desdobramentos, como etnografias e estudos estatísticos continuam inexplorados no campo científico brasileiro.²⁷⁸

As motivações para o esquecimento destes trabalhos podem ser inquiridos por uma certa lógica. Em primeiro plano, são etnografias que carregam forte diálogo com um escopo teórico em específico. No caso, o estruturalismo de Lévi-Strauss. Como já discutido no transcurso do trabalho, houve nas primeiras produções de Bourdieu um flerte com as suposições de Lévi-Strauss e Émile Durkheim. E com efeito, tais interpretações, supostamente tenham perdido a sua relevância em um contexto, pós Foucaultiano, demarcado pela oposição à noção de estrutura.

No entanto, apesar da coerência destes argumentos, é possível mensurarmos que, outros autores no mesmo período, como por exemplo os antropólogos britânicos clássicos, produziram etnografias, no mesmo contexto da descolonização africana, contudo, seus trabalhos continuaram sendo revisitados e reinterpretados no campo das produções brasileiras. O que separaria a validade dos escritos destes antropólogos em relação à Bourdieu?

Talvez a diferenciação, tenha se dado pelas próprias estratégias de empoderamento articuladas por Bourdieu. Pois, em certa medida, ao emigrar para a sociologia e para temáticas outras, a própria obra do autor acabou por silenciar a experiência argelina, com exceção de certas notas em determinadas obras posteriores. Em síntese, terá a teoria bourdieusiana, precocemente estruturada²⁷⁹, impedido o acesso à gênese da episteme do autor?

Em certa medida penso que sim, afinal, os usos mais costumeiros da obra de Pierre Bourdieu partem do diálogo com o sua multiplicidade de conceitos, e dificilmente, estes usos implicam no resgate de uma genealogia do conceito, bem como, de sua

278As obras de Pierre Bourdieu sobre a Argélia até o presente momento não se encontram traduzidas para o público brasileiro. Para além dessa lacuna, as obras em outros idiomas se encontram escassas até mesmo nas bibliotecas. O acesso de certas fontes se deu através da busca por formatos eletrônicos, bem como, da disponibilidade do professor Marcos Silva da Silveira em fotocopiar, e enviar-me diretamente do acervo do Museu Nacional da UFRJ.

279 Raymond Aron, ao admitir Bourdieu como seu assistente, questionava a quantidade de conceitos fechados elaborados por Bourdieu naquele período de retorno à metrópole. Ver: BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. Op.cit., p.88.

contextualização historicizada. Em conclusão, a obra de Pierre Bourdieu sobre a experiência argelina, mostra-se inexplorada pelas ciências sociais brasileiras, e caminha para uma exploração dos significados tanto na França quanto em outras regiões.

Finalizando, penso ser sugestivo para os possíveis desdobramentos desta pesquisa, reconsiderarmos de modo crítico, os usos da literatura de Frantz Fanon assim como de Pierre Bourdieu nas ciências sociais brasileiras, e de certo modo, estendermos os diálogos com leituras outras, mediatizadas por literaturas pouco exploradas, e por contextos díspares.

REFERÊNCIAS

ACHI, Raberh. The French Colonial State and the Creation of a New Religion: "l'islam algérien". XVII th Council for European Studies Conference (15-17th April 2010, Montreal).
Disponível em: <http://www.sciencespoaix.fr/media/Achi_french_colonial_state.pdf>

ADDI, Lahouri. *Pierre Bourdieu, l'Algérie et le pessimisme anthropologique*. Petit-déjeuners de la MOM, 2007.
Disponível em: <http://www.mom.fr/IMG/pdf/PtDej_Lahouari.pdf>

AGERON Charles-Robert. L'Association des étudiants musulmans nord-africains en France durant l'entre-deux-guerres. Contribution à l'étude des nationalismes maghrébins. In: Revue française d'histoire d'outre-mer, tome 70, n°258-259, 1er et 2e . trimestres 1983. Le Maghreb et la France de la fin du XIXe siècle au milieu du XXe siècle (1re Partie) pp. 25-56.
Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/outre_0300-9513_1983_num_70_258_2408>

AÏT AMARA, Hamid. La terre et ses enjeux en Algérie. In: *Revue du monde musulman et de la Méditerranée*, N°65, 1992. pp. 186- 196.
Disponível em: <>

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. *Da violência*. Brasília: UNB, 1985.

BALANDIER, George. A noção de situação colonial. In *Cadernos de Campo*, ano III, n.3, 1993. São Paulo, Antropologia – USP. p. 112.

BERNARD, Augustin. DOUTTÉ Edmond. L'habitation rurale des indigènes de l'Algérie. In: *Annales de Géographie*. 1917, t. 26, n°141. pp. 219-228.

Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1917_num_26_141_8629>

BOURDIEU, Pierre. *Antropologia de Argélia*. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A casa ou o mundo às avessas*. In: CORRÊA, Mariza. (org) *Ensaio sobre a África do Norte*. Campinas: Unicamp, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Argelia 60: Estructuras económicas y estructuras temporales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006

_____. *As regras de arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. El parentesco como representación y como voluntad. In: *Bosquejo de una teoría de la práctica*. Buenos Aires, Prometeo, 2012.

_____. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. *Le choc des civilisations*. In: *Le sous-développement en Algérie*. Alger: Secrétariat Social.

_____. L'illusion biographique. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Vol. 62-63, 1986, pp. 69 72.

_____. Making the economic habitus: Algerian Workers revisited. *Ethnography*, vol. 1 (1) 17-41, 2000.

_____. *O senso prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. *O sentido de honra*. In: CORRÊA, Mariza. (org) *Ensaio sobre a África do Norte*. Campinas: Unicamp, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris: Mouton, 1963.

_____. & SAYAD Abdelmalek. *Le déracinement: La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Ed. Di Minuit, 1964.

_____. & _____. Paysans déracinés. Bouleversements morphologiques et changements culturels en Algérie. In: *Études rurales*, N°12, 1964. pp. 56-94.

Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rural_0014-2182_1964_num_12_1_1132>

_____. WACQUANT, Loic. Una invitación a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2005.

BOYER, Robert. L'anthropologie économique de Pierre Bourdieu, *Actes de la recherche en sciences sociales* 5/ 2003 (n° 150), p.65-78.

Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_2003_num_150_1_2772>

BURAWOY, Michael. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

CAUTE, David. *Fanon*. Londres: Wm – Collins & Co. Ltd, 1970.

CHATTERJEE, Partha . *Colonialismo, Modernidade e Política*. Salvador: Edufba, 2004.

CONNELL, R. Why classical theory is classical?" *American Journal of Sociology*, 102 (6),. 1997, pp. 1511–1557.

CRAPANZANO, Vicent. *On Self characterization*. Chicago: Center for psychological studies, 1988.

_____. The self, the third, and desire', In *Psychosocial theories of the self*. New York: Benjamin Lee (Ed.) 1979.

CRIADO, Enrique. Cabilia: la problemática génesis del concepto de habitus. *Revista mexicana de Sociología*, 75 (enero-marzo), 2013.

_____. The self, the third, and desire', In *Psychosocial theories of the self*. New York: Benjamin Lee (Ed.) 1979.

DE OTO, Alejandro. Frantz Fanon: Política y Poética del sujeto poscolonial. México: CEEA, 2003.

DUMONT, Louis. Castas, racismo e estratificação. In: AGUIAR, Neuman (org) *Hierarquias em classes: uma introdução ao estudo da estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: EDUSP, 1988.

_____. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.

DURKHEIM. Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3º Ed. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

_____. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002. p.

FANON, Frantz. A Argélia que se desvela. In: CORRÊA, Mariza. (org) *Ensaio sobre a África do Norte*. Campinas: Unicamp, 2002.

_____. *Carta al ministro residente*. In: *Por la revolucion africana*. México: Fondo de cultura, 1975.

_____. *Decepciones e ilusiones del colonialismo francés* In: *Por la revolucion africana*. México: Fondo de cultura, 1975.

_____. *Descolonización e Independencia*. In: *Por la revolucion africana*. México: Fondo de cultura, 1975. p.

_____. *La Família Argelina*. In: *Sociologia de una Revolución*. Buenos Aires, Tolemia, 2012.

_____. *Los intelectuales y los demócratas franceses ante la Revolución Argelina*. In: *Por la revolucion africana*. México: Fondo de cultura, 1975.

_____. *Os condenados da terra*. Salvador: UFBA, 2010.

_____. *Pele Negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.

_____. Racismo y cultura. In: *Por la revolucion africana*. México: Fondo de cultura, 1975.

EICKELMAN, Dale. *Afterword. Re-reading Bourdieu on Kabylia in the Twenty-First Century*. In: Bourdieu in Algeria: Colonial politics, ethnographic practices, theoretical developments. Nebraska: Univesity of Nebraska Press, 2009, p. 263.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. GEISMAR, Peter. *Frantz Fanon: evolución de un revolucionario*. In Worsley, Peter. *Frantz Fanon y la revolución anticolonial*, Buenos Aires, Ediciones del Siglo, 1970.

GARCIA-PARPET, Marie-France. A gênese social do homo-economicus: a Argélia e a sociologia da economia em Pierre Bourdieu. *Mana*, Rio de Janeiro , v. 12,n. 2 Oct. 2006 .

GENDZIER, Irene. *Frantz Fanon. Un estudio crítico*. México: ERA, 1977.

GOLDMAN, Jane. SILVERSTEIN, Paul. *Bourdieu in Algeria: Colonial politics, ethnographic practices, theoretical developments*. Nebraska: University of Nebraska Press, 2009.

GUÉRIOS, Paulo. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com diferenças de escalas. *Revista Campos* 12 (1) 9-29, 2011.

GUY, Pervillé :Messali Hadj, pionnier du nationalisme algérien (1898-1974) *Revue française d'histoire d'outre-mer*, tome 73, n°270, 1er trimestre 1986. Madagascar et l'Europe (1re Partie) pp. 101-105.

Disponível em: <http://persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remmm_0035-1474_1983_num_36_1_2001>

HANSEN, Emmanuel. *Frantz Fanon: Portrait of a revolutionary*. In. GIBSON, Nigel. (ed) *Rethinking Fanon: The continuing Dialogue*. New York: Humanity Press, 1999.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito – parte I*. Petrópolis: Vozes , 1992.

HERZFELD, Michael. *Anthopology through the looking-glass: Critical ethnography in the margins of Europe*. New York: Cambridge Univesity, 1987. p. 8; 38; 84.

ISNARD, Hildebert. Vigne et colonisation en Algérie. In: *Annales de Géographie*. 1949, t. 58, n°311. pp. 212-219. p. 213 -214.

Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1949_num_58_311_12660>

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Lição de escrita*. In *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p 278-287.

_____. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.

_____. *Raça e História*. In: Lévi-Strauss (Os Pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MAISON Dominique. La population de l'Algérie. In: *Population*, 28 e année, n°6, 1973 pp. 1079-1107.

Disponível em: <>

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU-EDUSP 1974.

MEMMI, Albert. The Impossible Life of Frantz Fanon. *The Massachusetts Review*, Vol. 14, N.01, 1973, p.9-39.

_____. *Retrato do Colonizado precedido de Retrato do Colonizador*: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MERLE Isabelle. De la "législation" de la violence en contexte colonial. Le régime de l'indigénat en question. In: *Politix*. Vol. 17, N°66. Deuxième trimestre 2004. pp. 137-162.

Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/polix_0295-2319_2004_num_17_66_1019>

MÉSZÁROS, István. A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo, 2012.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MOATASSIME, Ahmad. Islam, arabisation et francophonie : Une interface possible à l'interrogation "Algérie-France-Islam"? *Confluense*. Automne, 1996 .

Disponível em: <<http://www.confluences-mediterranee.com/Islam-arabisation-et-francophonie>>

ORTIZ, Renato. Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, pp. 425-442.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In 25ª reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006.

OWUSU, Maxwell. *Agropecuária e o desenvolvimento rural*. In: MAZRUI, Ali, (org) *História Geral da África*. VIII, *África desde 1935*. Brasília: Unesco, 2010, p.390.

RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 1999.

REED-DANAHAY, Debora. *Bourdieu's ethnography in Béarn and Kabylia*. In: *Bourdieu in Algeria: Colonial politics, ethnographic practices, theoretical developments*. Nebraska: Univesity of Nebraska Press, 2009.

SAINTE-MARIE, Alain. La province d'Alger vers 1870 : l'établissement du douar-commune et la fixation de la nature de la propriété en territoire militaire dans le cadre du Sénatus Consulte du 22 Avril 1863. In: *Revue de l'Occident musulman et de la*

Méditerranée, N°9, 1971. pp. 37-61.

Disponível em:

<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/camed_03959317_1971_num_3_1_1350>

SARTRE, Jean Paul. *O colonialismo é um sistema*. In Colonialismo e Neocolonialismo (situações, V). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

SAHLINS, Marshal. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. Colonialismo e migrações. *Mana*, 2 (1) p.155-170, 1996.

SOREL, Georges. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Vozes, 1993.

SPIVAK, Gayatri. *En otras palabras, em outros mundos: ensayos sobre política cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

STANTON, Andrea. : The changing face of El Moudjahid during the Algerian War of Independence, *The Journal of North African Studies*, 16:1, 59-76, 2011.

Disponível em: <<http://www.africabib.org/http.php?RID=334567963>>

STRICKLAND, William. Frantz Fanon: his life and work. *Afro-american Studies Faculty Publication Series*. Paper 8, 1979.

TALBO-BERNIGAUD, J.-P. Les zones interdites. *Les Temps Modernes*, n. 177, p. 709-726, déc. 1960 *Apud* BOURDIEU, Pierre. SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o saber cultural. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 26, p. 41-60, jun. 2006, p. 42.

TINTHOIN, Robert. Algérie 1945. In: *L'information géographique*. Volume 10 n°4, 1946. pp. 133-143. p. 134.

Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ingeo_0020-0093_1946_num_10_4_5187>

TURNER, Lou. *Fanon and the FLN: Dialectics of organization and the Algerian Revolution*. n. GIBSON, Nigel. (ed) *Rethinking Fanon: The continuing Dialogue*. New York: Humanity Press, 1999.

WACQUANT, Louis. Seguindo Bourdieu no campo. *Rev. Sociol. Polít.* Curitiba, 26 , p. 13-29, jun. 2006. p. 21.

WEBER, Max. *Ensaaios de sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WOORTMANN, Klauss. A etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou o que fazer com heresias. *RBCS Vol. 19 n°*. 56 outubro/2004.

YAKSCI, María. Notas sobre la vida y obra de Frantz Fanon. In OLIVA, Elena, STECHER, Lúcia, ZAPATA, Claudia (org) *Frantz Fanon desde América Latina: Lecturas contemporáneas de un pensador del siglo XX*. Buenos Aires: Corregidor, 2013.

YAZBEK, Mustafa. *A revolução Argelina*. São Paulo: UNESP, 2010.

YOUNG, Kurt. Untrapping the Soul of Fanon: Culture, Consciousness and the Future of Pan-Africanism. The Journal of Pan African Studies, vol.4, no.7, November 2011.

ZAHAR, Renate. *Colonialismo y enajenación*: Contribución a la teoría política de Frantz Fanon. México: Siglo XXI, 1970.

ZIMMERMANN, Maurice. Le recensement de 1911 en Algérie. In: Annales de Géographie. 1912, t. 21, n°116. pp. 184-185. doi : 10.3406/geo.1912. 7204.

Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1912_num_21_116_7204>